

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*GUSTAVO BARROSO: A TRAGÉDIA SERTANEJA
A CRIAÇÃO DO PERSONAGEM POPULAR
1912-1959*

Raimunda Rodrigues Oliveira

Fortaleza
Setembro de 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*GUSTAVO BARROSO: A TRAGÉDIA SERTANEJA
A CRIAÇÃO DO PERSONAGEM POPULAR
1912-1959*

Raimunda Rodrigues Oliveira

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa.

**Fortaleza
Setembro de 2004**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Raimunda Rodrigues Oliveira

Dissertação examinada e aprovada, em 01 de outubro de
2004, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora,
composta pelos professores:



Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa
Orientadora



Examinador



Examinador

Fortaleza
Setembro de 2004

*Agradeço ao meu Senhor, Deus Altíssimo, Todo Poderoso,
Perfeito, Infinito, Justo, Grande em Misericórdia, que me
concedeu tudo o que tenho, a Ele todo o meu amor, toda
adoração,
Jesus, o Cristo.*

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não é somente fruto de trabalho, mas também de muito prazer. O fazer do historiador com todas as suas aspas, reticências, divergências, autores e teorias, para mim, é fonte de deleite e realização, profissional e pessoal.

Por isso, devo agradecer em primeiro lugar ao Departamento de História da UFC, como um todo. Professores, servidores, cada um teve sua parcela de contribuição, num departamento tão pequeno, tão carente de tudo aquilo que todas as universidades públicas brasileiras necessitam, principalmente na área tão poeticamente chamada de ciências humanas. Especialmente aos professores Ivone, Fred, Almir, Frank, Funes e aos funcionários, Regina e Constantino.

Ao professor Almir, agradeço a gentileza em valiosas indicações teórico-metodológicas e historiográficas durante o exame de qualificação e mesmo após este, indicações que ajudaram a estruturar este trabalho.

Mais especialmente, à minha orientadora, Profa. Ivone Cordeiro Barbosa, o carinho, a sinceridade, numa convivência de confiança e amizade. A professora que em meu primeiro dia de aula na universidade, ministrando "Fundamentos", me mostrou uma história diferente, e durante todos estes anos transformou-se, para mim, num símbolo de trabalho e honestidade no meio acadêmico (tão carente de pessoas assim). Mais do que símbolo, é exemplo que desejo seguir, como profissional e como ser humano. Obrigada!

A experiência do mestrado, para mim, é indissociável do percurso da graduação, por isso gostaria, não de agradecer exatamente, mas de lembrar da turma que iniciou o curso de história comigo. São tantos e com trajetórias tão diversas, que me parecem ilustrar melhor que qualquer estudo, o que é ser historiador neste país.

Também não posso deixar de lembrar minha turma do mestrado, companheiros de espantos, de dúvidas e de alegrias, Amigo Adauto, Vânia,

Também não posso deixar de lembrar minha turma do mestrado, companheiros de espantos, de dúvidas e de alegrias, Amigo Adauto, Vânia, Sander, Fabiano, Nuno, Daniela, Cristina, Alúzio, Isaíde, Germana, Elizabete, Hilário, Jovelina, Silviana, Prof. Assis, e Régia, que mesmo sem ser, é da turma.

Especialmente às Amigas que, mesmo antes do meu ingresso na universidade me incentivaram e acreditaram que eu não só poderia, mas deveria, Suzy Elida, Geane e Cristóvão, Ana Cláudia, Ijane.

Presença constante e imprescindível minhas Amigas, Adriana Portil, Alana, Marcinha, Ro.

Agradeço à minha família, onde adquiri os valores que norteiam minha existência, a Seu Aldemir e Dona Mundica. Aos meus irmãos o carinho Neinha, Sid, Leo e Deusney.

E aos meus muito amados sobrinhos, Bibi, Digo, Quico, Cristiano, Rodolfo, e Renan.

Agradeço a CAPES, que me concedeu uma bolsa de mestrado, sem a qual este trabalho teria se tornado bem mais difícil de realizar.

O HISTORIADOR

*Veio para ressuscitar o tempo
e escalpelar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaças, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas.*

*Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.*

*É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A partir da análise dos romances e contos do literato cearense Gustavo Barroso, buscou-se perceber a imagem do homem popular brasileiro tecida e compartilhada pelos letrados do final do século XIX e começo do século XX. Considerando a literatura e a produção científica sobre o assunto, compreendemos que as obras estudadas trazem uma concepção de sertanejo como um indivíduo com uma trajetória fundamentalmente trágica, tragicidade cujas causas estariam na incapacidade gerada pela herança das raças consideradas inferiores e pelo convívio com a natureza considerada indomável. Visto através das lentes letradas, o homem popular brasileiro é tingido simultaneamente com as cores das teorias raciais européias e do exotismo do pensamento romântico, que via o camponês como o depositário de tradições ancestrais da humanidade.

INTRODUÇÃO

1. GUSTAVO

LISTA DE

2. CONTEÚDO

3. SUMÁRIO

ABSTRACT

On the basis of the analysis of Ceará's writer Gustavo Barroso's novels and tales, this work aims to realizing the image of popular Brazilian man built and shared by literates of the end of XIX century and beginning of XX one. Taking into account the literature and the scientific production related to this subject, we ponder that the studied sources put forward a vision of the bushman as that of an individual with an existential course fundamentally tragic, tragicity whose causes would be enrooted in the inability created by the heritage of races considered inferior and by the living with an uncontrollable nature. Seen through literate lens, Brazilian popular man is painted simultaneously with colours of European racist theories and of exoticism of Romantic thought, which used to assess the bushman as a mayor representative of ancestral traditions of mankind.

CONSIDERAÇÕES

FONTES

BIBLIOGRAFIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. GUSTAVO BARROSO: FORMAÇÃO INTELECTUAL E REPERTÓRIO DE LEITURAS.....	25
1.1. Os Caminhos do Poder: trajetória social	25
1.2. Os Caminhos do Saber: o cientificismo.....	44
1.3. Os Caminhos do Saber: o romantismo.....	61
2. A TRAGICIDADE DO SERTANEJO NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO:.....	79
2.1. Entre o Heroísmo e a Vilania: o sertanejo	79
2.2. Entre Academias, Faculdades, Romances e Contos: o sertanejo.....	92
3. A TRAGÉDIA SERTANEJA EM GUSTAVO BARROSO.....	130
3.1. Entre a Tradição e a Modernidade: tecendo uma memória.....	130
3.2. Entre Contos e Romances: a tessitura da tragédia	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
FONTES.....	189
BIBLIOGRAFIA.....	189

*Porque na muita sabedoria há muito enfado
E quem aumenta ciência aumenta tristeza.*

Eclesiastes 1: 18

Introdução

Tomar inteligíveis os processos sociais parece ser a tarefa do historiador. Porém, é uma tarefa que só se torna possível através da polifonia contida nos documentos, uma vez que estes são construídos pelo imaginário social de sua época. Ao identificar a linguagem como experiência social é possível perceber o liame que a prende ao desejado e ao vivido, a demonstrar o lugar que diferentes vozes ocupam em diferentes momentos nas transformações históricas, identificando suas ambigüidades, contradições, ditos e interditos.

Como poderia, pois, o historiador trabalhar os mitos que se formam no interior das relações sociais, senão a partir daqueles elementos da cultura que os compõem e, principalmente, como um campo de disputas, estabelecendo na dinâmica social as relações de poderes, em que se afirmam e subvertem valores, numa luta entre forças multifacetadas e contraditórias. Na tecelagem da construção narrativa, surgem os argumentos, símbolos e signos que buscam a legitimidade.

Sendo assim, quais os significados da minha metodologia de trabalho? Se contar e contar já é interpretar, torna-se possível perceber a confluência entre o posicionamento ético e a forma de trabalho do pesquisador, no objeto escolhido.

O que significa trabalhar um texto literário enquanto problemática social? Quando se torna possibilidade de lente tradutora de um determinado contexto histórico, a narrativa denominada ficcional torna-se um "locus" privilegiado para o desvendamento de diversas instâncias da vida social, pelo imbricamento que aí elas adquirem.

O que busca um historiador quando se debruça sobre uma obra literária? O que o move quando orienta seu trabalho na direção de uma linguagem artística, aquela que claramente advoga a subjetividade, o deleite e o delírio?

Sendo o discurso histórico uma busca pela possibilidade de clareza e pelo distanciamento, capazes de suscitar o entendimento, quais seriam os métodos apropriados para investigar, nos meandros da arte, as noções de temporalidade e o sentimento que interliga a vivência individual e social de uma época?

Se todo pensamento, mesmo individual, é social, a linguagem artística, apesar de seu "hermetismo", é possuidora de uma forma partilhada de vivências traduzidas num discurso, organizadas segundo os símbolos passíveis de serem compartilhados. A noção da linguagem como organizadora de toda a vivência social traz a perspectiva da necessidade de discutir a própria narrativa, enquanto reunião de elementos específicos para a transmissão de uma determinada mensagem.

Luce Giard, fazendo a apresentação do livro de Certeau **A Invenção do Cotidiano**, afirma que ele desenvolve em seus livros, a idéia de que a matriz das sociedades ocidentais, segundo "*uma racionalidade conquistadora*", remete ao processo da escrita. A palavra escrita torna-se "*a grande fabricante, fonte de todo poder*". O mito que traduziria perfeitamente este acontecimento seria a história de Robinson Crusóe, em que "*o sujeito da escritura é o senhor, e o trabalhador que maneja outra ferramenta que não a linguagem será Sexta-feira*"¹.

O objetivo deste trabalho é discutir a afirmação da escrita enquanto instrumento do poder conquistador e civilizador: a apropriação pelos intelectuais de um saber específico, que se pretende absoluto e norteador de valores "*reais*" na direção da civilização redentora. O outro, o trabalhador, aquele que não detém os segredos, ou as habilidades das letras, será relegado ao papel de uma cultura de "*segunda classe*", menor, por não ter o seu saber construído a partir dos parâmetros racionalistas propostos pelo conhecimento pretensamente verdadeiro - científico. Em conseqüência, os setores subalternos da sociedade vêm seu saber reconhecido, na medida em que são inscritos sob os signos da sociedade

¹CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano* - Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

da escritura. Enfim, é o letramento, quando faz a transição entre o oral e o escrito, que lhe dá o estatuto de saber legítimo.

Parece-me imprescindível, no momento presente, a tentativa de repensar a trajetória da nossa intelectualidade, de cientistas sociais ou literatos, os homens de letras que, nesse país, sempre tiveram um percurso bem próximo da organização da vida política nacional. Os integrantes das elites letradas sempre agiram como arautos, redentores, missionários, portadores das boas novas da civilização ou defensores dos mais humildes. O Brasil, pela primeira vez em sua história, tem um presidente da República oriundo dos setores iletrados; é mister refletir profundamente sobre que tipo de mudanças foram necessárias até que isto ocorresse.

É sob a inspiração de Michel De Certeau que foi construído este trabalho. Sob a delicada questão que envolve a tomada de consciência do lugar que a produção do conhecimento e da escrita da história ocupam na sociedade letrada ocidental. E também de autores como Tzvetan Todorov² e Edward Said³, que buscaram com suas pesquisas demonstrar de que forma esta sociedade letrada ocidental construiu, a partir de seus próprios referenciais, paradigmas para a elaboração do impacto de suas experiências com povos de culturas diversas da sua. E mais do que isso, de que forma esses paradigmas tornaram-se hegemônicos, conseguindo ocultar a alteridade da vivência de povos e grupos conquistados ou submetidos, indo além da questão geográfica, já que o discurso etnocêntrico é assumido com fervor pelas elites destes povos conquistados que os aplicam aos setores que não se encaixam no perfil dessa sociedade.

Minha atenção foi chamada a primeira vez para esse assunto quando, na graduação, integrante do grupo de pesquisa liderado por minha orientadora, Professora Ivone Cordeiro, entrei em contato com os relatos dos viajantes e naturalistas europeus que estiveram no Brasil durante o século XVIII e XIX.

²TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

³SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Toda a obra do escritor cearense Gustavo Barroso encontra-se impregnada desse esforço de busca e, simultaneamente, afirmar a existência de um homem sertanejo, que é depositário daquilo que é genuinamente brasileiro e ao mesmo tempo enquadrá-lo em normas de civilidade que seriam de âmbito "universal". Homem nascido no final do século XIX, escreveu desde 1912 até a década de 50 do século XX uma extensa obra que chega a mais de uma centena de títulos, entre contos, romances, historiografia, traduções, conferências etc.

Seu envolvimento com a Aliança Integralista e seu ferrenho anti-semitismo fez com que houvesse uma deliberada rejeição a praticamente toda essa obra, com exceção, talvez, de **Terra de Sol**. Porém, a simpatia pelos movimentos de inspiração autoritária traduz o pensamento de grande parte dos setores dirigentes nacionais, e inclusive concretizou-se na construção do Estado Novo e nos grupos que lhe deram sustentação. Gustavo Barroso afirma em seus livros doutrinários que somos "*simplesmente ramos da mesma árvore, filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária do Universo*"⁴.

O pensamento exposto nestes livros é claramente ligado ao que acontecia no mundo, não só na Alemanha e na Itália, como uma reformulação no cenário das potências, um rearranjo dos grupos dominantes e das idéias que fundamentam seus discursos, em que a relação dos líderes com as massas assume dimensões inimagináveis. É esse o projeto que Gustavo Barroso defende para a organização da sociedade brasileira. E é esse projeto que aparece em toda a sua obra, seja ela historiográfica, folclórica, sociológica ou literária.

O que seria sua obra senão a publicização de seu pensamento? O que mais seria o afã de editar, e editar tantos livros, senão o desejo de ser ouvido?

À parte deste desejo de editar e da capacidade de poder fazê-lo, existe um saber que seria aquilo que o autoriza a emitir seu discurso e viver sua militância. Foram as origens desse saber que eu procurei discutir nesse trabalho. Onde Gustavo Barroso achou as raízes do saber que professava e que acreditava ser o

⁴Barroso, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935, p. 12.

melhor para guiar seu país? E mais do que isso, já que este é o eixo de toda a sua obra, onde estão os fundamentos de seu saber sobre o homem popular brasileiro?

De onde este autor retirou as bases e como formulou a concepção deste homem como um ser trágico? Pensar que tipo de conseqüências trouxe à nossa cultura essa relação problemática estabelecida entre as elites letradas (em seus vários matizes) e a massa subalterna, considerada trágica, é o objetivo deste trabalho.

A tragédia grega tem sido ao longo dos tempos uma referência para se refletir sobre o homem e seus dilemas de ordem moral e ética, além de permitir a discussão sobre as forças que seriam capazes de reger a vida humana à revelia de sua própria vontade - Deus, o destino...

Porém, além das obras da Antiguidade, a formação do pensamento de um letrado que nasceu no final do século XIX inclui a questão primordial a partir da qual tem origem toda a modernidade. A construção de uma memória da sociedade ocidental. É aqui que estão as preocupações nacionalistas de Gustavo Barroso: em estar inserido nessa discussão, e em inserir nela, mostrar a partir dela - já que é ela que tem legitimidade - o objeto de suas preocupações com relação ao futuro do país: o homem popular brasileiro.

*"Mongolóides, negroides e brancoides, descendentes de tribus primitivas, de fetichistas brancos ou de civilizados secundários e terciários, na maioria, os nossos contemporâneos traém nas faces, nos gestos, nas palavras e nos atos a anarquia mental e moral de onde provêm plasmadas na exuberância e na lassitude do clima tropical"*⁵.

A preocupação de Gustavo Barroso com relação ao sertanejo é a mesma dos pesquisadores europeus que pensam sobre os povos colonizados e as conseqüências da mestiçagem. A modernidade ocidental construiu-se sobre o etnocentrismo. A sociedade letrada européia que conquista o Novo Mundo só emerge este "novo" a partir de si mesma. A cultura desses povos, vista sob a ótica de sua própria cultura, não demonstra novidade e sim um defasamento ou desvio daquilo que é considerado o normal e o aceitável.

⁵ BARROSO, Gustavo. *Luz e Pó*. Rio de Janeiro: Renascença, 1932, p. 20.

Todorov demonstrou a força que a literatura edênica possuía no imaginário dos conquistadores. E é esse contato entre as culturas que leva à discussão sobre as origens da humanidade, onde se origina o desejo de estabelecer as diferenças antropológicas entre os diversos povos que habitam a face da terra, já que o discurso religioso já não era capaz de conter o homem interessado em conhecer além do que lhe era permitido durante o medievo.

A história escrita do homem americano tem como nascente as narrativas dos viajantes. Desde Humboldt até Gardner, entre tantos outros, que construíram uma determinada idéia de um "ser" especificamente diferenciado do europeu. Gustavo Barroso era um leitor desses viajantes, cita-os constantemente e, apesar de americano, compartilha dos mesmos referenciais etnocêntricos sobre o homem brasileiro.

A produção literária de Gustavo Barroso é mostra riquíssima de toda uma época de ebulção cultural, o início do século XX, na Capital Federal, e de um grupo de escritores, denominados polígrafos, do qual o expoente máximo foi Coelho Neto. Este grupo é assim chamado pela diversidade de suas atividades de escrita em diferentes ramos (jornalismo, literatura, história, folclore, política, etc) bem como pela fecundidade de suas publicações.

Considerado elegante e adepto da boemia, oriundo de uma tradicional família cearense, o escritor chega ao Rio em 1910 e, como muitos outros jovens de cidades do interior do país, ambiciona o sucesso e o reconhecimento pessoal. Ainda em Fortaleza, porém, já tinha toda uma trajetória de correspondente de jornais e revistas cariocas, como **O Malho**, **Tico-tico**, **Fon-fon**.

Segundo Otacílio Colares⁶, Gustavo Barroso era assíduo freqüentador das elegantes rodas literárias e das revistas ilustradas que constituíam os requintes da moda, imerso numa atmosfera de luxo e literatura beletrista que caracterizou a sociabilidade das classes abastadas da época em que ele viveu, o final da Primeira Guerra Mundial. O rebuscamento ou preciosismo de sua obra literária é,

⁶COLARES, Otacílio. Gustavo Barroso e o Regionalismo. In: *Praias e Várzeas/Alma Sertaneja*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

...ismo, característico da euforia plutocrata das classes em ascendência no mundo cosmopolita, que começa a se desenhar nas grandes cidades brasileiras.

Gustavo Barroso foi um dos fundadores do Museu Histórico Nacional, em 1922, indicando assim suas preocupações nacionalistas, por onde guiou sua vida e produção artística. A concepção de história de Gustavo Barroso está implícita, ou explícita mesmo, na criação de um museu voltado para o culto do passado imperial, devendo o povo ser ensinado a conhecer e amar os símbolos reais. Dessa forma, o autoritarismo de seu projeto fica claro com o ingresso na Aliança Integralista, em 1933, evidenciando o viés de uma militância voltada para a "organização" da vida política do país, a exemplo de outros intelectuais brasileiros.

Apontado por Afrânio Coutinho⁷ como um dos criadores do Neo-regionalismo, terá uma grande parte de sua obra voltada para a área do folclore. Guiado por este ideário nacionalista, ele fundamentará seus livros numa pretensão de resgatar e preservar a cultura do povo, usando como fontes as observações de sua própria vivência ou colhendo-as na tradição oral

Enxergando o mestiço através de suas lentes de homem erudito, Gustavo Barroso constrói seu personagem a partir de uma matriz melancólica, que para ele é inerente a esta "raça". O conceito fundamental neste trabalho é a *tragicidade*, por ser a característica principal atribuída ao sertanejo, não somente pelo autor cearense, mas por grande parte do pensamento social brasileiro durante o final do século XIX e começo do século XX.

Para Gustavo Barroso, o nortista é o herói trágico, preso à sua própria sina errante por conta do fenômeno da seca e pela "tara étnica" advinda da mestiçagem. Perdido no tempo, ou melhor dizendo, atrasado no tempo, o sertanejo permanece imóvel, para o escritor. Ele se refere constantemente ao Medievo e aos heróis da Antiguidade Clássica, comparando-os ao cearense, em sua luta inglória contra a natureza avara.

Nos livros de contos e romances **Praias e Várzeas**, de 1915, **Casa de Maribondos**, de 1921, **Mula sem Cabeça**, de 1922, **Alma Sertaneja-Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão**, de 1923, **Tição do Inferno-Romance**

⁷COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Sulamericana, 1955. P. 63.

Barbaram, de 1926, **O Santo do Brejo**, de 1933, estamos imersos numa atmosfera que mistura o imaginário sertanejo com a pesquisa empírica sobre seu cotidiano. A natureza confunde-se com o homem, e este é um misto de herói clássico e vilão mágico. A dramaticidade é apresentada como sendo inerente à gente do sertão. Parece não haver como escapar dos efeitos devastadores da geografia e da miséria. Tal e qual um Édipo arrastando suas feridas, o cearense migra, fugindo da maldição que o acorrenta à própria desgraça.

A criação do personagem popular exige dos historiadores uma atenção atenta. É mister desvendar, no traçado desenhado para ele, as pistas que nos levam a descobrir, não o seu rosto, mas, sim, o daqueles que o desenharam, em sua época.

Dentro desta perspectiva é que o estudo da atividade de Gustavo Barroso como folclorista assume papel relevante e decisivo, pois foi a partir da percepção de autores como ele, que usaram de procedimentos inovadores para descobrir a "essência" do cotidiano popular, que se tornou clara a possibilidade de inferir, através desta produção, a participação dos literatos no processo de formação do imaginário brasileiro.

Os registros produzidos pelos folcloristas trouxeram à tona a visão da elite acerca das práticas culturais populares, a sua influência na formação do sentimento de pertencimento à nação, já que é a partir destas práticas, da sua catalogação e denominação enquanto folclore, que acontece o nascimento da "brasileiridade".

Portanto, a pesquisa dos livros de ficção de Gustavo Barroso permite ao pesquisador discutir, não exatamente, ou somente, a vivência popular, como se poderia prever, e, sim, a percepção desta vivência na ótica dos letrados. Aí, encontra-se o início da construção de uma tipologia sobre o homem popular brasileiro.

Este personagem, criado pelo pensamento social brasileiro, nos mostra como é elaborada, ou lida e interpretada, a vivência do sertanejo, não a partir de sua própria experiência social, mas sim a partir da erudição destes intelectuais ancorados na literatura clássica e medieval, a partir da qual ganham forma e se

desentram as características de tragicidade "*inerentes*" a um povo mestiço e letrado e que, por isso mesmo, precisa ser guiado.

A análise centrada na literatura de ficção baseia-se na idéia de que também este recorte é prenhe do pensamento político/ideológico sobre os conceitos de povo, estado, nação, progresso, cultura, civilização. A sua obra literária é entendida na forma de militância política, pois ali também permaneceriam presentes todos os elementos de sua prática nacionalista, ainda que codificados em uma outra forma de linguagem.

Dessa forma, a tessitura de seus contos e romances, ativada pelos dispositivos de sua cultura histórica, atenderia a uma concepção de organização da sociedade. Nesta, as massas permanecem paternalmente tuteladas pelos setores letrados, únicos capazes de gerir o estado, numa aproximação com concepções de administração social da Antiguidade. Ao perceber a articulação de suas concepções políticas com a criação do personagem sertanejo, encontramos o conflito traçado em sua obra e vivido pela intelectualidade brasileira como um mito: o glorioso ideário nacionalista em permanente tensão com a constatação do destino trágico de um povo mestiço.

Dentro das perspectivas nacionalistas de Gustavo Barroso, o barbarismo do sertanejo constitui-se em empecilho para o cumprimento de um destino glorioso para a nação. Porém o exotismo encontrado em sua vida agreste realiza a possibilidade de uma tipologia, calcada nas obras da Antiguidade e do Medievo.

No primeiro capítulo a tragicidade do sertanejo é discutida através da pesquisa da formação do letrado Gustavo Barroso, desde sua infância. A forma como se alfabetizou, as primeiras escolas e posteriormente as faculdades que frequentou e as disciplinas que cursou. Também o repertório de leituras feitas individualmente e independente das instituições educativas. Neste repertório foi constatada a existência de dois pólos (que às vezes se tocam, no Orientalismo) que correspondem ao conflito vivido pelo pensamento social brasileiro com relação ao sertanejo. O primeiro vértice desse repertório estaria na leitura do pensamento racial e racista europeu, com raízes no século XVIII, na pesquisa sobre a mestiçagem nos povos colonizados e que se aprofunda no século XIX. A

pesquisa sobre essa temática foi apoiada no livro de Lília Schwarcz **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**⁸ e também em Pierre Darmon, em sua obra **Médicos e Assassinos na Belle Époque**⁹, que me alertou nas pretensões da antropologia do século XIX em seu afã de determinar biologicamente o comportamento dos indivíduos.

O vértice oposto é o corpo de leituras do romantismo, que, como sistema de pensamento, idealiza ao homem do campo como aquele que conteria as qualidades boas do ser humano, o qual se teria corrompido com a civilização. Nesta parte, a obra **Orientalismo**, do palestino Edward Said, foi a fonte para detectar nas leituras de Gustavo Barroso, os autores orientalistas e, a partir daí, perceber a identificação do personagem sertanejo com aquele personagem oriental desenhado pelos europeus. O Orientalismo, corpo de escritos inspirado pelo romantismo, é primordial para entender a imagem construída, pelo letrado, aos povos submetidos.

No segundo capítulo Gustavo Barroso é apresentado no panorama do pensamento social brasileiro durante o final do século XIX e começo do século XX. Com a abolição e a conseqüente imigração, a instalação da República e a necessidade de fomentar o sentimento de pertencimento da massa do povo à nação trazem à tona de forma premente a questão de reconhecimento de uma cultura genuinamente nacional, que estaria, primordialmente, no homem popular brasileiro, mais especificamente no sertanejo, que ainda permanecia incólume ao contato com a civilização urbana. Franklin Távora, Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Manoel Bomfim, Monteiro Lobato, Paulo Prado e Gilberto Freyre, estes são os autores, dentre outros, que produzem pensamento sobre quem seria este homem nacional, a partir prismas diferentes sobre a história brasileira. Quase todos, com exceção de Bomfim e Freyre, consideram que este homem é, essencialmente, triste, qualidade do mestiço. Gustavo Barroso, Euclides da Cunha, Graça Aranha e Monteiro Lobato, falam, especificamente, de mestiçagem.

⁸ SCHWARCZ, Lília. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁹ DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

O capítulo final é dedicado à tecelagem dos romances, contos e novelas escritos por Gustavo Barroso centrados na experiência do sertanejo, basicamente no sertanejo cearense, tomado como símbolo do nortista. Nestes contos é demonstrada com clareza a idéia de homem popular brasileiro do literato. Os elementos que compõem o personagem são aqueles que tecem a sua tragicidade, o determinismo geográfico e racial.

LAMENTO SERTANEJO

*Por ser de lá
do sertão, lá do cerrado,
lá do interior do mato,
da catanga do roçado,
eu quase não saio,
eu quase não tenho amigo,
eu quase que não consigo
ficar na cidade sem viver contrariado.*

*Por ser de lá,
na certa por isso mesmo,
não gosto de cama mole,
não sei comer sem torresmo,
eu quase não falo,
eu quase não tenho amigo,
sou como rês desgarrada
nessa multidão, boiada,
caminhando a esmo.*

João do Vale, Dominginhos e Gilberto Gil

CAPÍTULO I

Gustavo Barroso: Formação Intelectual e Repertório de Leituras.

Os Caminhos do Poder: trajetória social

No Brasil, a formação de grupos dirigentes sempre esteve indistintamente ligada à posse de dinheiro e letramento, ou, como num círculo vicioso, uma coisa estava imbricada na outra. O manejo da linguagem escrita, ou num cúmulo, a posse de um título acadêmico, sempre se constituiu numa forma de legitimar a autoridade de liderança política. Transformava-se assim numa "naturalização" da hierarquia social estabelecida a partir de parâmetros de "competência" para o exercício das funções de organização e gerência da sociedade brasileira.

Schwartz, analisando a nossa sociedade colonial, diz-nos da permanência da mentalidade senhorial, mesmo após mudanças significativas em sua base. Portanto, a herança clássica trouxe-nos modelos de hierarquia e organização que, somados à experiência na América, teriam gerado a peculiaridade de nossa formação social, fortemente centrada na dualidade:

"Essa sociedade herdou concepções clássicas e medievais de organização e hierarquia, mas acrescentou-lhes sistema de graduação que se originaram da diferenciação das ocupações, raça, cor e condição social, diferenciação esta resultante da realidade vivida na América (...). Foi também uma sociedade com forte tendência a reduzir complexidades a dualismos de contraste - senhor/escravo, fidalgo/plebeu, católico/pagão - e a conciliar as múltiplas hierarquias entre si, de modo que a graduação, a classe, a cor e a condição social de cada indivíduo tendessem a convergir (...). As alterações nas atitudes são mais difíceis de ser percebidas. Com efeito, a mentalidade senhorial parece ter permanecido fortemente entrincheirada e amplamente

difundida por toda a sociedade, mesmo depois de a base original de sua formação ter sido significativamente modificada”¹.

Devemos acrescentar à lista de dualidades aquela que me parece central: letrado/letrado. Entendido como “divino” ou sem filiação, o saber letrado, no Brasil, oculta a procedência histórica do conhecimento. Separando os intelectuais da cotidiana realidade social brasileira, esse saber que se pretende incólume das mudanças – que o geraram – conferiria a eles uma autoridade sobre os rumos a serem tomados na direção de um futuro glorioso para o país, ou na condução da “revolução”.

José Murilo de Carvalho, em seu livro **A Construção da Ordem**, discorre sobre o processo de formação da elite política imperial. A comunhão de interesses e objetivos traduzia-se na homogeneidade da formação acadêmica centrada e realizada pelas Academias de Direito. Os bacharéis em Direito constituíram o grupo por excelência que deveria ser levado ao exercício dos mandatos políticos.

“Elemento poderoso de unificação ideológica da política imperial foi a educação superior. E isto por três razões. Em primeiro lugar, porque quase toda a elite possuía estudos superiores, o que acontecia com pouca gente fora dela: a elite era uma ilha de letrados num mar de analfabetos. Em segundo lugar, porque a educação superior se concentrava na formação jurídica e fornecia, em consequência, um núcleo homogêneo de conhecimento e habilidades”².

O acesso a determinadas leituras, privilégio quase que exclusivo dos membros de elite, constituiu-se em exercício de sociabilidade que se concretizava num repertório de leituras, não somente nas que eram realizadas nas escolas e universidades, mas principalmente naqueles textos de pensadores e literatos europeus que circulavam pela sociedade. Nos periódicos e livros europeus trazidos pelos navios estrangeiros e que aqui aportavam trazendo as novidades da cultura d'além mar, os letrados brasileiros realizavam opções entre autores, escolas, tendências, já que a leitura pressupõe escolhas sociais e historicamente determinadas. Gustavo Barroso nos diz em suas memórias:

¹ SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.209-210.

² CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p.55.

*"Meu primo Ricardo, natural de Trieste, instruído e viajado, foi meu iniciador em muitas cousas da vida. Graças a ele, tive contato bem cedo com o mundo inteiro, através de jornais e revistas ilustrados ou não que assinava: a "Illustration Française", as "Lectures pour Tour", o "Graphic" de Londres, o "Fliegend Blatter" de Viena, o "Meggendorf Blatter" de Munich e o "piccolo dela Sera" de sua terra natal"*³.

Gustavo Barroso começou seus estudos em 1898 no "Parténon Cearense", do professor Lino da Encarnação, "colégio absolutamente leigo, bem ao gosto do século XIX"⁴. Tinha então dez anos de idade e já havia entrado em contato com o universo literário formado pelos livros que pertenciam ao seu avô, formando um acervo de cultura letrada que remonta aos inícios do século. O autor se refere a esses livros como:

*"(...)minha primeira biblioteca, encadernada em velha carneira portuguesa, com os ss em forma de ff, os ee com &&, já roída das traças e dos bichos. Compõe-se de alguns livros na verdade deliciosos"*⁵.

Tais livros são de Gonçalves Dias; Casimiro de Abreu; **Mil e uma noites** traduzidos da versão francesa de Galland; **Mil e um quartos de hora**, contos também traduzidos do francês; romances espanhóis, histórias dos tempos carolíngios de Carlos Martel contra os árabes; **O Derradeiro Moicano**, de Fenimore Cooper, edição de 1839; **Os Girondinos**, de Lamartine; **Comédias Escolhidas**, de Lope de Vega.

A distância assumida pelos letrados com relação à cultura iletrada assume o papel de articuladora de certa dimensão trágica atribuída à vida do homem brasileiro. Essa parece ser a simbologia máxima que separa aquele homem que vive à mercê das fatalidades daquele que lidera não somente a sua própria vida mas também a de sua comunidade. Isso explica a diluição dessa mentalidade por quase todo o pensamento social brasileiro.

O corpo de leituras que constitui a base dessa postura dos setores letrados brasileiros não parece ser muito difícil de se identificar. Constitui a historicidade da experiência partilhada, determinando e servindo como referencial para o trabalho

³ BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1939, p. 179.

⁴ BARROSO, Gustavo. Op. Cit., p. 43.

⁵ Id. ibidem, p. 95.

do historiador preocupado com o uso e as abordagens conseqüentes das práticas que dão significação às leituras.

Almir Leal nos diz a respeito

*"A base de referência de uma atitude intelectual está sempre associada a um universo de leituras socialmente constituído. A circulação de livros, a sua venda, distribuição, empréstimos, comentários, leituras coletivas, grupos de estudo, enfim, a materialidade de uma leitura e das abordagens construídas a partir delas, se dá dentro de uma referência social e histórica. A historicidade de uma leitura apresenta assim, seus condicionantes, podendo ser datada, estudada, problematizada e investigada pelo historiador"*⁶.

É sobre esse universo que se reconhece a sociabilidade estabelecida entre os grupos destinados ao mando, possuidores de uma permanente, ou recalcitrante mesmo, mentalidade senhorial que interfere decisivamente no processo de construção do pensamento social brasileiro mesmo após a proclamação da República e com efeitos que perduram até os dias atuais, dada a forma como se organizou a sociedade brasileira.

A forma de garantir o monopólio do saber letrado foi garantida durante muito tempo pelo pequeno número de escolas oferecidas pelo poder público. Só vamos perceber um interesse do Estado pela educação pública no final do século XIX, quando passará a se tomar uma reivindicação dos políticos preocupados com a capacitação dos setores populares, a fim de que estes ocupassem os lugares devidos na organização social do trabalho, principalmente os cargos subalternos da burocracia estatal. A princípio, os jovens podiam conseguir rapidamente uma colocação no serviço público. Posteriormente, isso se tornou cada vez mais difícil e os jovens sem emprego e ainda não estabelecidos como advogados se classificariam, simplesmente, como bacharéis, o que lhes dava pelo menos a aura de prestígio do título como passaporte para a inclusão nos círculos da elite dirigente.

⁶ OLIVEIRA, Almir Leal. *Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX*. Dissertação de Mestrado, Depto História, PUC-SP, São Paulo, 1998.

Essa parece ser a preocupação de homens como Antonio Felino Barroso, citado por seu filho Gustavo Barroso, quando este afirma que o pai, apesar de "defensor da *Revolução Francesa*, detestava os espasmos da rale"⁷.

Apesar das mudanças de regime político de colônia para país independente e depois para monarquia constitucional, em 1822, não ocorreram grandes mudanças na estrutura da sociedade, que ainda se manteve baseada sobre a economia agrícola e escravocrata até finais do século XIX. Nesse tipo de formação social extremamente propícia à criação de uma cultura antidemocrática de segregação e de privilégios, a distância entre a elite dirigente e os setores populares concretizou-se na valorização das atividades intelectuais sobre outros tipos de trabalho reservados à massa da população.

Esta educação, destinada à preparação de um grupo de elite e não à educação do povo, desenvolveu-se marcada pelo conservadorismo intelectual predominante nos grupos dirigentes do país, pelo regime de economia patriarcal e pelo ideal que corresponderia ao homem capaz de exercer a cidadania. A dimensão que este formato cultural adquiriu não pode ser explicado apenas pelas condições do colonizador europeu, mas também pelas necessidades e escolhas de uma elite preocupada em manter a hierarquia social que vigorava desde a sociedade imperial.

A consolidação de nossa sociedade deu-se a partir da escravidão, cuja principal característica foi a desonra através da qual foi visto o trabalho manual, o que deu aos letrados uma aparência de nobreza. Numa sociedade que foi gerada sob os signos do latifúndio e da escravidão não poderia haver lugar para a educação popular. Sendo assim, as atividades públicas, administrativas e políticas serviam ainda mais para valorizar o letrado, o bacharel, constituindo a elite intelectual formada nas escolas superiores. Segundo Azevedo, o índice de analfabetismo atingia a cifra de 60% em 1920⁸. Em meio a todo esse analfabetismo do povo brasileiro, pairavam homens como Gustavo Barroso, que em toda sua formação advinda do mundo europeu, inclusive falando as

⁷ BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940, p. 23.

⁸ AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira. Introdução ao Estudo da cultura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1963, p. 85.

denominadas "línguas de cultura", européias, tendo por isso oportunidade de ir às origens original⁹.

Essa elite, formada por tão seleto número de indivíduos, era possuidora de uma educação requintada, uma formação intelectual formada sob a mesma ótica de estabilidade das mais cultas elites européias. Essa tão grande disparidade entre a quase nulidade da educação popular e a sofisticação desta elite parece ser um dos pontos a partir de onde se estabeleceu a enorme desigualdade entre os setores dirigentes e os grupos subalternos.

A instauração da República não rompeu com a perspectiva de culto do passado imperial, pois considerava-se que esta seria uma das formas de educar o povo a amar o seu país, de fazer nascer nele o sentimento de pertencimento à nação, segundo Gustavo Barroso. Insere-se neste contexto a criação, em 1922, do Museu Histórico Nacional, do qual Barroso foi um dos principais idealizadores e primeiro diretor. Extremamente preocupado com a construção e delimitação de uma identidade e cultura nacional, o literato cearense publicou ainda em 1911, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, onde trabalharia de 1913 a 1919, um artigo onde propôs a criação de um museu militar na capital da República. Em 1912, filia-se ao Partido Republicano Federal (do qual seis anos depois se desligará) e escreve novo artigo no mesmo jornal, intitulado **O Culto da Saudade**. Nesse texto afirmava ser necessário educar o povo a cultuar a saudade, a amar e preservar o que seriam os seus símbolos nacionais, como as armas e objetos usados pela família real, bem como a arquitetura correspondente a esse período.

*"Seria de grande alcance, para tal fim, rememorar constantemente ao povo as coisas antigas, colecionando em museus adequados objetos representativos da vida militar da nação, expondo-os, explicando sua significação, familiarizando as gentes com eles"*¹⁰.

Presumo que não foi coincidência o fato de que o mesmo decreto, assinado pelo presidente Epitácio Pessoa, de criação do Museu Histórico Nacional, também revogou o banimento da família imperial¹¹.

⁹ BARROSO, Gustavo. *Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, s.d., p. 341.

¹⁰ BARROSO, Gustavo. *Idéas e Palavras*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1917, p. 50.

¹¹ MARELLI, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 171.

Gustavo Barroso foi redator da revista **Fon-Fon** e Inspetor Escolar no Distrito Federal, em 1919, quando então participou como secretário da Delegação Brasileira à Conferência de Paz em Versalhes, chefiada por Rui Barbosa. Foi quando entrou em contato com Eitácio Pessoa, ambos vindos de tradicionais famílias do norte, e lhe expôs a sua idéia de criação de um museu. Durante a Conferência acontece a morte de Rodrigues Alves, presidente eleito, mas que ainda não havia assumido o cargo, que será ocupado pelo vice-presidente Delfim Moreira. Considerado elemento neutro, o nome de Eitácio Pessoa é lançado pelo Partido Republicano Mineiro em oposição a Rui Barbosa, candidato pela terceira vez. O senador paraibano sai vencedor nas eleições de 1919 e, três anos depois, nomeia o cearense como primeiro diretor do Museu Histórico Nacional. Com essa nomeação, Gustavo Barroso mais demonstrava o seu compromisso com as estruturas do poder.

Iniciou sua carreira na burocracia governamental em 1913, como secretário geral da Comissão de Defesa da Borracha. Retornou ao Ceará, em 1914, como secretário de Estado do Interior e Justiça no governo de seu primo Benjamin Barros. Em 1915, elege-se Deputado Federal pelo estado do Ceará com mandato até o ano de 1918. Outros literatos contemporâneos, também advogados, têm trajetórias diversas. Monteiro Lobato, por exemplo, só consegue emprego na pequena cidade de Areias, no interior de São Paulo. Graça Aranha, por outro lado, tem uma ascendente carreira na diplomacia brasileira.

A idéia de tradição que rege o pensamento de Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso relaciona antiguidade e legitimidade, e os seus estudos sobre heráldica e árvores genealógicas são inúmeros, atestando sua preocupação com os pretensos grupos nobres e sua atuação na história brasileira. Para ele, a República não deveria significar uma ruptura e sim uma continuidade com o passado imperial, única forma de assegurar que no Brasil tropical se concretizasse a civilização, segundo o paradigma europeu.

"Como afirma Antonio Cândido, a matriz paradigmática do nosso 'nacionalismo literário' ainda permaneceu ligada à Europa e estava preocupada em construir um passado histórico para a jovem nação, que

*pudesse ser equiparado ou que ganhasse, para o Brasil, o mesmo significado que a Idade Média teve para as nações do velho mundo*¹².

No entanto, seria necessário adotar uma atitude educativa para com o povo, dado que era, prioritariamente, mestiço, iletrado, e completamente alheio às preocupações com as relíquias nacionais.

*"Porque não o temos ainda, precisamos criar o culto de nossas tradições (...) Sem a lição do passado e a lição dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade. Amar a história é amar a terra. (...) inculcando em todos os brasileiros a religião do passado, que é a alma mesma da pátria"*¹³.

O empenho com que se joga na empreitada aparece na capacidade que teve de recolher os objetos por ele considerados dignos de culto do nosso passado. Com apenas cinquenta dias após a sua criação, o Presidente da República inaugurava oficialmente o museu Histórico Nacional, instalado em duas salas do antigo Arsenal de Guerra da Corte, com um acervo de cerca de mil objetos, entre eles a coleção de relíquias do General Osório. Por volta de 1924, já possuía mais de dois mil objetos e cerca de quatorze mil peças numismáticas¹⁴.

Nas sucessivas gestões de Barroso à frente do museu também foi gerada a Secretaria de Monumentos Nacionais, exercida pessoalmente pelo mesmo. Dela é que se originará o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, durante o Estado Novo, período em que o museu recebe bastante incentivo de Getúlio Vargas. Outra criação foi a instalação do primeiro Curso de Museus do país, em 1932, em cujo seu currículo constavam disciplinas como técnica de museus, história da arte, história do Brasil, arqueologia etc.

O projeto político de Gustavo Barroso para a organização da sociedade brasileira aparece em sua totalidade quando, em 1933, ele ingressa na Aliança Integralista Brasileira, onde ocupou o cargo de Chefe de Milícias e promoveu intensa campanha anti-semita, chegando, inclusive, a visitar o estado do Ceará

¹² BARROSO, Ivone Cordeiro. Sertão: um lugar-incomum: O Sertão do Ceará na Literatura do Século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Séc. de Cultura e Desporto do Estado, 2000, p. 41.

¹³ BARROSO, Gustavo. Op. Cit., p. 49.

¹⁴ ZUMARE, Adolpho. A idéia da criação do Museu Histórico Nacional In *Anais do Museu Histórico Nacional*-Volume II. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p. 302.

juntamente com Plínio Salgado e Miguel Reale, a cúpula do movimento. Para ele, também: "A Revolução Integralista é uma revolução das almas"¹⁵.

Sua militância no integralismo é uma sucessão de tentativas de golpes fracassados. Em 1935 é acusado pelo jornal **O Imparcial** de uma tentativa de golpe. Sua resposta veio no jornal **A Ofensiva**, em que acusa Roberto Simonsen de judeu. O jornal **O Diário da Noite**, no ano de 1937, noticia uma tentativa frustrada de Gustavo Barroso de afastar Plínio Salgado da Aliança Integralista, justificando como razão a condescendência de Salgado com os judeus. No mesmo ano, juntamente com uma comitiva de 35 membros, leva até Getúlio Vargas à restituição de Plínio Salgado à presidência da República¹⁶.

Em 1938 endereça uma carta ao ditador, parabenizando-o por um discurso sobre a liberação do Brasil dos agentes financiadores internacionais. Ainda no ano de 1938, participa do levante integralista, é preso, e em seu poder é encontrada carta destinada à Aliança Fascista Européia. Mesmo assim não será condenado, por falta de provas. As manifestações contrárias ao integralismo cessam-se em 1942, quando o Brasil entra na segunda Guerra, e contribuem para afastá-lo da política. Mesmo após o final da guerra, em 1945, não mais atua politicamente, reservando-se à direção do museu, às atividades intelectuais e a uma extensa lista de compromissos diplomáticos demonstrando, ainda, sua proximidade com o poder, numa trajetória marcada pela sua inserção institucional¹⁷. Observemos sua trajetória.

É eleito para a Academia Brasileira de Letras com apenas vinte e cinco anos e toma-se seu presidente nos anos de 1931, 1932 e 1950; representa o Brasil na Assembléia Cervantina, em Madri, em 1947; é convidado pela Universidade de Coimbra para realização de conferência em maio de 1950; é nomeado embaixador do Brasil, em missão especial, nas solenidades de posse do presidente eleito da República Oriental do Uruguai, em fevereiro de 1951; é nomeado como Delegado do Brasil à X Conferência Interamericana de Caracas, em

¹⁵ BARROSO, Gustavo. *Reflexões de um bode*. RJ: Gráfica Educadora, s/d, p. 15.

¹⁶ SILVA, Gauden Mota. *Gustavo Barroso: Vida, Contexto e Idéias*. Fortaleza, Cadernos do Museu, 6, 1990, p. 10.

¹⁷ SILVA, Regina. *Op. Cit.*, p. 168.

1954 e, como Embaixador do Brasil, em missão especial nas solenidades de posse do presidente do Peru, em 1956; participa como membro da Comitiva do Itamar das Relações Exteriores, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, na sua visita oficial ao Chile, em 1957; é consagrado Doutor "*Honoris Causa*" pela Universidade do Ceará, em 29 de Setembro de 1959; recebe a cidadania carioca em outubro de 1959, mesmo ano em que falece, a 3 de dezembro, no Rio de Janeiro, cidade que escolhera para morar¹⁸.

Gustavo Barroso nos conta em suas memórias que se tornou advogado por insistência da família, pois o seu desejo era seguir a carreira militar. Na Aliança Integralista ocupou significativamente o cargo de Chefe de Milícias. No entanto, o bacharelado de bacharel que garantia o status e o acesso aos cargos da burocracia governamental, o que realmente ocorreu. Durante praticamente toda a sua vida ocupou cargos públicos e participou de funções burocráticas e diplomáticas.

"Na minha casa há a mania, a superstição do doutor (...) Quando eu revelava as minhas tendências para militar, era um Deus nos acuda de protestos. Desde a mais tenra idade o ambiente doméstico guerreava as minhas aspirações. A guerra foi tal que acabei bacharel contra a vontade" ¹⁹.

O bacharelado era uma condição essencial para o exercício da autoridade dos setores dirigentes. No entanto, a preparação para o exercício desta sociabilidade começava bem antes, no ingresso dos melhores colégios, constantemente nos liceus. A criação do Liceu do Ceará aconteceu em 1845 por iniciativa provincial de 1844, tendo como cadeiras de seu currículo "*grego, latim, francês, história, filosofia, geometria, geografia e retórica*" ²⁰, seguindo a orientação pedagógica do Colégio Pedro II criado em 1838 no Rio de Janeiro, instituição de ensino que foi a mais importante, destinada especialmente aos filhos de famílias abastadas que se preparavam para as escolas superiores onde também se formavam

¹⁸ *Bibliografia de Gustavo Barroso*. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, Museu Histórico, 1958.

¹⁹ *MEMÓRIAS*, Gustavo. Op.Cit., 1939, p.27.

²⁰ *MEMÓRIAS*, Gustavo. Op.Cit., 1940, p. 204.

bacharês em letras. Havia ainda na capital brasileira uma Escola de Música e um Instituto Comercial, entre outras escolas profissionais ²¹.

O Liceu do Ceará muda o panorama intelectual da cidade de Fortaleza, já que antes disso os estudantes deveriam fazer os cursos secundários e preparatórios para as academias em Salvador, Recife ou na corte. Era a educação no nível médio que preparava para o ingresso nas academias, e que teve um incremento a partir da segunda metade do século XIX.

Gustavo Barroso tornou-se aluno do Liceu do Ceará, em 1899, assim como os filhos de famílias ricas, que podiam aspirar a uma educação superior. Estes recebiam a formação com tutores particulares, passavam depois por algum liceu, seminário ou, preferencialmente, pelo Pedro II no Rio de Janeiro, e afinal iam para a Europa ou escolhiam entre as quatro escolas de direito e medicina. Todas cobravam anuidades e seus cursos duravam cinco anos para o curso de direito e seis anos para o de medicina. A situação financeira era o aspecto determinante para identificar aqueles que freqüentavam esses cursos.

No Brasil, a educação superior só começou a surgir com a chegada da Corte em 1808. Uma Real Academia dos Guardas-Marinhas e uma Academia Real Militar foram criadas respectivamente em 1808 e 1810, seguidas pelas escolas de Medicina do Rio de Janeiro e de Salvador, também, respectivamente, em 1813 e 1815 e depois, em 1820, pela Academia de Belas-Artes. No entanto, as escolas dedicadas especificamente à formação dos quadros dirigentes da elite política só surgiram após o processo da Independência.

Foram criados dois cursos de direito em 1827 e iniciados em 1828, um na cidade de São Paulo, outro em Olinda, que foi posteriormente transferido para Recife em 1854. Em 1858 a engenharia civil, que era da Academia Militar, foi transferida para a Escola Central, que se transformou na Escola Politécnica em 1874, copiando a instituição francesa que levava o mesmo nome. A educação superior só se tomou responsabilidade tanto do governo central como dos

²¹ CARVALHO, José Murilo. *Op. Cit.*, p. 32.

governos provinciais, após 1834, mas nenhuma escola superior geral foi criada nessas províncias durante o Império²².

A Faculdade de Direito do Ceará, segundo Gustavo Barroso, somente foi criada no começo do século XX pelo então presidente Nogueira Acióli, a partir de iniciativa de Eduardo Studart. No começo do século XX o Ceará passou por uma fase de reconstrução de sua vida econômica desorganizada pela grande seca de 1877 a 1880. Como sempre, os prolongados períodos de estiagem deixavam após si um quadro de desolação que atingia todos os setores da vida na província, desde os setores produtivos até à vida social como um todo. Fortaleza, no entanto, afirmava-se como centro urbano a partir da segunda metade do século XIX, não somente pela exportação do algodão mas também pela imprensa e pela intensa vida intelectual que agitava a pequena cidade²³.

O Barão de Studart nos conta que reunidos na Associação Comercial, o grupo composto por Thomaz Pompeu, Antonio Augusto de Vasconcelos, Thomaz Nogueira, Eduardo Studart, Sabino do Monte, Virgílio de Moraes, Alcântara Bilhar, Paulo Nogueira, Joaquim Pauleta, Francisco de Assis Bezerra de Menezes e Joaquim Catunda tinham o objetivo de formar em Fortaleza uma Academia Livre de Direito, que foi oficialmente instalada em 1º de março de 1903²⁴. No seu momento era uma instituição privada, somente depois de algum tempo é que se tornou pública. Gustavo Barroso esteve matriculado nesta durante três anos, de 1907 a 1909:

*"Ela funcionava em 1907, no andar térreo da Assembléia Estadual. Dirigia o Doutor Tomás Pompeu, filho do Senador Pompeu. Fiscalizava-o em nome do governo federal, o padre Justino"*²⁵.

O curso, porém, somente foi concluído na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, para onde emigrou em 1911 e colou grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Porém ainda em Fortaleza Barroso juntou-se a um grupo

²² *Idem*, p.33.

²³ *Idem*, Almir Leal. Op. Cit., p. 52.

²⁴ *Idem*, Barão de. *Datas e Fatos para a História do Ceará*. Edição fac-sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, 1ª edição 1924, p.155.

²⁵ *Idem*, Gustavo. Op. Cit., s.d., p. 348.

... pelo professor Soriano Albuquerque, que o intitulara "Jardim de ..."

*"Ali discutíamos Demócrito e Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás, Spinoza e Comte, Kant e Schopenhauer, os antigos e os modernos. Éramos poucos os eleitos: Adonias Lima, Luís de Morais Correia, Sila Ribeiro, Antonio de Albuquerque, Maria Rubim, Leonel Chaves, Francisco de Alencar Matos, Lucídio Freitas, José Lopes de Águias e eu. Fazíamos inveja aos rapazes do Centro Calíope, que publicavam a revista "A Jangada". Causávamos mesmo um pouco de ciúmes ao famoso grupo intelectual Plêiade de que participavam doutores e veteranos da Academia: Manuel Augusto de Oliveira, Carlos Sá, Hildebrando Acióli, José Silveira, Abner de Vasconcelos, Henrique Jorge, Alfredo de Miranda Castro e outros "*²⁶.

Outros professores contemporâneos de Gustavo Barroso na Faculdade de Direito do Ceará foram homens como Raimundo Ribeiro, para Direito Romano; ... de Morais, para Direito Comercial; Sabino do Monte, para Direito Civil; ... Amada, para Direito Internacional, entre outros, como Bezerra de ... Alcântara Bilhar, Paulino Nogueira, todos nomes significativos da ... do Ceará. Entre os alunos com quem conviveu estão Henrique Jorge e ... Cella²⁷.

Desde o século XIX, era corrente a prática de criação de instituições ... os intelectuais. Parte significativa da sociabilidade dos jovens ... era vivenciada em associações de cunho informal como o "Consulado ...", criada por Gustavo Barroso²⁸. Esta associação, de cunho jocoso, ... uma sede que era a república onde o mesmo morava, um estatuto, e ... conferências e palestras sobre temas diversos como literatura e política. ... Gustavo Barroso, ela também teve um importante papel na propaganda ... a truculência da oligarquia comandada por Nogueira Accioly entre 1896 e ... inclusive escondendo os ameaçados de "surra" pelos capangas do oligarca. ... parte do "Consulado Imperial da China" empregados no comércio, jovens ... se preparavam para a faculdade como o pintor Raimundo Brandão

... p. 341.

... p. 366.

Gustavo Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888, ano em que a filha de Dom Pedro II, a Princesa Isabel, assinou a denominada "Lei Áurea", que deu a liberdade legal aos escravos. As conseqüências, no entanto, de uma formação social que teve suas origens assentadas na escravidão permaneceram e permanecem fortemente entrincheiradas na cultura, na concepção de trabalho e nas relações entre as elites dirigentes e os setores subalternos. O autor cearense viveu nesta fase bastante significativa da história brasileira: as últimas décadas do século XIX e o começo do século XX, período em que a sociedade senhorial da Primeira República buscava adequar ao novo regime político as mesmas formas conservadoras de hierarquia.

Em suas memórias, Gustavo Barroso deixa bem clara a importância que o senso do tradicionalismo, cultivado por sua família, teve em sua educação:

*"Eu já conhecia esse modo de pensar de meu pai, em cujo espírito a confusão do século XIX não conseguira apagar o amor ancestral da tradicionalidade. Sem religião, ele admirava a igreja pela sua perenidade vitoriosa. Admirador da Revolução Francesa, detestava os espasmos da raivé. Desde o alvorecer de minha vida, ouvira-o falar sempre desta maneira das cousas antigas, como rebento de gente tradicional em nossa terra"*³¹.

Com a mentalidade escravista, os negros continuaram excluídos dos direitos básicos da cidadania, quase que inexistindo nos debates do pensamento social brasileiro do começo do século XX. A discussão girava em torno do mestiço, e, voluntariamente, o mestiço do branco com o índio, pois este poderia subsistir como símbolo da nação. Fora do mito, no entanto, Gustavo Barroso insere-se entre os autores que acreditam que a mestiçagem contribuiu para a degeneração social, assim como o Conde de Gobineau, um dos autores mais citados por ele³². Essa teoria é o fundamento no qual se baseia para afirmar a tragicidade do homem sertanejo. Em **Luz e Pó**, de 1932, ele brada:

"Mongolóides, negroides e brancoides, descendentes de tribus primitivas, de fetichistas brancos ou de civilizados secundários e terciários, na maioria, os nossos contemporâneos traém nas faces, nos

³¹ BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1939, p. 23.

³² BARROSO, Gustavo. *Quinas e Castelos*. São Paulo: Panorama, 1948, p. 7; *Almas de Lama e de Sangue* (Campeão e outros Cangaceiros). São Paulo-Cayeras-Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930, p. 182; *Almas dos Folk-lore*. São Paulo-Cayeras-Rio: Companhia Melhoramentos, 1927, p. 182; *Árvore da História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962, p. 426.

gestos, nas palavras e nos atos a anarquia mental e moral de onde provêm plasmadas na exuberância e na lassitude do clima tropical. Fora dessa craveira commum, quem com outros sangues e outros imperativos, se agita de modo diverso e busca outras finalidades acaba por se isolar naturalmente dentro da incongruência que o rodeia e o não compreende. Elle também não a entende e esse divórcio de mentalidades o lança fora do meio como um corpo estranho. Essa é a maior tragédia espiritual que conheço..."³³

O livro traduz a efervescência do debate que acontecia no país sobre o Estado e suas relações com a sociedade. Confronto de concepções que se sucedeu na revolução de 30 e que ainda permanecia na luta entre as velhas ideias oligárquicas de política e alguma tentativa de participação dos grupos emergentes. Os setores populares não participavam do debate. Configurado como tal, o povo aparece paternalmente guiado pelos setores letrados, como no caso da Aliança Integralista Brasileira. A escolha de Gustavo Barroso por uma forma de organização da sociedade brasileira de aspecto senhorial, onde convergem, infalivelmente, a raça e a falta do letramento para a localização da condição social é baseada na crença da incapacidade "natural" do povo. A realidade da vida do homem popular brasileiro consiste na sua submissão ao destino, o inverso do homem letrado que dirige sua vida e é livre para fazer escolhas.

A tragicidade inscrita na trajetória do personagem sertanejo é a característica mais marcante da produção de caráter ficcional de Gustavo Barroso. Em suas trajetórias de sofrimentos e dificuldades, o desfecho dos contos e romances sempre encontra os protagonistas em situações em que a sua força de vontade ou sua vontade própria é confrontada com o poderio ilimitado do destino que lhe foge das mãos e que lhe é superior, fazendo com que sua vida seja regida pela fatalidade, seja de natureza climática e/ou racial. Bem de acordo com as ideias de raça de origem européia que opunham à trajetória individual o peso das heranças genéticas, como no livro de contos **Casa de Maribondos**:

³³ BARROSO, Gustavo. *Luz e Pó*. Rio de Janeiro: Renascença, 1932, p. 21.

gestos, nas palavras e nos atos a anarquia mental e moral de onde provêm plasmadas na exuberância e na lassitude do clima tropical. Fora dessa craveira commum, quem com outros sangues e outros imperativos, se agita de modo diverso e busca outras finalidades acaba por se isolar naturalmente dentro da incongruência que o rodeia e o não compreende. Elle também não a entende e esse divórcio de mentalidades o lança fora do meio como um corpo estranho. Essa é a maior tragédia espiritual que conheço..."³³

O livro traduz a efervescência do debate que acontecia no país sobre o Estado e suas relações com a sociedade. Confronto de concepções que se traduziu na revolução de 30 e que ainda permanecia na luta entre as velhas práticas oligárquicas de política e alguma tentativa de participação dos grupos emergentes. Os setores populares não participavam do debate. Configurado como mito, o povo aparece paternalmente guiado pelos setores letrados, como no projeto da Aliança Integralista Brasileira. A escolha de Gustavo Barroso por uma forma de organização da sociedade brasileira de aspecto senhorial, onde convergem, infalivelmente, a raça e a falta do letramento para a localização da condição social é baseada na crença da incapacidade "*natural*" do povo. A tragicidade da vida do homem popular brasileiro consiste na sua submissão ao destino, o inverso do homem letrado que dirige sua vida e é livre para fazer escolhas.

A tragicidade inscrita na trajetória do personagem sertanejo é a característica mais marcante da produção de caráter ficcional de Gustavo Barroso. Além das trajetórias de sofrimentos e dificuldades, o desfecho dos contos e romances sempre encontra os protagonistas em situações em que a sua força de vontade ou sua vontade própria é confrontada com o poderio ilimitado do destino que lhe foge das mãos e que lhe é superior, fazendo com que sua vida seja regida pela fatalidade, seja de natureza climática e/ou racial. Bem de acordo com as teorias de raça de origem européia que opunham à trajetória individual o peso das supostas heranças genéticas, como no livro de contos **Casa de Maribondos**:

³³ BARROSO, Gustavo. *Luz e Pó*. Rio de Janeiro: Renascença, 1932, p. 21.

*"Era cearense e portanto obedecia à predestinação da raça, que faz de cada filho da Terra de Sol mais tarde ou mais cedo um emigrante (...) resignado e decidido, calmo e fatalista"*³⁴.

A carreira literária de Gustavo Barroso começou no famoso salão de Coelho Neto, na rua do Roço, que, segundo Broca, não possuía um cunho de alto mundanismo, ali predominando a *"cordialidade, e até mesmo a sem-cerimônia"*. As duas primeiras décadas do século XX teriam sido de Coelho Neto, exercendo grande influência sobre os jovens de todo o Brasil que, assim, acorriam de todos os estados com manuscritos e cartas de apresentação. A sociabilidade destes grupos se revela nestes salões patrocinados por escritores consagrados, ou pelos *"mecenas"* endinheirados que se tornavam passaporte para o ingresso nos círculos de literatos, para a possibilidade de publicação.

*As reuniões se davam geralmente aos sábados. Pelos corredores, nas salas e no jardim cruzavam-se figuras da nova e da velha geração: Oscar Lopes, Fernando Guerra Duval, Gustavo Barroso, Olegário Mariano (...) Olavo Bilac, eleito príncipe dos poetas, foi ali coroado numa noite festiva e inesquecível em que Ângelo Vargas recitou "O Caçador de Esmeraldas", Gustavo Barroso leu páginas da "Terra de Sol"*³⁵.

A boemia dos cafés se acabava e agora surgia a *"boêmia dourada dos salões"*.

*"À medida que decaía a boemia dos cafés, surgia uma fauna inteiramente nova de requintados, de dândis e raffinés, com afetações de elegância, num círculo mundano, em que a literatura era cultivada como um luxo semelhante àqueles objetos complicados, aos pára-ventos japoneses do art-nouveau. Em lugar dos paletós surrados, das cabeleiras casposas, os trajes pelos mais recentes figurinos de Paris e Londres, os gestos longos e displicentes dos blasés, que constituíam a jeunesse dorée"*³⁶.

Esse parece ser o mundo desejado para o jovem jornalista que já em sua cidade natal levava uma vida de boemia e mundanismo:

"Passava as tardes no Clube Atlético, à rua Senador Pompeu, fazendo esgrima ou exercitando-me nas paralelas. Nesse tempo gostava de

³⁴ BARROSO, Gustavo. *Casa de Maribondos*. São Paulo : Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., 1921, p.73.

³⁵ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil em 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p.27.

³⁶ BROCA. Brito. Op. Cit., p.20.

vestir bem e ganhava com minhas aulas o suficiente para isso (...) o que era então a última moda”³⁷.

João do Rio, em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, no ano de 1910, diz que seus companheiros de outrora haviam se aburguesado. Os cafés freqüentados pelos literatos eram aqueles do apogeu da boemia: o Café do Rio, o Java, Café Paris, Papagaio e Globo, Confeitaria Colombo, Confeitaria Pascoal, Cailteau e a Castelões. Também as livrarias funcionavam como ponto de encontro, sendo a principal a Garnier, segundo Broca ³⁸ “*A Sublime Porta*”. Cronista reconhecido, João do Rio poderia ser a inspiração para o pseudônimo “*João do Norte*”, adotado por Gustavo Barroso?

Brito Broca cita Gustavo Barroso, um dos novatos que “*por ali aparece muito elegante de polainas e luvas*”. Juntamente com outros, como Goulart de Andrade que, assim como eles, estreava no jornalismo. Diferente de Bilac que, segundo Broca, era proibido de beber pelos médicos e sentindo os efeitos da velhice se afastara da boemia. Àquele grupo que freqüentava os cafés se sobrepõe o requintado freqüentador dos salões, o jornalista que usava os espaços de revistas e jornais para emitir suas opiniões.

Em **Luz e Pó**, de 1932, Barroso nos fornece uma pista extremamente importante para o desvendamento da forma como constituiu a sua escrita, ao declarar de modo enfático: “*Tenho mergulhado no coração das mais velhas literaturas da terra*”³⁹.

A criação literária se afirma no indefinido do social ou coletivamente constituído, ultrapassa seus autores. Aqueles que se imaginam criadores vêm-se presos num círculo de referências que vai além de sua época e espaço. Toda escrita pressupõe um corpo extenso de leitura, aquele que define a trama da tecelagem construída pelo autor, sendo que este, invariavelmente, desconhece todas as suas afiliações.

³⁷ BARROSO, Gustavo. *Consulado da China*. P.249.

³⁸ BROCA, Brito. Op. Cit., p.33.

³⁹ BARROSO, Gustavo. *Luz e Pó*. Rio de Janeiro: Renascença, 1932, p.75.

Michel de Certeau afirma que mesmo as tentativas de diferenciação em suas variadas formas remeteriam necessariamente a uma outra obra e seu outro autor, conseqüentemente. A cultura, obra múltipla, plural, que se eleva exatamente por ser coletiva, é que é o espaço onde se determina o indeterminado:

*"Na verdade, a cultura pode ser comparada com essa arte, condicionada pelos lugares, regras e dados; ela é uma proliferação de invenções em espaços circunscritos"*⁴⁰.

Nesse caso, o trabalho do historiador interessado na gênese da criação literária como forma de identificar socialmente seu autor pode continuar a seguir a orientação de Certeau, tentando *"reencontrar na história cultural os próprios temas da história social"*⁴¹.

No entanto, como conseguir recompor a trajetória de um letrado brasileiro no início do século XX sem recorrer à história política? Seria possível recompor em seu discurso literário a sua prática política? Parece coerente afirmar que a disciplina histórica somente se concretiza na busca da totalidade da experiência humana e que a literatura é prática política.

Se observarmos a produção de Gustavo Barroso parece clara sua preocupação em relatar o modo de vida do sertanejo e o espaço que circunscribe a sua vivência, seja em livros de caráter sociológico, folclórico, ou nos contos e romances. Em sua imensa lista de edições a sociedade sertaneja é permanentemente comparada ao mundo *"civilizado"*, numa descrição que oscila entre a barbárie e a tragicidade que determinam a vida dos grupos sertanejos, e as possibilidades redentoras da civilização. No decorrer de sua vida as posições com relação à redenção das populações moradoras dos sertões irão variar. O tempo, no entanto, está bem identificado: é o *"atraso"*, no qual as populações do sertão se encontram, e a incapacidade destas de mudarem sua própria sorte, necessitando das ações paternalistas dos setores dirigentes.

⁴⁰ Certeau, Michel de. A Beleza do Morto. In: *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo: Papiрус, 1989.

⁴¹ Certeau, Michel de. Op. Cit., p.72.

1.2. Os Caminhos do Saber: o cientificismo.

Em livros como **Idéas e Palavras**, de 1917, a concepção de raça é determinante. É clara a idéia de que livre é aquele que possui a cultura letrada. Gustavo Barroso acredita que "as raças inferiores" formadoras do povo desaparecerão, tragicamente, indefesas, diluindo-se na "formação da nacionalidade":

*"Sem palavra escrita e sem meios que só a liberdade dá, encerrados numa sociedade que os digere pouco a pouco, estranhos quase a ela, mas nela se integrando, não legarão aos vindouros um documento de sua vida mesquinha"*⁴².

Em **Heróis e Bandidos**, lançado no mesmo ano, Taine e Sthendal são os autores escolhidos para fazer analogia com o banditismo europeu.⁴³ Outro autor, Chateaubriand, é citado quando Gustavo Barroso pretende explicar a sociedade sertaneja a partir dos elementos étnicos e sociais que a teriam formado. Chateaubriand, segundo o autor cearense, afirmou que a sociedade medieval havia se constituído com a ruína de muitas sociedades. Por analogia, Barroso afirma que

*"A sociedade sertaneja é o resultado da ruína de três raças, cada qual com diversa natureza moral e physica, com expansões diferentes e manifestações contrarias. Ellas se derruíram no caldeamento da mestiçagem baralhada. Aniquilaram-se quase desdobradas em produtos hybridos"*⁴⁴.

Em "O sertão e o mundo", de 1923, já começa a aparecer o conflito na explicação para o retraimento do mundo sertanejo. Comparando o sertão brasileiro com a Sérvia, diz que a causa lá foi a opressão turca com "sua crueldade horrorosa" e aqui teria sido "a miséria das sêccas e o abandono completo a que os estadistas da Monarchia e da Republica votaram o nosso infeliz

⁴² BARROSO, Gustavo. *Idéas e Palavras*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1917.

⁴³ BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos*. São Paulo, Francisco Alves, 1917, P. 15.

⁴⁴ *Idem*, p. 18.

e imenso hinterland"⁴⁵. No mesmo livro, porém, afirma que a cultura sertaneja nasceu "accordes com o ambiente physico e com a índole das raças"⁴⁶.

Também em **Almas de lama e de aço**, de 1930, o autor oscila entre as explicações que poderiam diagnosticar o comportamento do indivíduo nascido no sertão. Neste livro, editado no auge do fenômeno do cangaço, afirma mais uma vez sua crença na determinação pelas condições naturais, quando diz: "O indivíduo, barbarizado pelo meio bárbaro, adora as emoções fortes"⁴⁷. Taine e Stendhal⁴⁸ são novamente citados como tendo aplicado a mesma tese como causa do banditismo na Itália. Mais à frente, no mesmo livro, ao falar das causas do comportamento do cangaceiro Antonio Silvino, continua a advogar a causa da raça e da hereditariedade como fatores determinantes que o teriam levado à vida de cangaceiro, pois "obedeceu às inclinações da raça e da família, aos impulsos do sangue e aos exemplos da parentela"⁴⁹.

Porém, a interferência do Estado seria decisiva na transformação da vida dos sertanejos. Ele afirma:

*"O problema é antes de tudo, talvez de natureza econômica. Dêem-se-lhe comunicações, transportes, instrução e justiça (...) A miséria e a ignorância, de mãos dadas, têm conseguido efeitos terríveis e sobretudo contagiosos"*⁵⁰.

O conflito aparece de forma clara quando Gustavo Barroso acredita na determinação biológica do comportamento, mas ao mesmo tempo aceita que medidas de caráter social possam trazer ao sertanejo algum tipo de emancipação. Toma-se evidente a opção por um projeto autoritário de organização social baseado nas escolhas de pensadores europeus, o que se materializa em sua filiação ao Integralismo, redundando numa postura de paternalismo e conseqüente afastamento dos setores populares em relação aos setores dirigentes da vida nacional.

⁴⁵ BARROSO, Gustavo. *O Sertão e o Mundo*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1923, p. 15.

⁴⁶ BARROSO, Gustavo. *Op. Cit.*, p. 67.

⁴⁷ BARROSO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço (Lampião e Outros Cangaceiros)*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930, p. 12.

⁴⁸ BARROSO, Gustavo. *Op. Cit.*, p. 11.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 75.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 15.

A base de sua atitude com relação ao homem popular brasileiro é revelada em seu conhecimento folclórico, que é contrabalançada, permanentemente, pelas teorias científicas sobre o homem mestiço. É sob este prisma que se constrói seu personagem sertanejo e onde se instala o paradoxo do homem atemporal e prestes a desaparecer tragicamente. É significativo que em um livro como **Heróis e bandidos** Gustavo Barroso escolha por um lado Taine, um homem de ciência, positivista, adepto do determinismo geográfico e de outro, Chateaubriand, um importante autor do romantismo francês. São estes dois pólos que iremos analisar como constitutivos do pensamento do autor sobre o homem sertanejo, começando com o cientificismo.

O referencial do pensamento de Gustavo Barroso é composto por uma mistura do determinismo geográfico e do racial, além da influência do romantismo. A construção de arquétipos se constrói através da tipologia e da esquematização que procuram clarificar e explicar a realidade do outro através da raça e do ambiente natural. Esta criação arquetípica perpassa toda a sua obra, indo dos escritos literários até aqueles de caráter sociológico. Assim, Barroso estabelece, já em 1912, que o homem sertanejo, comumente, é assassino, por conta do clima e da raça, além das usanças, que revelam talvez a cultura:

"Matar não é crime hediondo no sertão; é cousa comum. Crime lá é crime contra a honra e não contra vida. Assim estabelecem as usanças e querem as condições climáticas e étnicas. Havendo ocasião, todos matam, mas nem todos roubam. O ladrão é raro; o assassino é comum"
51

Hippolyte Taine (1828-1893) é o autor escolhido por Gustavo Barroso quando pretende explicar o comportamento do sertanejo⁵². Escreveu a **História da Literatura Inglesa**, em 1863, e **Filosofia da arte na Grécia**, em 1865. Era adepto de um determinismo integral, a partir do qual seu método realizava-se com uma fundamentação científica da crítica literária, analisando-a através da raça, do

⁵¹ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol (Natureza e Costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Azeite, 1912, p. 114.

⁵² BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos*. São Paulo, Francisco Alves, 1917, p. 15; *Através dos Rios-Lares*. São Paulo-Cayeras-Rio: Companhia Melhoramentos, 1927, p. 54; *Almas de Lama e de Rio (Lampião e outros Cangaceiros)*. São Paulo-Cayeras-Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930, p. 13.

meio e do momento histórico. Assim como muitos outros homens de ciência do século XIX, enxerga o indivíduo enquanto resultado imediato do grupo constituidor, invertendo o livre-arbítrio dos filósofos das Luzes. Taine foi um dos responsáveis pela transformação ocorrida no conceito de raça durante o fim do século XIX, ampliando-o, pois além de biológico ganha uma conotação política, passando a equivaler à idéia de nação.

Os estudos de Taine e Sthendal - este último escreveu **Roma, Nápoles, Florença** - sobre o banditismo social na Itália são usados como analogia para Gustavo Barroso pensar o fenômeno do cangaço no sertão brasileiro.

*"A energia bárbara do homem do sertão nordestino, precisando manifestar-se por injunção da própria força e não achando como, naquele meio atrasado e pobre, vai naturalmente perder-se no crime. Eis ahi a primeira causa do banditismo que continuamente assola aquelas paragens. Essa é a mesma these que Sthendal e Taine applicaram à Itália de seu tempo".*⁵³

Em **Heróis e Bandidos**, o autor cearense apresenta o melhor panorama de seu pensamento de forma mais uniforme e completa sobre a sociedade sertaneja, inclusive com os autores que continuará utilizando por toda a sua vida. Pretendendo explicar o comportamento do cangaceiro, ele, na verdade, acaba por demonstrar seu pensamento sobre o homem sertanejo como um todo.

Barroso diz tentar acompanhar "as modernas correntes sociológicas e criminalistas" pois estas poderiam oferecer as leis capazes de explicar o aparecimento do bandido sertanejo.

*"Passando em revista as causas que os produziram, quer na ordem physica, quer na social, causas mais importantes que elles em si próprios, porque não passam de conseqüências lógicas e resultantes fataes"*⁵⁴.

Este pensamento demonstra a pretensão do cientificismo que reconheceu uma só forma de explicar os fatos, que seria através de sua materialidade. Negando a racionalidade abstrata do liberalismo surgiram os defensores da sciencia que acreditavam num progresso contínuo e, principalmente, afirmando

⁵³ BARROSO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço (Lampião e outros Cangaceiros)*. São Paulo-Cayeras-Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930. P. 11

⁵⁴ BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos*. São Paulo, Francisco Alves, 1917, p. 16.

que os fatos só podem ser conhecidos através dos sentidos. É quando o cientificismo passa a dominar o pensamento, como método e como doutrina. A preocupação destes homens era o repúdio a causas últimas na pesquisa das leis que regeriam os fenômenos.

Para melhor compreender o pensamento de Gustavo Barroso, fomos buscar os fundamentos das "*modernas correntes sociológicas e criminalistas*", conforme ele diz, e chegamos a Comte e seus apoios.

Gustavo Barroso afirma em suas memórias que na Faculdade de Direito do Ceará se discutiam as teorias de Comte. Na mesma época também teria lido **Lógica indutiva e dedutiva**, de Stuart Mill, além de dois livros de Spencer, **Primeiros princípios e Classificação das ciências**⁵⁵.

As fontes mais diretas utilizadas por Comte para sua doutrina do positivismo foram as doutrinas sociais de Saint-Simon, em combinação com trabalhos de ideólogos como Cabanis e naturalistas como Gall, Bichat e Broussais. O método de investigação para a determinação dos fatos e suas relações, Comte foi buscar nos filósofos ingleses como Bacon, Hume e outros. Prossegue a tradição sensualista que, originada em Leucipo, Demócrito e Epicuro, passou por Locke e Condillac, e que foi modificada por Taine. É então no caminho das ciências naturais que se deve seguir⁵⁶.

Comte aplica o método indutivo das ciências naturais às ciências sociais e, sistematizando o ideal burguês de repulsa às especulações do romantismo e do idealismo filosófico, ampliou seus pontos básicos. O positivismo é seguido por duas escolas: a francesa, com Littré e Taine, que se baseiam na fisiologia, descobrindo em nosso organismo a origem e a lei; e a inglesa, de Spencer e Stuart Mill, que buscaram na psicologia e no darwinismo aquilo que seria a evolução psicológica dos sentimentos de egoístas para altruístas, sob a influência do meio

⁵⁵ BARROSO, Gustavo. *Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, s.d., p. 341

⁵⁶ RIBEIRO JÚNIOR, João. *O Positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. e COSTA, João Cruz. *Panorama da História da Filosofia no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1960.

social. Herbert Spencer (1820-1903) lançou as bases do evolucionismo social, premissa essencial de onde partem as teorias racistas⁵⁷.

A idéia de evolução uniu a biologia e a sociologia em consequência dos trabalhos de Darwin, Comte e Spencer. Na convergência das duas, durante o século XIX, as ciências sociais nasceram envoltas na atitude evolucionista. Darwin colocou a biologia, na segunda metade do século, em uma posição de prestígio e a idéia de evolução disseminou-se de forma fulminante. **A Origem das Espécies** foi publicada em 1859 e provocou uma revolução não apenas nas ciências biológicas, mas também no âmbito filosófico e moral, na percepção que o homem europeu e o ocidental letrado tinha de si mesmos.

O livro de Darwin ameniza o debate entre poligenistas e monogenistas, diluindo antigas disputas. A origem única da humanidade estaria nos ancestrais comuns e as espécies humanas estariam separadas a tempo suficiente para configurarem heranças diversas. Darwin inaugura uma nova relação da sociedade humana com a natureza. As expressões "*seleção natural*" ou "*persistência do mais capaz*" teriam sido dadas à preservação das diferenças e das variações individuais, bem como à eliminação das variações nocivas⁵⁸.

A biologia, com suas teorias deterministas e sua promessa de melhoria da saúde e da raça, predominava. Por volta do início do século XX a ascensão da psicologia de laboratório procura demonstrar a base física do pensamento, da conduta e da afinidade dos homens com os animais.

O positivismo repelia qualquer explicação última de cunho metafísico ou teológico. Comte funda uma ciência social ou sociologia como aquela que teria primazia sobre as demais, mas dota-lhe dos mesmos métodos e princípios que regiam as ciências físicas.

Partindo das máximas evolucionistas mas, na verdade, subvertendo-as, os teóricos europeus viam na mestiçagem um fenômeno a ser evitado. Os mestiços seriam degenerados pelo cruzamento entre espécies diversas. Paralelas ao evolucionismo desenvolvem-se duas escolas deterministas: a primeira seria a de

⁵⁷ RIBEIRO JÚNIOR, João. *O Positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 57.

⁵⁸ DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. A 1ª edição é de 1859

Ratzel (1844-1904) e Buckle, a teoria do determinismo geográfico, segundo a qual seria necessário conhecer as condições de cada país para se conhecer seu povo e sua capacidade para a civilização.

A outra escola, denominada darwinismo social, tem um determinismo de cunho racial, preponderando como uma teoria de psicologia coletiva, contrária à ideia de arbítrio do indivíduo. É daí que surgirá a eugenia, em 1883, com o britânico Galton (1822-1911), que buscava demonstrar que a capacidade do homem é hereditária e não adquirida pela educação. Por isso, seria necessário intervir na reprodução das populações.

O que podemos perceber entre os nossos letrados, então, é uma coexistência das mais diversas teorias e tendências, muitas vezes de caráter antagônico convivendo intimamente, como o monismo evolucionista de Haeckel e Moiré, o individualismo de Stuart Mill, o positivismo dissidente de Littré e Taine, as concepções políticas e sociais aplicadas à psicologia de Le Bon, o determinismo de Buckle⁵⁹.

No nosso universo intelectual onde ainda predominava o subjetivismo dos autores românticos, a elite passou a crer no darwinismo e na ideia de evolução, como uma nova religião. Era a crença no progresso infalível e numa constante ascensão da humanidade, sendo que a ciência, com o seu espírito de observação e rigor, deveria ditar os padrões do pensamento e o estilo de vida. Por isso, o fenômeno da mestiçagem, característica primordial da nação brasileira, era tão debatido, já que se imaginava que todos os fenômenos poderiam ser explicados através de leis naturais, perfeitamente identificáveis.

Sendo assim, para Gustavo Barroso só se conhecerão as tendências do homem sertanejo remontando à ação dos elementos étnicos e sociais que o formaram. Citando os livros de Letourneau **Physiologia das paixões** e **Sociologia**, em que este afirma que o indivíduo é "*moralizado ou desmoralizado pelos ascendentes*", ele acredita que o "*jagunço não é criminoso por mero*

BARROSO JÚNIOR, João. *O Positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 61.

acidente de seu caráter, não é criminoso as mais das vezes por si próprio”⁶⁰, mas por influência da família e da raça.

Letoumeau acreditava que os mestiços, como elementos híbridos, não se fixariam e, constituindo uma raça inferior, por sua volubilidade, seriam cruéis, como as crianças, às quais seriam semelhantes no seu estágio de desenvolvimento mental. A necessidade de odiar precederia a de pensar. Esse seria um dos determinantes do comportamento do cangaceiro e de outros bandidos nas sociedades primitivas. Barroso cita também Spencer, para afirmar que nestas sociedades “*rapinantes e guerreiras, a piedade quase não existe. É necessário ser mau para sobreviver*”⁶¹.

É ainda a Letoumeau que Barroso recorre para afirmar que o clima sertanejo teria grande culpa no aparecimento do cangaceiro. A escassez de recursos seria uma das causas primordiais, como em outros lugares com as mesmas características:

*“A Calábria, a Córsega, a Serra Morena, os desertos da Syria e da Mauritânia, todos esses coutos de salteadores, nunca foram gabados por sua abundancia (...) Foi a alma do sertão que moldou e fundiu a do cangaceiro”*⁶².

Domingos Sarmiento, que estudou o banditismo social na Argentina em Tucumán, também é citado no livro por acreditar na hipótese de que o aparecimento do cangaceiro é concernente às distâncias e à falta de comunicação com os grandes centros urbanos. Barroso afirma que “*Os mestres da sociologia afirmam que as cordilheiras mantêm o insulamento dos povos, fazendo-os conservar os característicos primitivos*”⁶³.

Mais algumas páginas à frente, Barroso afirma que:

*“É o domínio da cólera e da malvadez sobre o homem besta, primitivo, de psyché quase idêntica à do pithecanthropos”*⁶⁴.

⁶⁰ BARROSO, Gustavo. Heróis e Bandidos, São Paulo, Francisco Alves, 1917, p.17.

⁶¹ BARROSO, Gustavo. Op. Cit., p.19.

⁶² *Idem.*, p. 21.

⁶³ *Idem.*, p. 31.

⁶⁴ *Idem.*, p. 44.

Gustavo Barroso cita também o deputado do parlamento italiano e professor de Direito penal Enrico Ferri, do livro **Os criminosos**:

*"O crime sob todos os aspectos e formas, da mais equívoca a mais evidente, da mais perdoável a mais infame, passa integralmente da vida à Ciência, que o submete ao bisturi da anatomia física ou moral e à lente da sociologia, afim de procurar em seguida, por indução, os remédios positivos da hygiene e da medicina sociais"*⁶⁵.

As disciplinas voltadas para a pesquisa do criminoso eram a antropologia criminal, biologia e etiologia criminais, sociologia e psiquiatria criminais, medicina legal e direito penal. O que estava em jogo nesse debate era saber se o delinqüente, assim como afirmava Lombroso, outro teórico do determinismo, estava desde o nascimento predestinado ao crime. O italiano afirmava que havia um tipo humano que por apresentar imperfeições em sua organização morfológica estaria destinado à criminalidade. Cesare Lombroso, (1836-1909), que escreveu **O Homem Criminoso**, em 1876; **O Homem de Gênio**, em 1888; **O Crime: causas e remédios**, em 1906, além de **A Mulher Criminosa e a Prostituta**, em colaboração com Guillaume Ferrero, será o principal teórico da antropologia criminal, teoria determinista que se baseava na natureza biológica do comportamento do criminoso, sendo por isso um comportamento físico e hereditário. Darmon nos fala sobre Lombroso:

*"O ano de 1885 marca o ápice de sua carreira. Presidente e 'homem forte' do Primeiro Congresso Internacional de Antropologia Criminal, que se reuniu em Roma, ele impõe suas concepções como se fossem dogmas e afirma sem rodeios que sua teoria do criminoso nato predisposto ao crime por sua constituição física não é passível de discussão por ser o resultado da observação positiva dos fatos. E todos os sábios presentes, à exceção do professor Lacassagne, aprovam sem reserva. Sob sua férula, uma quantidade de êmulos assegura, aliás, a difusão e a ampliação de suas idéias"*⁶⁶.

Fundada por volta da metade do século XVIII, e recuperada no XIX, por esses pensadores, a craniologia pretende estabelecer uma ligação entre o desenvolvimento intelectual e a estrutura da caixa craniana. É o que demonstra o

⁶⁵ BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem., p.17

⁶⁶ DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na "Belle Epoque": a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 98.

nascimento simultâneo da frenologia e da antropometria, onde a capacidade dos indivíduos é medida pelo tamanho e proporção do cérebro dos diversos povos.

Dentro desta questão, porém, havia a questão maior do livre-arbítrio ou da determinação da trajetória individual pela raça e pela meio ambiente.

Em **Terra de Sol**, Gustavo Barroso descreve os cangaceiros como divididos em dois tipos, aqueles que entraram para o cangaço por sofrerem algum tipo de injustiça e se rebelaram contra a arbitrariedade dos poderosos, e a maioria, que já teria a predisposição para o crime:

*"Mas ao lado desses, infelizmente em maior quantidade, há os profundamente infames e infinitamente miseráveis, degenerados completos, nevropatas ignóbeis, tendo a audácia para todas as torpezas e a inclinação para todos os crimes, almas de lama que nunca esboçaram um gesto de compaixão e nunca possuíram o menor sentimento de homem: perversos, covardes, crivados de todas as taras, atupidos de todas as psicopatias, raramente brancos, sempre mestiços de ínfimo cruzamento, bráquicéfalos, prognatas, assimétricos, malformados, faces horrendas, simiescas, com contrações de orango e um abrir de mandíbulas, desmesurado, bestial, os olhos baixos de um alquebramento de tigre farto ou fuzilando torvos, sob as pálpebras grossas, de revés. Ao rirem-se, os dentes alvos, serrados em pontas, luzem num hiato negro da bocarra como presas de feras, ou sujos, estriados de fumo, viscosos, lembram dentes de um bicho que vivesse focinhando o lodo. As perturbações nervosas tumultuam e tempesteiam nesses cérebros, incentivando o crime. São verdadeiros monstros: às vezes epiléticos, de fâcies envilecidos, crânios deformados, acumulando heranças torvas, sistematizando as mais vis taras hereditárias (...) Cada um deles é um rosário de torturas, sevícias barbaridades daomeanas, cenas repugnantes de sensualismo abjeto, - estigma das mais baixas e depravadas inclinações"*⁶⁷.

Também em **Através dos Folk-lores**, apesar de não se referir ao assunto diretamente, Gustavo Barroso cita os pesquisadores da craniologia Broca, Morton e Topinard, demonstrando a leitura das obras dos mesmos⁶⁸. Paul Broca (1824-1880), poligenista, foi médico anatomista e adepto da craniologia, fundador da Sociedade Antropológica de Paris, em 1859, da Revista Antropológica, em 1872, e da Escola Antropológica, em 1876. Seu livro de 1864 é o **On the phenomena of the hybridity in the genus homo**. Em pesquisas realizadas, entre os anos de

⁶⁷ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol (Natureza e Costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Moraes, 1912, p. 101.

⁶⁸ BARROSO, Gustavo. *Através dos Folk-lores*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, p. 34.

1861 e 1865, conseguiu localizar a função da palavra no cérebro, hoje conhecida como área de Broca. Seu trabalho, grosso modo, associou a inteligência à complexidade das circunvoluções cerebrais e ao peso do encéfalo. É considerado o fundador da Antropologia Moderna por conta da Antropometria, porém teve predecessores na Antropologia Física, como George Cuvier, que escreveu *Leçons d'anatomie comparée*, em 1800, e Samuel George Morton da "Escola Americana de Poligenia", que escreveu *Crania Americana*, de 1839, bem como *Crania Aegyptia*, de 1844⁶⁹.

Também antes de Broca, o médico austríaco Franz Joseph Gall (1758-1828) foi o primeiro a realizar o desdobramento das circunvoluções encefálicas, provando que o cérebro não é um órgão simples. Aí já estão em embrião as concepções fundamentais da Escola Italiana de Antropologia Criminal, quando se elaborou o termo frenologia por seu discípulo Spurzheim. Gall escreveu um tratado, editado em quatro volumes, com o título de **Anatomia e fisiologia do sistema nervoso e do cérebro com observações sobre a possibilidade de reconhecer várias disposições intelectuais e morais do homem e dos animais pela configuração de suas cabeças**, em 1810. A originalidade de seu pensamento diz respeito às sanções penais que, segundo ele, deveriam ser aplicadas não em função do delito, e sim do criminoso⁷⁰.

Para Gall, a morfologia craniana seria modelada pela forma do cérebro em função da personalidade. É o que afirma em 1796. Para ele, as diversidades humanas que podiam ser observadas seriam produto direto das diferenças na estrutura racial. Portanto, a inferioridade física revelaria uma inferioridade mental. Haveria "tipos" ou "raças puras" que não deveriam de forma alguma passar pelo fenômeno da hibridação, já que isso resultaria na esterilidade das espécies miscigenadas.

A antropometria foi um método estatístico de análise do corpo humano, criado por volta de 1850 para precisar o lugar do homem na natureza e definir os caracteres das raças humanas. Foi utilizada para apreciar os fatores

⁶⁹ CHARMON, Pierre. Op. Cit., p. 29.

⁷⁰ *Idem*, p. 31.

biossociológicos na origem da decadência ou da prosperidade das nações e discriminar os grupos sociais desviantes, classificando os povos segundo pressupostos hierárquicos. Com a criação do Laboratório de Antropologia da Escola Prática de Altos Estudos, em 1868, os seguidores de Broca levaram adiante seus ensinamentos, principalmente Topinard⁷¹.

Topinard, como Gall e Broca, também acreditava na imutabilidade das raças que resultava na infertilidade da mula e do mulato. Porém, esse poligenista, professor da Escola de Antropologia de Paris, pertencente também à Escola Craniológica Francesa criou, em 1887, uma revista de antropologia criminal denominada **L'antropologie criminelle**, na qual faz uma crítica à teoria do criminoso nato. Segundo o seu pensamento, em termos de antropologia não existiria o tipo criminalóide⁷².

A carga de preconceito contido na palavra "*mulato*" revela a aproximação que é feita entre o mestiço e os animais, no caso, a mula, este indivíduo sendo híbrido como o animal. Esta leitura se pensava confirmada pelas teorias evolucionistas e Broca pretendia precisar os limites de variabilidade do gênero humano a fim de chegar a conseqüências fisiológicas sobre a aptidão ou não dos povos à civilização.

Ao indicar a importância das circunstâncias que cercam o crime, Lacassagne anuncia as concepções sociológicas da escola de Lyon em oposição aos italianos. O médico legista Alexandre Lacassagne, da Escola de Medicina Legal de Lyon, escreve em 1908 **Peine de mort et criminalité** mas, antes disso, já havia lançado em 1885 a revista **Archives d'anthropologie criminelle**. Damon nos diz que no plano biológico e anatômico, as escolas de Lyon e de Paris não puseram, verdadeiramente, em dúvida as observações do italiano Lombroso, mas elas inverteram sua lógica, ao fazer dos estigmas da criminalidade não a causa do crime, mas o efeito de fatores sociológicos que predisporiam ao crime. Sendo assim, é o italiano Enrico Ferri, citado por Barroso, que, pretendendo conciliar seu conterrâneo, surge como conciliador entre as duas escolas,

⁷¹ *ibidem*, p. 29.

⁷² *ibidem*, p. 92.

afirmando que a luta contra a criminalidade deveria levar em conta os dois fatores proclamados por franceses e italianos⁷³.

Em artigos em que discute a denominação dada ao cearense de "cabeça chata", publicados em **Através dos Folk-lores** e **À margem da História do Ceará**, Gustavo Barroso cita estudos de Topinard e Gobineau⁷⁴. O Conde Artur de Gobineau (1816-1892) escreveu **Essai sur l'inégalité des races humaines**, em 1853. Embaixador da França no Rio de Janeiro, tornou-se amigo de Dom Pedro II, amizade atestada pela correspondência mantida entre eles. A raça superior seria integrada pelos louros "*dolicocéfalos*" da Alemanha, Inglaterra, Bélgica e norte da França. A teoria de Gobineau, que teve grande influência no desenvolvimento de políticas racistas na Europa, é apontada por muitos como o substrato das idéias de Hitler. Via as raças humanas enquanto espécies diversas que deveriam evitar o fenômeno da hibridação, pois as nações mestiças seriam degeneradas, constituindo uma ameaça ao equilíbrio natural.

Gobineau, ao contrário de Topinard, Gall e Broca, acredita que o mestiço é extremamente fértil e lastima por isso, pois os mestiços sempre herdavam as características mais negativas das raças em cruzamento. Gobineau rompe de vez com a explicação monogenista, na medida em que acreditava ser impossível para as sub-raças mestiças alcançarem a civilização. Nele, acontece uma vinculação entre classe social e raça, justificando o domínio europeu.

A mestiçagem é transformada em um marco divisor entre a interpretação monogenista e a interpretação poligenista predominante na antropologia. É a partir daí que ocorre a naturalização da diferença, no século XIX, com as teorias sobre as raças que se transformam em um projeto teórico de alcance universal. Os paradigmas surgiam da biologia, onde se classificava a diversidade a partir das pretensas leis da natureza⁷⁵.

⁷³ Id. *ibidem.*, p. 102.

⁷⁴ BARROSO, Gustavo. *Através dos Folk-lores*. São Paulo-Cayeras-Rio: Companhia Melhoramentos, 1927. e, *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962,

⁷⁵ SCHWARZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 141.

Na esteira de Gobineau, a ameaça da degenerescência mobilizou os antropólogos que se preocuparam com os fatores hereditários, explicando o aumento do crime e as dificuldades de adaptação à sociedade. Estabelecendo relações entre a raça, a forma do corpo e a vida espiritual do indivíduo, os homens de ciência do século XIX cada vez mais se afastavam do pensamento humanista, trazendo conseqüências bastante fortes para a sociedade e para a convivência entre seus diversos grupos. Esta questão, na verdade, remete ao século XVIII, à Filosofia das Luzes e à discussão sobre o Livre Arbítrio.

A discussão que Gustavo Barroso estabelece, da viabilidade de um país composto prioritariamente por mestiços, encontra raízes numa problemática mais antiga e profunda. Os pensadores do século XVIII, como Rousseau e Buffon, estão presentes na base das discussões sobre a desigualdade das raças.

A conquista da América parece um momento decisivo para o desenvolvimento de um pensamento sobre as diversidades entre povos. Aqueles povos denominados primitivos podiam representar a oportunidade de rever a gênese do ser humano. O pensamento humanista defendia a idéia de uma humanidade una que ascendia constantemente numa linha evolutiva em direção aquilo que Rousseau denominou de perfectibilidade⁷⁶.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) escreveu **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**, **Discurso sobre as Artes e Ciências**, ambos de 1775, e o **Contrato Social**, de 1762. O seu conceito de perfectibilidade parece indissociável de outro, a liberdade, qualidade específica e característica do ser humano, aquilo que o diferencia da natureza. Apesar de ser um filósofo da Ilustração, afasta-se dela ao pensar que a sociedade corromperia o homem, originariamente bom.

A partir da segunda metade do século XVIII, período do auge das colonizações e da conquista das culturas indígenas das Américas, a "literatura exótica" começa a ceder lugar àquela que atribui a inferioridade racial aos povos conquistados. Rousseau procurava na identificação, ou na compaixão, a maneira

⁷⁶ROUSSEAU. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 135.

de entender aquele homem não-ocidental. O bom selvagem era aquele que demonstrava que, se havia uma bondade original da natureza humana, a evolução social a corrompeu.

A perfectibilidade de Rousseau, porém, não pressupunha a infalibilidade da chegada à civilização, da forma como pensaram os teóricos raciais do século XIX, e sim uma humanidade una, mas diversa em seus caminhos. Homens como Buffon e De Paw eram as referências para legitimar a essência da diferença entre os europeus e os indígenas e mestiços americanos. A partir da Revolução Francesa e do legado da Ilustração puderam formar-se as bases filosóficas para se pensar a humanidade como um todo, em seus diversos matizes ⁷⁷.

Ainda em **Através dos folk-lores**, Gustavo Barroso cita Buffon, contando uma história de papagaio para ilustrar e confirmar a sua idéia de que todos os indivíduos são semelhantes, apenas com algumas variações, mas permanecendo os mesmos elementos, como os papagaios, por exemplo ⁷⁸. O naturalista Buffon (1707-1788) recebeu o título de conde de Luís XV por sua notoriedade intelectual e foi autor de um dos mais antigos relatos sobre história geral, biologia e geologia não baseado na Bíblia. Embora suas concepções partissem da idéia da "geração espontânea", seus estudos representaram avanços na classificação dos seres vivos. Iniciou um minucioso trabalho de classificação das espécies animais e vegetais. Neste método de classificação natural estabeleceu princípios de continuidade e afinidade entre as espécies, concepção oposta ao método de Lineu, antecipando algumas idéias evolutivas que seriam defendidas por Lamarck e Darwin. Escreveu **De L'homme**, em Paris, em 1749, lançando os primórdios de uma ciência do homem. O seu etnocentrismo parece legitimado pela apresentação de diferenças étnicas e culturais essenciais entre os homens. O francês enxerga o continente americano sob o signo da carência. Apesar de permanecer acreditando na unidade do gênero humano, no entanto, apresenta uma novidade, que é uma profunda hierarquia entre os diversos grupos que o compõem ⁷⁹.

⁷⁷ SCHWARZ, Lilia. *Op. Cit.*, p. 44-45.

⁷⁸ BARROSO, Gustavo. *Através dos Folk-lores*. p. 32.

⁷⁹ SCHWARZ, Lilia. *Op. Cit.*, p. 44-45.

A confusão entre herança genética, moralidade e intelecto será a tônica da discussão iniciada no século XVIII e aprofundada no século XIX. Esta confusão se sobrepôs ao pensamento humanista e também ao otimismo próprio da Revolução Francesa, que pensava a humanidade em termos de nações ou povos, e não como raças essencialmente díspares entre si.

O debate estabelecido entre monogenistas e poligenistas vai desembocar na polarização entre a possibilidade de arbítrio do indivíduo e a força determinante do grupo biológico. Este último aspecto é determinante na construção do personagem sertanejo na obra de Gustavo Barroso, é ele quem tece a tragicidade em torno da trajetória do homem do povo marcado pelo estigma da mestiçagem.

Em vista do crescimento das ciências biológicas a hipótese poligenista torna-se cada vez mais difundida por volta do final do século XIX. Contestando a igreja, os pensadores iam contra a idéia religiosa da criação una e defendiam a existência de vários centros de criação, demonstrados nos vários tipos raciais existentes.

A existência de vários tipos raciais poderia legitimar a dominação de alguns povos sobre outros, através da pretensa superioridade biológica. Esta interpretação, que naturalizava a conquista, fortalecia a idéia de que o comportamento seria passível de análise, pois resultava de leis naturais.

Segundo Schwartz teria sido George Cuvier o introdutor do conceito de "raça" na literatura especializada, ainda no começo do século XIX, pensando a existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos. Em sua perspectiva de ordenar e classificar foi de encontro aos pressupostos galileianos das revoluções burguesas e reagiu ao iluminismo. Ao confundir-se o conceito de raça com o de povo, surgiu um debate sobre a capacidade de exercício da cidadania por parte de alguns grupos sociais. A discussão girou em torno do alcance das determinações do grupo biológico e da capacidade do arbítrio individual⁸⁰.

⁸⁰SCHWARTZ, Lilia. *Op. Cit.*, p. 47.

Ao enfocarmos as diversas atuações de tais pensadores em suas instituições formadoras de saber e nos movimentos sociais da Europa, definimos a extensão do pensamento destes grupos que pode ser identificada dentro da obra de um homem como Gustavo Barroso.

O levantamento da sua trajetória intelectual permite discutir os elementos formadores de seu pensamento autoritário através das temáticas escolhidas e das formas assumidas pela sua intervenção na sociedade. Além disso, identifica o universo cultural de um letrado brasileiro, cearense, nascido no final do século XIX e com forte inserção, durante toda a vida, nas problemáticas sociais, políticas e culturais de seu país.

Enfocando as articulações do pensamento do autor com as teorias de raça do Velho Mundo, podemos perceber a firmeza da escolha de autores e escolas com pensamento extremamente conservador e segregacionista, não obstante estas à época se encontrarem em pleno descrédito não só lá, mas aqui também, como é o caso de Gobineau, citado por Gustavo Barroso em toda a sua obra. Inclusive em um de seus últimos livros, **À Margem da História do Ceará**, já em plena década de 50 do século XX, depois da grande e sangrenta guerra e de toda a carnificina nazista promovida pelos ideais de pureza racial.

No entanto, uma outra faceta fortemente acentuada na construção do personagem sertanejo é a analogia com os mitos da Antiguidade e com as figuras da história do medievo europeu. É significativo que no livro **Casa de Maribondos**, Gustavo Barroso haja descrito uma personagem que faz uma grande salada de teorias científicas que procuram explicar o mundo e que porém, segundo o autor, não conseguem explicar coisa nenhuma:

*"Systemas da sciencia que nada explica (...) darwnismo, associonismo, circumvoluções cerebraes, massa cinzenta, espheras do conhecimento, naturalismo"*⁸¹.

Apesar de ter seu pensamento formado a partir desses paradigmas científicos, presumo ser esse conto uma crítica aos exageros do cientificismo generalizado e do pedantismo de seus adeptos. Confrontado com a depreciação

⁸¹ BARROSO, Gustavo. *Casa de Maribondo*, p. 84.

que estas teorias realizam sobre o mestiço, o literato cearense, até porque seu conhecimento científico parece superficial, constrói a legitimidade de seus contemporâneos sob uma antiguidade produzida sob a ótica do pensamento romântico, que o purgaria de toda incapacidade, para estabelecê-lo como símbolo, ao nível da mitologia.

O folclore é um aspecto fundamental nesse processo de criação do personagem sertanejo, já que, para ele, a legitimidade do sertanejo é construída pela relação com o passado, através da busca das fontes que confirmem sua ligação com o medievo europeu e com os povos da Antiguidade. Em **Através dos Folk-lore** ele usa autores antigos, como Plínio, para confirmar suas hipóteses ou as dos pensadores europeus, no caso Buffon e Gobineau, que também estariam baseadas em tais autores.

“O ilustre Buffon afirmou na sua “História Natural” que o papagaio se embriaga. Repetio a Plínio (Historia dos Animales.VIII.XIV,12) que fala de papagaios bêbedos. Trata do mesmo costume, no seu monumental “Essai sur l’inegalité des races humaines”, o Conde de Gobineau”⁸².

Nessa metodologia usada por Gustavo Barroso é que iremos encontrar o ponto de contato entre dois pensamentos que parecem bem distintos: o cientificismo e o pensamento romântico. Numa figura como a de Gobineau, encontram-se reunidas a teoria racial e a filologia, os dois pólos básicos de onde parte a teoria de Barroso para definir o sertanejo.

1.3 Os Caminhos do Saber: o romantismo.

Silvio Elia afirma que o Romantismo foi o maior acontecimento espiritual dos tempos modernos⁸³. De fato, a amplitude do movimento é tão grande que é melhor falarmos de pensamento romântico, a fim de englobar todas as diferentes formas e nuances que ele adquiriu, e têm como nascedouro comum a crítica ao primado da razão no classicismo. Dilmar Miranda nos fala sobre o pensamento

⁸² BARROSO, Gustavo. *Através dos Folk-lore*. São Paulo-Cayeras-Rio: Companhia Melhoramentos, 1927, P. 32.

⁸³ ELIA, Silvio. Romantismo e Lingüística. In: *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 114.

romântico alemão e francês, que posteriormente torna-se nascente do conhecimento folclórico:

*"Para o romantismo, a vaga racionalista varrerá os sentimentos mais espontâneos, fazendo com que as elites perdessem grandes valores como coragem e entusiasmo, subsistido no espírito do povo, por ter se mantido distante do racionalismo assepsizante das elites"*⁸⁴.

Na Alemanha, o pensador Johan Gottfried Herder aprofundou a crítica à filosofia francesa do século XVIII, acreditando que a sua base era a intolerância como fruto do "livre pensamento" e da "razão". Esta teria substituído a intuição, separando emoção e intelecto. São os escritos de Herder - ensaios históricos e de estética literária - em livros como, **Idéias sobre a filosofia da história para a educação da humanidade**, de 1784, que revelam ao jovem Johan Wolfgang Goethe os encantos de Shakespeare (Goethe refere-se ao dramaturgo inglês como "nosso pai e mestre")⁸⁵, a arte gótica e poesia popular recolhida entre os camponeses da Alsácia.

*"Shakespeare exerceu tal influência sobre o nosso círculo de Estrasburgo que, assim como há homens fortes em Bíblia, nós nos tornamos pouco a pouco fortes em Shakespeare (...) Para quem quiser aprender diretamente o que se pensou, exprimiu e debateu nessa sociedade viva, será preciso ler a memória de Herder sobre Shakespeare na brochura 'Do Estilo e da Arte Alemã' e as 'Notas sobre o Teatro' de Lenz, a que se acrescentou uma tradução de 'Trabalhos de Amor Perdidos'"*⁸⁶.

Do grupo de moços intelectuais que em Estrasburgo se popularizou à volta de Goethe, como Lenz, Klinger, Wagner e outros, nasceu, no final do século XVIII, o movimento "Sturm und Drang", ou "Tempestade e Ímpeto", que foi precursor de um nacionalismo que buscava as raízes originais do "Volk", "a comunidade popular". Seria o convívio com a natureza, considerada por ele como "nosso templo", que conferiria ao povo qualidades transcendentais⁸⁷.

⁸⁴ MIRANDA, Dilmar. *Tempo da Festa X Tempo do Trabalho – Transgressão e Carnavalização na Idade Época Tropical*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, setembro de 2001. p.35

⁸⁵ GOETHE. *Memórias: poesia e verdade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, P. 140 (1ª edição 1830).

⁸⁶ GOETHE. *Op. Cit.*, p. 376.

⁸⁷ *Idem* p. 378.

Procurando resgatar as chamadas antigas tradições, os intelectuais do romantismo alemão darão início à busca da construção de um arsenal de informações capazes de traduzir uma ontologia das nações européias. Também a reação contra as invasões dos exércitos napoleônicos provocou o advento dos exércitos nacionais que foram substituindo as tropas mercenárias, aumentando assim o entusiasmo patriótico das populações.⁸⁸

Gustavo Barroso possui uma concepção de organização social que se encontra perfeitamente identificável na figura dos personagens sertanejos de seus romances e contos. Implícitos ali se encontram seus conceitos de história, cultura, política e sociedade. A escrita de Barroso está embasada em três fatores que se inter-relacionam intimamente, confrontando-se ou complementando-se: as teorias românticas européias do século XIX, o romantismo e a produção da antiguidade como legitimidade histórica.

A sua família, de nome tradicional, que ocupava uma *"casa antiga no aspecto, nos moradores e nos usos"* possuía um *"regime antiquado"* que é atribuído à sua árvore genealógica. Segundo ele, seu avô paterno era o capitão José Maximiano Barroso, filho do José Fidélis Barroso, citado pelo viajante Koster no livro **Viagens ao Nordeste do Brasil**; o outro bisavô era João da Cunha Pereira, capitão-mor dos índios da Paupina, pertencente à *"antiga e grande família dos Cunha, povoadora do vale do Jaguaribe"*. Do lado materno, ainda havia:

*"a aumentar o amor ao passado e aos ideais de ordem e construção o sangue germânico de minha mãe, filha do engenheiro alemão Gustavo Dodt. (...) A sua estirpe era a dos Von Lanzehr de Dannenburg, no Hannover, e de sua mulher, minha avó materna, a dos Von Mohliebroeck, de Dantzig"*⁸⁹.

Esse é o argumento para justificar porque em sua casa *"tanto se falava em respeito. Único menino no meio de gente velha e conservadora"*⁹⁰. Isso também pode explicar a quantidade de nomes escolhida para ele: Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso.

TRIMBURG, J. Romantismo, Historicismo e História. In: *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. p. 25.

BARROSO, Gustavo. Op. Cit., p. 23.

Em suas memórias, ele nos conta que recebeu as primeiras letras em sua casa, como era costume à época, onde as crianças, quando iam à escola, já estavam alfabetizadas. Ou melhor: não somente já sabiam ler, escrever e contar, como também já se encontravam inseridas numa determinada cultura letrada que as tornaria aptas a começar a freqüentar a instituição escolar.

*"(...) fora educado e instruído pela Tia Iaiá, irmã mais velha de meu pai, que tinha bastante leitura e o espírito romântico da cultura de 1860"*⁹¹.

Nesse caso, o espírito romântico da segunda metade do século XIX é especificado nos nomes mencionados pela tia. Os franceses Lamartine e Victor Hugo, o poeta adocicado Maciel Monteiro, bastante apreciado pelas mocinhas da época, e homens como Pedro II e Joaquim Nabuco, constituem o cenário de leituras fortemente influenciado pela cultura francesa com os ecos da Revolução de 1789, e as lutas internas pelo fim da escravidão. Essa iniciação deixa marcas que acompanham toda a trajetória intelectual e de vida do cearense.

O romantismo foi um movimento que apresentou em seu interior variáveis quase opostas, nuances tão diferenciadas que é impossível se pensar a existência dele como um movimento único.

Trata-se de um pensamento onde se abrigaram ao mesmo tempo o conservadorismo e o desejo libertário, a inovação formal e a repetição de fórmulas consagradas. Talvez seja possível pensar em caracterizá-lo como um "anticlassicismo", uma visão individualista, um desejo de romper com as normas e os excessos do racionalismo do "Século das Luzes". Goethe afirma sobre seu grupo de amigos:

*"Se ouvíamos falar dos enciclopedistas, se abríamos o volume de sua obra imensa, sentíamos uma impressão semelhante à de quem percorre uma grande fábrica, no meio de inumeráveis bobinas e teares em movimento, e, diante desse ronco e desse estrépito contínuo, dessa maquinaria que perturba o olhar e o espírito, do mistério incompreensível de um mecanismo cujas partes se entrosam com uma variedade infinita – enfim, à vista de tudo que é necessário para fabricar uma peça de pano – acaba por sentir aversão à própria roupa que leva no corpo"*⁹².

⁹¹ *Idem.*, p. 20.

⁹² *GOETHE*, Op. Cit., p. 374-375.

Em mais de meio século de predomínio, entre o final do século XVII e meados do século XIX, algumas características das obras produzidas pelo pensamento romântico talvez possam ser, grosso modo, definidas como uma valorização das emoções, do subjetivismo, da imaginação, incentivando a criação e não a imitação, como ocorria no classicismo, que buscava copiar a arte grega.

Também uma tendência fortemente individualista pelo fato de o artista não conseguir se encontrar, fixando a imagem de um indivíduo em constante luta contra um mundo que não consegue aceitar e criando a idéia de um "Eu" absoluto, iluminado, o Gênio. Há uma fuga, um choque entre este "Eu" e o mundo, uma tensão entre a sociedade e o artista incapaz de se ajustar pelo desejo de buscar uma totalidade impossível. A presença de regiões consideradas excêntricas, muitas vezes voltadas ao Oriente, os ritmos do sonho e do mistério são constantes nas obras.

Se o presente não é bom, volta-se o romântico para o passado, particularmente ao mundo medieval ou a algum exótico espaço oriental. O próprio adjetivo romântico seria derivado do substantivo "romant" (roman ou romant), que indica os romances medievais de cavalaria, segundo Citelli⁹³. Já para Elia, o substantivo teria derivado do adjetivo "romanice", do latim popular, que significa "à maneira dos romanos".

*No século XII designava qualquer narrativa na língua do povo, em oposição ao latim; no século XIV o adjetivo se especializa para romances de aventuras, em verso; no século XV o sentido se estende aos romances de cavalaria, em prosa; só do século XVII em diante foi que tomou o sentido que hoje tem*⁹⁴.

A valorização do tempo e do espaço distante fez com que, por volta de 1789, **Os Cantos de Ossian** contaminassem a Europa, exercendo posteriormente influência em Goethe e Chateaubriand. Este livro, além do clima melancólico, significativo do romantismo, remete às lutas e aventuras da civilização céltica iniciadas no século III. Ossian é o pseudônimo do poeta inglês James Macpherson (1736-1796).

⁹³CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986, p. 22.

⁹⁴ELIA, Silvio. Op. Cit., p. 114.

Gustavo Barroso constrói seu personagem sertanejo fundamentando-o neste espaço atemporal e ao mesmo tempo localizado no tempo mítico da antiguidade e do medievo, como quando diz que o sertanejo guarda em “toscos versos tudo o que maior lembrança e maior impressão deixou no seu espírito, todos os fatos menos comuns passados na ribeira”; o que seria próprio dos povos primitivos pela facilidade de guardar na memória e conservar na tradição oral, assemelhando-se assim aos heróis cantados por Ossian:

Todos os povos da antiguidade guardavam em verso as avoengas tradições de glória, bravura e lealdade. Homero cantou as argivas façanhas junto aos muros de Tróia, e já os védicos poemas tinham perpetuado o valor dos povos arianos. Cuchullin e Fingal foram cantados por Ossian, e os menestréis medievos, de corte em corte, de castelo em castelo, andavam ao som do lute contando dos grandes feitos das cruzadas. Os jograis diziam rimances pelas feiras. Os escandinavos narravam as navegações polares nas admiráveis sagas rúnicas⁹⁵.

O Romantismo se baseia numa grande valorização e idealização da natureza, confunde os conceitos de terra e nação, a dimensão física e a política, sempre em busca do exotismo, de um lugar distante e puro, num encontro com a ideia de Rousseau, que considerava a sociedade contemporânea e urbana como algo contaminador da alma humana, enquanto o contato com a natureza teria a capacidade de resgatar os valores de força e ética perdidos.

A cena histórica na qual deve ser pensado o romantismo na Europa é aquela cujos parâmetros estão, aproximadamente, entre os últimos lampejos da escuridão do século XVIII e o cientificismo urbano-industrial da segunda metade do século XIX⁹⁶. Será, ao mesmo tempo, expressão dessas circunstâncias históricas e a afirmação dos descompassos entre os avanços econômicos e as teorias de segregação e exploração dos grupos submetidos, pois apesar da revolução haver rompido com as bases do poder, as desigualdades sociais continuavam se alastrando.

Na França, em homens como Chateaubriand e Lamartine se percebe uma concepção inteiramente monárquica. Mais tarde, com Victor Hugo, que se identifica com as idéias de progresso, fraternidade e democracia do povo,

⁹⁵ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*. P. 200.

⁹⁶ COSTA, Adilson. *Op. Cit.*, p. 27.

deparamo-nos com uma nova tendência do romantismo pertencente ao século XIX, o qual se alimenta das evocações da Revolução Francesa⁹⁷. Gustavo Barroso afirma que estes autores foram a base de sua formação de letrado.⁹⁸

Podemos falar do pensamento romântico como uma insurgência contra o pensamento reinante na Europa no final do século XVIII e cujos desdobramentos contribuíram decisivamente para abrigar sob a mesma denominação compreensões sócio-estéticas muito diferenciadas. A França, Alemanha e Inglaterra, com suas particularidades, deixavam entrever o desejo de criar um mundo onde aqueles princípios de servilismo e prepotência de senhores feudais, que diziam agir sob a vontade de Deus e a segurança dos reis, fosse rompido.

A crença na possibilidade de realizar a felicidade humana através da revolução animou toda uma geração européia, situando-a na rota das grandes transformações sociais e históricas que poderiam vir a redefinir os caminhos da humanidade. Essa esperança, no entanto, foi logo contrariada pela própria dinâmica que marcou a ascensão da burguesia ao poder. As novas formas de dominação e a aplicação dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, segundo os interesses da nova classe, formaram nuances diversas dentro do romantismo.

Em 1827, Victor Hugo realiza uma sistematização teórica acerca do romantismo no prefácio de **Cromwell**. O título é **Considerações gerais sobre a arte**, mas ficou mais conhecido como **Do grotesco e do sublime**. Nesse texto afirma que o classicismo foi superado pelo romantismo, entendido como sinônimo da liberdade de criação, da possibilidade de fundir gêneros, de misturar verso e prosa, assim como aproximar grotesco e sublime como partes de uma mesma realidade. Hugo insiste em que o classicismo, de autores como Corneille e Racine, foi superado pelo drama romântico.

No Brasil, o romantismo se inicia e se concretiza pelo desejo de libertação, da busca da liberdade. A vontade de exercitar o conceito de

97. SILVA, Silvio. Op. Cit., p. 118.

98. BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. p. 19.

soberania da nação fixando, conseqüentemente, comportamentos e expectativas fundadas na exaltação dos elementos mais característicos da nação⁹⁹.

A Inglaterra e a França poderiam procurar suas referências em uma longa trajetória letrada, mas o Brasil não poderia ter como referência suas instituições em processo de formação. A solução foi embasar a nova nação nos aspectos mais típicos e reveladores de nossa formação, o que para os letrados seria a natureza. Para eles, nada mais expressivo e grandioso do que a natureza, concebida em sua dinâmica mítica, capaz de expressar a idéia de origem, portanto, aquela característica diferenciadora, inequívoca, concretizada no indianismo de Gonçalves Dias e José de Alencar.

A despeito da enérgica tentativa da "geração de 1870" de superar o romantismo, a literatura produzida sob o signo do regionalismo, nas primeiras décadas do século XX, mantêm-se em parte presa da escola romântica, quando se volta para o sertanejo com a mesma expectativa com que o romantismo se voltava para o indígena.

O sertanejo de Gustavo Barroso está ancorado em certos modelos que remetem a uma concepção de indivíduo formada a partir do belicoso mundo medieval, regido pelos ideais de fortaleza, de justiça, de valorização do passado. Descreve uma natureza que funciona como símbolo, como ponto de partida para se pensar uma sociedade com um conjunto de valores que resultam de uma mistura de medievalismo, mitologia clássica e uma etnografia que mistura as lendas ao cotidiano.

No entanto, o cientificismo que grassa durante todo o século XIX, principalmente em sua segunda metade, compõe o quadro do homem brasileiro como marcado pelo estigma da mestiçagem e que, apesar de conter os fundamentos da nação, está fadado ao destino incerto daqueles que não possuem os meios de decidir sua própria vida: a civilização branca européia e a cultura indígena. Marcado por esse paradoxo, Gustavo Barroso tece o retrato do homem sertanejo nortista sob o signo do trágico. O sertanejo avança para seu destino com

⁹⁹ FONSECA, Alfredo. Imagens do Romantismo no Brasil. In: *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 240.

um misto de coragem e resignação. O fatalismo e a incapacidade de mudar seu próprio destino lhe determinariam a tragicidade.

Na introdução do centenário de **Lendas e Canções Populares**, de Juvenal Galeno, Alves de Andrade, membro do Instituto do Ceará, afirma que:

"Dizia Spengler que o campesino está fora da história. Sim, confirma Vidart, está fora da história porque é o homem essencial, o homem eterno, que persiste através dos vaivens da humanidade, com o seu agreste existencialismo"¹⁰⁰.

O folclore sempre andou junto da filologia, compondo uma metodologia juntamente com a lingüística e a mitologia. E é assim que se constitui a teoria de Barroso. O folclorista seria aquele letrado que estudaria a cultura popular a partir de um colecionismo e numa postura empiricista. No entanto, a cultura popular seria mais do que uma atividade dos folcloristas, seria a fonte de onde os gênios da literatura mundial, como Byron, Goethe, Dante, Hugo, Wagner, Musset, que se retiram sua inspiração, sendo que são eles que lhe conferem a magnitude:

"O folk-lore guarda, mas não sublima. Essa segunda parte compete à arte. E eis por que sobre o alicerce da lenda popular se erguem, luminosas, as torres ebúrneas que o gênio constrói. Que valeriam todos os temas antigos e plebeus sem o brilho que lhes deram Rabelais, Goethe, ou Byron?"¹⁰¹

Para Gustavo Barroso, poder-se-ia afirmar que todos os folclores teriam uma origem comum. Essa fonte original estaria no Oriente, como acreditavam os filólogos europeus do século XIX sobre a origem da humanidade. Daí provém o Orientalismo, esse corpo de estudos e de literatura sobre o Oriente, tão bem caracterizado por Edward Said.

Gustavo Barroso acredita que há uma origem comum entre os folclores, por conta das analogias encontradas em suas pesquisas. As relações entre o Oriente e os sertões teriam vindo de seus antepassados "*latinos, iberos, godos, suevos e sobretudo árabes*":

"Elas são tantas e tão fortes que bem se poderia afirmar terem todos os folk-lores uma origem comum hoje em dia perdida na noite profunda dos

ANDRADE, Francisco Alves. In: GALENO, Juvenal. *Lendas e Canções Populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 2.

BARROSO, Gustavo. *Através dos Folk-lores*, p. 69.

tempos. Poder-se-ia mesmo afirmar mais que essa fonte original ficou no Oriente longínquo e misterioso”¹⁰².

Barroso aproxima-se, assim, da perspectiva do pensamento filológico, que buscava uma origem comum entre os povos, e esta é a base de seus estudos sobre folclore. Ele acredita ser todos os folclores seriam, apenas com algumas variações de país para país:

Quase sempre as lendas são de origem européia, adaptadas aos animais e as cousas do sertão; são também, às vezes, originárias dos índios, embora idênticas às da Europa, porque é fato conhecido que lendas idênticas com determinações diversas são encontradas em toda a parte, desde a Colúmbia Inglesa e o seu ciclo do corvo, ao dilúvio africano, à Cendrilon, ao próprio Polifemo de Homero¹⁰³.

No livro **Aquém da Atlântida**¹⁰⁴, publicado em 1931, Gustavo Barroso faz um apanhado das citações sobre a Atlântida, o continente desaparecido. Neste livro, o autor destila uma leitura das mais antigas obras conhecidas da literatura clássica. Homero, Heródoto, Platão, Proclus, Deodoro Sículo, Plutarco, entre muitas outras como o Baghvata-Purana, e inclusive textos produzidos entre os povos pré-colombianos.

Gustavo Barroso insere-se na longa tradição de autores que são alimentados e alimentam reciprocamente a imagem do homem do campo como um ser simultaneamente limitado e ao mesmo tempo transcendental. No primeiro caso, a limitação refere-se à ausência de complexidade presente no homem urbano e, no segundo caso, o contato íntimo com a natureza o tornaria capaz de lembrar coisas esquecidas pelos habitantes do mundo urbano. Por isso ele cita

“Hoje em dia, já o sertanejo se vai modificando com o que lhe ensinam as povoações. Quanto mais próximos de vilas ou cidades, mais propensos à velhacada são os matutos. Quanto mais insulados nas brenhas, menos rapaces. Isto prova que César tinha razão, no De Bello Gallico, em dizer que, dos gauleses, os mais fortes eram os belgas por viverem longe das cidades e de tudo quanto efemina os ânimos, - ad effeminandos ânimos pertinent”¹⁰⁵.

¹⁰² BARROSO, Gustavo. O sertão e o mundo. P.26.

¹⁰³ BARROSO, Gustavo. Terra de Sol. p. 214

¹⁰⁴ BARROSO, Gustavo. Aquém da Atlântida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

¹⁰⁵ BARROSO, Gustavo. Terra de Sol. p. 114.

Silvio Elia afirma que a Lingüística Histórica, tal como surgiu nos primórdios do século passado, foi um fruto do movimento romântico¹⁰⁶. Para Elia, a lingüística constituiu-se como ciência graças ao método histórico-comparativo, pela primeira vez aplicado numa obra de conjunto pelo alemão Franz Bopp no livro **Sistema de Conjugação do Sânscrito em comparação com o do Grego, Latim, Persa e Germânico**, editado em 1816. A Lingüística tornou-se um meio de conhecer a pré-história dos povos e as antigas culturas. Através da reconstrução das línguas primitivas que teriam dado origem às atuais, essa atividade só era possível pela comparação entre as mais antigas línguas que se tinha conhecimento dos diversos grupos da mesma família¹⁰⁷.

Para Edward Said¹⁰⁸, a filologia, enquanto campo de saber, teria surgido no final do século XVIII pelas mãos de F. A. Wolf. Said afirma em seu livro que Nietzsche acreditava que o que o unia a nomes como Wagner, Schopenhauer e Leopardi seria a sua profunda relação com a modernidade, relação que lhes foi proporcionada pela prática da filologia. Entre o Friedrich August Wolf de 1777 e o Nietzsche de 1875 encontramos Ernest Renan (1823-1892).

Renan acreditava que havia três grandes raças, a branca, a negra e a amarela, específicas em sua origem e desenvolvimento. Fazia uma crítica ao humanismo, na medida em que acreditava que os grupos negros, amarelos e mestiçados eram incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso. Segundo Said, havia afinidades entre a teoria de Renan e de Gobineau, que foram confirmadas pelo próprio Renan, fazendo com que o comparativismo viesse a ser um sinónimo da desigualdade ontológica entre o Ocidente e o Oriente. Foi um intelectual com uma forte consciência do sentido que a filologia e a cultura da modernidade estariam envolvidas uma com a outra e produziriam uma idéia de antiguidade. Publicou **L'avenir de la science**, em 1890, onde afirmou que os

¹⁰⁶ ELIA, Silvio. Op. Cit., p.113.

¹⁰⁷ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.140.

¹⁰⁸ SAID, Edward. Op. Cit., p.140.

antecedentes da mente moderna foram os filólogos, e que a mente moderna nada mais seria que o racionalismo, a crítica e o liberalismo fundidos¹⁰⁹.

Não foi encontrado nenhum registro de leitura da obra de Renan pelo autor brasileiro, mas outros orientalistas, como Gerard de Nerval, Lamartine, Chateaubriand, Flaubert, são nomes constantes em toda a obra de Gustavo Barroso, e presumo ter sido por essa via que teve contato com a obra daquele autor.

A filologia, para Said, caracteriza uma condição peculiar do que foi o homem moderno e europeu, uma vez que nenhum desses dois conceitos teria sentido se não fossem relacionados a uma cultura e a um tempo estrangeiros e anteriores¹¹⁰. É uma forma de relacionar-se com outros povos, um símbolo da superioridade moderna e européia sobre os povos mestiços e iletrados, que permanecem no tempo da barbárie. Esta é a metodologia que Barroso usa nos estudos sobre o sertanejo, não só nos folclóricos. Seus estudos todos são comparativos, relativamente à Antiguidade e ao Medievo. Provavelmente, isso explique a fascinação do folclorista brasileiro pela origem.

Segundo Said, foi esta consciência de superioridade, prioritariamente, que permitiu ao europeu ocidental criar uma determinada idéia de Oriente e de homem oriental. De forma semelhante, a leitura das obras dos orientalistas, filólogos e dos literatos românticos, feita pelos intelectuais brasileiros, é o universo de onde terá origem a concepção de homem sertanejo.

Said nos diz que para Renan a filologia seria a *ciência exata dos objetos mentais*. Ela estaria para as ciências da humanidade assim como a física e a química estariam para as ciências naturais, e substituiria a religião nas explicações sobre as origens da humanidade. Renan adquiriu proeminência quando ganhou um importante prêmio com um tratado filológico sobre as línguas semíticas. Ele associou-se explicitamente a Vico, Herder, Montesquieu, Humboldt e Bopp nas aspirações da filologia a uma verdadeira ciência da humanidade¹¹¹.

Ao optar pela filologia, a menos popular das disciplinas, a mais

¹⁰⁹ id. *Ibidem.*, p.141.

¹¹⁰ id. *Ibidem.*, p.140.

¹¹¹ id. *Ibidem.*, p.141.

conservadora, denuncia a sua tomada de posição, já que Renan estava falando como um homem de ciência, que afirmava a necessidade da dominação como uma lei natural que organizava a humanidade em vista da desigualdade das

O mais importante disso tudo, no entanto, é o paradoxo existente nessa atitude intelectual, um paradoxo que também existe no letrado brasileiro, mesmo em épocas tão diferentes.

Pois o que era a filologia, por um lado, se não uma ciência baseada na unidade da espécie humana, e ainda o que era o filólogo, por outro, se não – como o próprio Renan provou com seu preconceito racial contra os mesmos semitas orientais cujo estudo fizera o seu sucesso profissional – um divisor dos homens em raças superiores e inferiores

113

Aqui vemos um impasse que persiste no pensamento de Gustavo Barroso, que vê no sertanejo resquício de uma humanidade primordial, mas ao mesmo tempo o segrega com a suposta prisão racial inferior.

Said nos diz que sempre que se fala de filologia por volta do final do século XVIII e começo do XIX, devemos entender a “nova filologia”, cujos maiores êxitos incluem a gramática comparativa, a reclassificação das línguas em famílias e a ligação categórica das origens divinas da linguagem, bem como não havia uma primeira língua, do mesmo modo que não havia língua simples. O sânscrito é considerado mais antigo que o hebraico e toma o lugar deste nas pesquisas. Renan pretendia fazer com as línguas semíticas o mesmo que Bopp fizera com as indo-européias na sua **Gramática Comparativa**, de 1832 ¹¹⁴.

Autores como Flaubert, Chateaubriand, Lamartine, Hugo, Scott, Goethe são autores que escrevem seus textos sobre a imagem exótica do Oriente para um leitor ávido por um tipo de espetáculo estético. Mesmo que somente os dois primeiros literatos tenham, realmente, conhecido o Oriente, segundo Said, os outros o recriam através das imagens canônicas. Os orientalistas criam um personagem oriental à revelia dos seres humanos e essa criação atesta o poder estético exercido sobre estes grupos silenciados confirmando a cultura dominante

¹¹³ Ibidem., p.142.

¹¹⁴ Ibidem., p.142.

¹¹⁵ Ibidem., p.144.

...mais do que isso, a sua naturalização¹¹⁵. A leitura desses autores por Gustavo Barroso o faz herdeiro desta biblioteca, e o faz ver o sertanejo através do mesmo prisma deste universo literário.

A generalização das declarações científicas adquire ao longo do tempo uma credibilidade que se pretende atemporal, como quando Renan afirma que *em todas as coisas a raça semítica parece-nos ser uma raça incompleta, por virtude de sua simplicidade*¹¹⁶. Gustavo Barroso faz afirmações semelhantes quando aponta uma série de incapacidades que seriam típicas de povos primitivos, como os orientistas, em **Terra de Sol**:

*"O sertanejo, como todo povo inculto, não tem um perfeito conhecimento das cores. O meio em que vive dá-lhe um quase daltonismo"*¹¹⁷.

Ou:

*"O sertanejo absolutamente não tem o sentimento da perspectiva. Para ele todas as figuras de um quadro estão no mesmo plano"*¹¹⁸.

Ou ainda em 1917, em **Heroes e bandidos**, quando diz que:

*"As faculdades espirituais do sertanejo são incompletas e rudimentares. É a dolorosa verdade"*¹¹⁹.

As fontes das concepções de Barroso sobre o sertanejo são oriundas do pensamento romântico. Traduz a trajetória de formação do pensamento moderno sobre o homem não-letrado, o homem popular, o outro, aquele às avessas.

Os orientistas, assim como os letrados brasileiros, concebem o outro como uma grande generalidade, o indivíduo historicamente localizado não entra em questão, nem os interessa. *"Em vez disso, o que predomina são conceitos científicos, com raízes no sentido do halo popular herderiano do movimento romântico alemão"*¹²⁰.

¹¹⁵ Ibidem., p.139.

¹¹⁶ Ibidem., p.157.

¹¹⁷ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*. 1912, p. 162.

¹¹⁸ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*. 1912, p. 163.

¹¹⁹ BARROSO, Gustavo. *Heroes e Bandidos*, p. 40.

¹²⁰ GARD, Edward. Op. Cit., p. 163.

Com acesso a uma imensa "biblioteca", toda interpretação criada pelos eruditos para o homem iletrado é uma reconstrução do mesmo sob as visões canônicas.

Said nos diz que nas criações **Giaour**, de Byron, e nas **Orientales**, de Hugo, por exemplo, o Oriente é um lugar de libertação, uma experiência original, como na **Hégira**, de Goethe:

"Lá na pureza e na virtude voltarei / às profundas origens da raça humana" ¹²¹.

Se para Victor Hugo a tônica foi a melancolia, para Flaubert foi a sensualidade exacerbada dos orientais. Flaubert esteve no Egito de 1849 a 50, escreveu **Cadernos de viagem** e, posteriormente, **Salammbô**, que já pertence a um momento literário, segundo Said ¹²². Estes adjetivos, a melancolia e a sensualidade, como já vimos, também são atribuídos aos mestiços brasileiros como características fundamentais de sua constituição.

Depois da Expedição Napoleônica (1798-1801), o Oriente foi local de peregrinação para literatos como Chateaubriand e Lamartine, que escreveram sobre suas viagens sem saber que falavam sobre si mesmos. Tudo o que encontraram foi descrito pela sua propensão à analogia. A viagem exercitava mais a memória de um material canônico que seus olhos, onde a paisagem se apresentava como texto. O iletrado é uma re-apresentação guiada por um projeto canônico ¹²³.

Assim como no Brasil, em que o campo de observação sobre o homem estrangeiro vai da idealização à necessidade de conhecê-lo sob a lente da ciência, o mesmo processo da ocupação ocidental do Oriente concretiza-se controlando a liberdade e o conhecimento. Por volta de meados do século XIX, a Europa, principalmente França e Inglaterra, possuíam uma imensa produção do conhecimento. A organização dos campos científicos e eruditos ocorreu essencialmente durante este período.

¹²¹ Ibidem, p.175.

¹²² Ibidem, p.197.

¹²³ Ibidem, p.185.

Nas tentativas, feitas nesse século denominado de *cientificista*, de estruturar as diversas áreas do conhecimento, a erudita disciplina filológica, romanticamente inspirada ¹²⁴, teve um importante papel na construção deste olhar do letrado sobre o homem não-letrado. O pensamento romântico aparece no cenário como necessidade de negação e transformação do homem em sociedade. Quando-se aos classicistas, que buscavam a universalidade e a revivescência dos mitos da Antigüidade os românticos, com seu individualismo, procuram o "exótico" no Oriente, mas também construíram seus textos através das imagens da Idade Média ¹²⁵.

O personagem sertanejo de Gustavo Barroso é tecido através do prisma de suas leituras, em permanente analogia com imagens canônicas, por exemplo como a sensualidade da mulher nortista em **Alma Sertaneja**: "*Ao dançar o baião lembrava requebros de bailadeiras e fascinações lascivas de dançarinas egípcias*" ¹²⁶, na qual podemos ver a dançarina egípcia de Flaubert em **Salammbô**. Inclusive no conto de abertura de **Praias e Várzeas**, a epígrafe é uma citação de **Salammbô** ¹²⁷, que, segundo Barroso, é um livro "*baseado rigorosamente em autores antigos*" ¹²⁸.

A leitura que Barroso fez do mundo, do homem sertanejo, se deu através de arquétipos e mitos da literatura da antiguidade e do medievo. A produção do personagem sertanejo foi possível através da analogia intermitente entre universos literários. Quando falava sobre os pastores de gado do sertão, por exemplo, a imagem que ele usava era dos barões medievais:

Muitos chefes de quadrilha eram fazendeiros ricos, exercendo a rapinagem na estrada real à semelhança de antigos barões medievos, aprisionadores de bufarinheiros genoveses, traficantes judeus e cobradores de impostos do erário real ¹²⁹.

¹²⁴ *Ibidem.*, p. 204.

¹²⁵ CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1971.

¹²⁶ BARROSO, Gustavo. A Luiza do Seleiro. In: *Alma Sertaneja (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p.37.

¹²⁷ BARROSO, Gustavo. Velas Brancas. In: *Alma Sertaneja (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p. 5.

¹²⁸ BARROSO, Gustavo. Através dos Folk-lores. p. 12.

¹²⁹ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol (Natureza e Costume do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Áquila, 1912, p. 92.

O fenômeno do cangaço é assim descrito:

*Tudo isto lembra vagamente guerras medievais de barões feudais, com incêndio de burgos pobres e assédios de castelos roqueiros, ou recorda a Albânia com seus reis sempre em luta, curvado o povo ao peso brutal das exações à mão armada*¹³⁰.

O uso do topete seria uma reminiscência de sinal de coragem assemelhada aquele usado por reis merovíngios:

*"Hoje em dia o cangaceiro ainda deixa crescer o topete encaracolado, atributo tradicional de valentia como o eram as longas cabeleiras dos velhos reis merovíngios"*¹³¹.

Quanto ao cangaceiro:

*Parece ele, então, um daqueles funcionários cartagineses enviados ao tempo das guerras púnicas, para aliciar mercenários pelos portos dos países semibárbaros*¹³².

Partindo da idéia de que o sertanejo, o homem e sua cultura, era praticamente desconhecido para a civilização urbana do litoral brasileiro, Gustavo Frioso procurava estabelecer ligações entre o conhecido, para seus pares urbanos, e aquilo que lhes era completamente ignorado. Era preciso estabelecer pontes para transpor o abismo entre o sertanejo trágico e o Brasil, conhecido pela Europa, das grandes capitais.

Toda a formação desses letrados era de origem européia, partia de referências de história e literatura da Antiguidade do Velho Mundo, especialmente do Romantismo, Positivismo e Evolucionismo, nas suas mais diversas vertentes, ramificações, encontros e desencontros. Parece ser essa a

FRIOSO, Gustavo. Op. Cit., p. 102

Op. Citem. p. 123.

Op. Citem. p. 100.

aplicação para a necessidade intermitente da comparação, da analogia, para
tornar visível e dizível ao leitor algo tão diverso.

TRISTEZA DO JECA

*Nestes versos tão singelos minha bela, meu amor
Pra você quero contar o meu sofrer e a minha dor
Sou igual ao sabiá que quando canta é só tristeza
Desde o galho onde ele está.*

*Nesta viola canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade
Eu nasci naquela serra
Num ranchinho beira-chão
Todo cheiro de buracos
Onde a lua faz clarão
Quando chega a madrugada
Lá no mato a passarada
Principia um barulhão
Nessa viola canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade.*

*Lá no mato tudo é triste
Desde o jeito de falar
Pois o Jeca quando canta
Dá vontade de chorar
E o choro que vai caindo
Devagar vai se sumindo como as águas vão pro mar.*

Angelino de Oliveira

CAPÍTULO II

Tragicidade do Sertanejo no Pensamento Social Brasileiro

Entre o Heroísmo e a Vilania: o sertanejo

A tragédia é uma criação da cultura grega durante o século V de antes de Cristo. Essa criação artística parte, invariavelmente, de um drama que atinge alguma das questões fundamentais e os limites da condição humana, afetada por algum tipo de acontecimento fatídico. Tem uma dimensão universal, já que os temas da tragédia transcendem o individual, em virtude das circunstâncias vividas não serem passíveis de controle pelo homem. O alcance dessa criação foi tão definitivo para a sociedade ocidental que perdurou como símbolo da fragilidade do homem, frente aos desígnios dos deuses ou do destino.

A presença da tragédia na dramaturgia se perpetuou através da obra de dramaturgos como o inglês Shakespeare (1564-1616) e como os franceses Corneille (1606-1684) e Racine (1639-1699), que procuraram recuperar o teatro grego, de acordo com o classicismo. Através de seus personagens os autores tragédicos tentaram demonstrar a relação dos mortais com os deuses e a fragilidade humana frente àquilo que regeia sua vida como desígnios divinos, a fatalidade ou destino.

A partir da Ilustração e durante muito tempo, foi a leitura dos textos clássicos que determinou a erudição ou o potencial de cultura letrada de um homem. A leitura das obras clássicas configurou uma identidade partilhada, uma sensibilidade, uma rede de significantes que deu sentido a uma determinada visão

de mundo. E foi isso que permitiu ao letrado brasileiro dos inícios de nossa vida republicana tecer e/ou compartilhar uma determinada idéia de homem sertanejo.

Sendo assim, qual seria o significado, para o literato cearense Gustavo Barroso (1888-1959), de colocar como subtítulo de um livro, **Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão** ¹?

Gustavo Barroso era um homem do seu tempo, assim como o eram todos os outros intelectuais que buscaram em suas obras caracterizar e desenhar a imagem e a personalidade do homem popular brasileiro nos finais do século XIX e começo do século XX. Tarefa difícil num país tão imenso, tão díspar em sua geografia e em seus grupos humanos e sociais, tão fraturado ² entre estes, que a noção de cultura única - e sem a qual seria impossível se pensar a existência da nação - é problemática.

A questão da "*cultura brasileira*" tem sido preocupação constante do nosso pensamento social, desde que entre os grupos dirigentes começou a surgir alguma idéia de nacionalidade, num Brasil ainda dominado por Portugal e, principalmente, depois do processo de independência; quando começou a se configurar como um projeto político e intelectual. A imagem da vida do povo brasileiro como um povo triste também vem de longa data, mas parece ser particularmente forte no início do século XX, época em que a discussão sobre o futuro da nação brasileira se resumia, praticamente, às indagações sobre os efeitos da mestiçagem desenfreada ocorrida no Brasil. A tragicidade atribuída ao homem popular, leia-se "*o homem ordinário*", no sentido que lhe atribui Certeau, devia-se a esta mestiçagem, já que seria ela que lhe conferiria um destino incerto.

A busca daquilo que seria o "*nacional*", o que faria emergir o particular, o específico, próprio da experiência concreta brasileira é a preocupação de Gustavo Barroso, e sugere a concepção teórica e metodológica de sua escritura. Porém, o signo da tragicidade atribuído à trajetória do homem popular brasileiro é um conflito vivenciado pelos grupos letrados divididos entre a realidade deste homem

BARROSO, Gustavo. *Alma Sertaneja (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat, 1923.

² SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1984.

na sua idealização. Em Barroso, mas também na maioria dos autores brasileiros, este conflito será aparentemente resolvido com a filiação do sertanejo aos mitos da Antiguidade e a personagens medievais³ mas, principalmente, com a adequação deste homem popular ao papel de espectador da vida política.

A atitude paternalista dos letrados brasileiros demonstra uma concepção de sociedade de mentalidade senhorial que estabelece rígidos controles dos papéis sociais a serem exercidos. Nesta hierarquia, as atividades de liderança são reservadas àqueles nos quais confluem as qualidades do letramento e a cor branca da pele. Aqueles que são capazes de fazer história.

Aos setores subalternos, coube o lugar do mito. Concebido como símbolo de identificação, o sertanejo; mestiço e iletrado permanece fora da história

Dessa forma, a investigação do folclore constituir-se-á como a fonte privilegiada para a coleta de dados passíveis de descrever o "caráter" ou a "psicologia" do povo. Como o folclore refere-se a uma classificação oriunda das classes letradas em relação aos grupos não-letrados, podemos pensar numa identidade que se constrói às avessas; constrói-se a partir daquilo que lhe é exterior, cumprindo assim uma função de delimitação de papéis a serem exercidos pelos diversos grupos sociais. No caso do Brasil, as particularidades, a "psicologia" do povo brasileiro, apresentada por Barroso, resultariam em três características principais, a partir das quais podemos presumir o caráter do homem sertanejo. A primeira delas seria a indolência, a preguiça "herdada" do indígena e que o impossibilitaria de exercer a dignificante tarefa de equiparar o Brasil às nações européias:

*"palestravam alguns pescadores, entremeando a conversa vagarosa, indolente, trôpega, arrastada de largas baforadas do fumo acre dos cachimbos atochados, que se adensava sob o teto e depois, ao vento, desfazia-se farandolando e espiralando no ar"*⁴.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. Vaqueiros e Cantadores In: *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. SILVA, Marcos. (org.). São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003.

BARROSO, Gustavo. *Finados*. In: *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Aillaud Bertrand, 1915. p. 09.

Indolência, tristeza, inoperância, aparecem conjugadas no pensamento brasileiro e, portanto, é significativo que no ano anterior à publicação de **Praias e Várzeas**, de Barroso, em 1914, Monteiro Lobato (1882-1948) tenha causado furor ao denunciar na imprensa o caboclo paulista como o "piolho da terra", incapaz de construir qualquer coisa por conta da sua incapacidade orgânica. Lobato constrói o personagem Jeca Tatu e reafirma a tristeza deste. A generalidade desse pensamento pode ser aquilatada quando verificamos que esta mesma qualidade desenhada não somente pelo paulista e pelo escritor cearense. Em 1928, Paulo Prado lança **Retrato do Brasil – Ensaio sobre a Tristeza Brasileira**, no qual também podemos perceber o que seria a segunda característica do sertanejo, a tristeza:

*"A voz lenta emborcava, despejava cestos de peixes...mas logo outro imprevistamente, obedecendo sem sentir as tendências de tristeza da raça, atalhava aquela passageira expansão de alegria, como se lhe incomodasse tudo o que não fosse triste, crepuscular, contemplativo (...). Assim iam os jangadeiros conversando, graves, dormentes como índios discutindo uma declaração de guerra, preferindo por uma tara etnográfica, uma predisposição atávica, a narração triste dos naufrágios, das arribadas, das fomes em alto mar, à alegre história de uma pescaria de bijupirás"*⁵.

A força da permanência desta construção no imaginário brasileiro está presente no livro de Moacyr Scliar **Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**⁶, recentemente publicado. Apesar de não ser historiador de arte, este autor realiza uma excelente pesquisa pela literatura, artes plásticas, medicina etc., desde a Antiguidade, passando pelo Renascimento e desembocando no Brasil, tentando com isso traçar um "histórico da melancolia" e sua influência na cultura brasileira. A tese deste autor é que este é um dos traços marcantes da nossa cultura, manifesta em diferentes linguagens e práticas culturais que forjaram o pensamento social brasileiro.

BARROSO, Gustavo. Finados. In: *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Aillaud Bertrand, 1915. P.10-11.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

A terceira característica seria a sensualidade. Dessa forma, quando a Luiza do Seleiro "se perde de amores", seu comportamento é explicado por seu "temperamento de mestiça com as tendências sensuais de duas raças lascivas não se fartava do homem querido"⁷. Paulo Prado e Gilberto Freyre (1900-1987), em seguida, também darão grande ênfase a esse aspecto, como peculiaridade do caráter brasileiro, que, para eles, seria resultante da vida sexual desenfreada ocorrida durante os inícios da colonização. Freyre diz ainda que a exacerbação da sexualidade deve-se também ao sistema escravocrata e ao clima.

Formado o quadro do sertanejo indolente, triste e sensual, esta imagem associa com aquela criada pelo pensamento romântico. O Romantismo como visão de mundo associou o homem do campo à pureza e fortaleza. Por isso, as imagens negativas e positivas do sertanejo se encontram tão embaralhadas no próprio pensamento dos literatos, como demonstram as expressões paradoxais usadas por Euclides da Cunha (1866-1909) quando se refere ao homem do sertão como "Hercules- Quasímodo", "titã acobreado", "centauro bronco"⁸.

Antonio Candido nos fala sobre o romantismo europeu, do qual a nossa escola seria tributária, e da importância das imagens da Idade Média em oposição à da mitologia no classicismo. Dentro desta concepção de mundo, "os românticos foram buscar nos países estranhos, nas regiões esquecidas e na Idade Média pretextos para desferir o vôo da imaginação"⁹. Alfredo Bosi também compartilha desta mesma opinião¹⁰.

Porém, parece bem claro que no Brasil os autores misturaram indistintamente a comparação com os mitos e heróis da Idade Média, bem como aqueles da Antiguidade, e essa é uma peculiaridade do letramento no Brasil. Duas coisas ficam claras a partir dessa atitude de juntar referências de períodos tão diferentes. A primeira seria a vasta erudição do intelectual brasileiro, e a segunda seria a complexidade do nosso pensamento social, que se funda na síntese

BARROSO, Gustavo. A Luiza do Seleiro. *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Aillaud Bertrand, 1915. P. 40.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1902. p.171

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura Brasileira*, vol. II. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. p. 22

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

contraditória de tradições tão diferentes e opostas como a Antiguidade e o Medievo.

Gustavo Barroso, descrevendo uma sertaneja com um pote na cabeça, a vê através do prisma de suas leituras:

*"Numa curva brusca do caminho, surgiu à nossa frente uma cabocla clara, de olhos rasgados e pestanudos. Trazia à cabeça, sobre a rodilha de folhas de bananeira, um pote de água e segurava-o com as mãos, arqueando os braços, o que lhe dava, a certa distância, o aspecto de grande ânfora clássica"*¹¹.

Para justificar a sua existência, o sertanejo precisa ser jungido a essas imagens, que lhe dariam alguma forma de legitimidade histórica ou nobreza. Na verdade, ele é visto e tecido através dos universos literários que constituem a formação intelectual do autor, dando-nos, assim, elementos para tentar compreender sua visão de mundo e seu projeto de organização da sociedade brasileira. Nesse sentido, identificamos que são os universos literários referentes à Antiguidade e à Idade Média que formam a imagética referente ao camponês brasileiro.

Gustavo Barroso compartilha do paternalismo, atitude generalizada entre os pensadores sociais de seu tempo, em que esse homem precisa ser tutelado e civilizado. Discordam quanto à forma, mas não quanto à transformação pela qual ele deveria passar. Alguns, como Manoel Bomfim¹² (1868-1932), Roquete Pinto¹³ (1884-1954), Alberto Torres¹⁴ (1865-1917), falam em educação. São aqueles que escapam do determinismo racial e colocam a ênfase na cultura letrada como possibilidade de progresso. Mas a grande maioria, como Barroso, acredita que a solução é o "branqueamento" da população brasileira.

¹¹ BARROSO, Gustavo. A Moça da Sapiranga. *Alma Sertaneja (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat, 1923. p. 84

¹² BOMFIM, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro: Edições A Noite, 1905.

¹³ PINTO, Edgard Roquete. *Seixos Rolados*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia. 1927.

¹⁴ TORRES, Alberto. , Alberto. *O Problema Nacional Brasileiro*. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1982. 1ª edição 1914.

Isso demonstra que o pensamento social brasileiro não é um corpo de ideias homogêneo, mas atravessado por disputas e contradições indicativos dos diferentes interesses da elite.

O debate instaurado entre os grupos letrados brasileiros nos inícios da República está centrado na capacidade ou não do povo brasileiro de cumprir o papel que lhe caberia no processo de transformação do país em uma nação civilizada. A ciência positiva e determinista como modelo de explicação, nesse momento, suplanta todas as categorias de conhecimento do mundo e se alia à herança romântica, formando um corpo de teorias um tanto quanto bizarro, que ao mesmo tempo deprecia e idealiza o homem do campo.

O conceito de civilização utilizado pelos letrados brasileiros corresponde à civilização surgida na Europa ocidental, orientada pela perspectiva do capitalismo, baseando-se na instrumentalização da natureza e na pretensa superioridade de alguns povos, considerados mais evoluídos que outros, o que justificaria "naturalmente" a dominação exercida¹⁵.

Centro de todas as atenções, o homem popular brasileiro foi subordinado ao letrado no interior do campo comparativo em que foi se transformando o discurso sobre a mestiçagem. A vivência dos grupos subalternos desapareceu à medida da repetição insistente dos estereótipos que viraram senso comum. À atitude comparativa juntava-se a necessidade política e social, para além do racismo traduzido em discurso científico, localizando este grupo num discurso que não era descritivo e sim comparativo, num total desconhecimento do sentimento de alteridade.

Em primeiro lugar, o homem popular brasileiro a que estes letrados se referiam seria o homem simultaneamente morador do sertão (interior do país, aqui o termo não é usado em oposição ao litoral) e mestiço. É visto como um dado da natureza e como um produto da determinação nefasta do cruzamento de raças. A consequência imediata de tais fatores seria a tragicidade inscrita em sua trajetória,

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 e THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

gravada indelevelmente em seu corpo, em seus passos e no imaginário tecido em torno dele, todo construído sob o signo do trágico, do drama e da dor.

Não é intenção deste trabalho demonstrar se o sertanejo desenhado por Gustavo Barroso em sua literatura corresponde à realidade ou não, e sim que a construção deste personagem advém de uma relação de poder. O fato é que existiu uma preocupação do pensamento social brasileiro e a partir disso surgiu todo um conjunto de teorias, mas também de práticas relacionadas com o Estado, com instituições políticas e intelectuais que circulam pela sociedade, não somente através dos discursos científicos e literários, mas também em outras manifestações, como a pintura, por exemplo ¹⁶.

Existe na cultura ocidental toda uma biblioteca produzida por letrados sobre os setores não-letrados, e através destes universos literários continuou se reproduzindo, reproduzindo e ampliando essa visão canônica do homem popular. No Brasil, ao tentar caracterizar o homem sertanejo, segundo seus próprios padrões, a cultura letrada acaba revelando sua própria identidade. Autores os mais diversos mostram envolvidos, uns, num projeto estético, e outros, numa concepção científica de discurso. A inexistência do sentimento de alteridade leva à construção de um personagem em oposição ao próprio letramento, o sertanejo trágico, triste, miserável.

No Brasil, a atividade literária apresenta um "glamour" sem igual nos inícios do século XX. Com o crescimento das cidades, as práticas de leitura se expandem e diversificam, bem como as técnicas de impressão e distribuição que iniciam a leitura do livro como uma mercadoria. Além disso, os jornais constituem-se numa mídia onde os letrados debatem os assuntos emergentes da efervescente sociedade brasileira. Todos estes fatores contribuem para o fortalecimento da cultura do letrado, num país onde a massa popular é absolutamente composta de não-letrados ¹⁷.

A leitura feita pelos letrados brasileiros da literatura e das teorias "científicas" produzidas na Europa ajudará a compor a base do imaginário social

¹⁶ Como a pintura de Portinari intitulada "Família de Retirantes", de 1944, traduzem a permanência da imagem do sertanejo como aquele atingido pela tragédia da seca.

¹⁷ WILKINSON, Nicolau. *A Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

sobre o homem rural ou sobre o sertanejo brasileiro. Certamente não se trata de "ideias fora do lugar", como propõe Roberto Schwarz em seu livro **Ao vencedor as batatas**, nem da "importação" de idéias, como falou Cruz Costa em sua **Contribuição à história das idéias no Brasil**¹⁸. Explicitando a permanência dessa formulação em pelo menos dois séculos de nossa história intelectual, Maria Sylvia de Carvalho Franco¹⁹ nos diz que, ao contrário, "as idéias estão no lugar", na medida em que o pensamento social brasileiro não pode ser compreendido sem como pressuposto um autoctonismo que desconsidere a experiência histórica e as relações sociais que aqui se estabeleceram.

O conceito de "apropriação"²⁰, utilizado por Certeau, por nos permitir uma aproximação e compreensão das teses de Franco, pode ser o mais adequado para nos fazer perceber a escolha efetuada pelos letrados entre as teorias que se adequassem às suas concepções de sociedade, demonstrando a relação estreita existente entre a movimentação social em seus dilemas e conflitos e as produções científicas e literárias no começo do século XX. O uso que se deu entre os intelectuais brasileiros das teorias européias se reveste da originalidade da experiência diversa vivida no Brasil e se constitui como possibilidade de conhecimento da vivência do homem popular brasileiro, com o fim de torná-lo "visível".

Os letrados brasileiros são herdeiros de uma imensa biblioteca sobre o homem do campo. Essa biblioteca é advinda da formação do pensamento brasileiro sobre o homem não-letrado, o homem popular, o homem rural, o outro, e os estudos dela buscam compor um quadro realista da situação deste povo, simultaneamente iletrado e mestiço (principalmente...). Neste caleidoscópio

¹⁸ COSTA, João Cruz. *Contribuição a História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 e SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas. Forma Literária e processo social nos inícios do Romance Brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

¹⁹ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho, *As idéias estão no lugar. Caderno de Debate*, São Paulo, 1976.

²⁰ Embora Certeau tenha desenvolvido o conceito de *apropriação* para pensar práticas populares, neste trabalho esteja lidando com práticas intelectuais dos grupos de elite, acredito ser adequado utilizá-lo como referencial para minha reflexão, na medida em que quero acentuar o vínculo do pensamento letrado brasileiro com o europeu. Oponho-me, no entanto, à ideia de puro mimetismo intelectual como sugere a tese de Schwarz, e me aproximo de C. Franco, considerando que há uma resignificação da tradição européia por força das particularidades da experiência histórica brasileira.

fundem-se teorias as mais diversas, como positivismo, evolucionismo, romantismo entre muitas outras, por vezes até contraditórias.

Em segundo lugar, o que capacitaria o homem sertanejo a ser o depositário desta "brasilidade" seria a mestiçagem a que ele estaria submetido, seria o efeito do caldeamento secular ocorrido entre europeus, indígenas e africanos. No entanto, apesar desta exaltação gloriosa, a característica mais fortemente resenhada por Gustavo Barroso neste personagem em suas obras, sejam elas literárias ou não, é a tristeza advinda da tragicidade de sua vida miserável, num meio árido, o que o faz afirmar que esta experiência da tristeza seria vivida distintamente, independentemente de grupo social, já que seria uma condição "natural". Isto irá permitir a utilização da categoria de nortista, e nordestino, posteriormente, em momentos propícios para as elites econômicas, com fins políticos ou eleitoreiros, pois como afirmar a vida de fazendeiros e latifundiários como miserável²¹?

"Mas, rico ou pobre, vaqueiro, agregado ou fazendeiro, é um infeliz o sertanejo humilde, sempre jungido à natureza impiedosa e muda, que com uma lágrima de chuva lhe dá abundância e com um constante sorriso azul do céu o mata de fome, de sede, de miséria!"²²

Num país que inicia a sua vida republicana, que tenta organizar ou reorganizar seu Estado em bases modernas, a figura do povo tem dimensões múltiplas. Nessa organização permanece a mesma estrutura oligárquica com o povo longe da vida política. Como aconteceria a consolidação de sua identidade com a massa da população?

Os grupos letrados, particularmente os literatos, inscrevem-se, simultaneamente, como pretensos documentaristas da realidade social do país e como catalisadores do desejo de parte dessa sociedade de reordená-la, segundo padrões bem específicos de civilidade, os europeus. Gustavo Barroso, como um integrante destes grupos, coloca sua vivência e sua produção a serviço de seus ideais de construção de um país civilizado.

²¹ Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 1999.

²² BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e Costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Aquila, 1912, p.150.

A escola romântica, na perspectiva de Herder, ocupou-se do registro e da "defesa" das tradições encontradas nos grupos populares que, vivendo nas áreas mais distantes, mantinham um menor contato com a temporalidade moderna do mundo urbano. A leva que, originada na Europa, possibilitou a construção do Estado-nação, ajudando na formação dos modernos países, na demarcação de suas fronteiras e na definição de suas línguas oficiais, no Brasil floresceu sob o romantismo, com autores como José de Alencar, o qual teve uma grande influência na prosa de Barroso, apesar deste pretender "*imprimir uma feição naturalista*" aos seus escritos²³.

Se, durante o período em que predominou o romantismo, o símbolo das origens estaria no elemento autóctone, a busca da identificação cultural com as novas perspectivas proporcionadas pelo realismo e naturalismo faz com que os escritores busquem, naquele momento, nos tipos que povoam o cotidiano, retratar com "fidelidade" as nuances da psicologia, impulsionada pelos estudos científicos da biologia e da antropologia, que se proliferavam e se instituíam. Romances como **O Mulato**, de 1881, e **O Cortiço**, de 1890, de Aluisio Azevedo (1857-1913), renunciavam a preocupação com os tipos populares e com os conceitos advindos da ciência.

Da idealização do habitante primevo, o letrado do início do século XX, afetado pela urbanização crescente, vê seus interesses serem distendidos para os interesses do país. Se há uma essência, ela deve ser buscada onde o elemento humano permanece despojado da mentalidade orientada pela economia capitalista. Ali é que poderia ser encontrada a personagem que possibilitava a construção de um discurso que remetia à capacidade de reconhecimento entre os habitantes de tão distantes e diferentes regiões que, no entanto, teriam uma identidade em comum.

É interessante perceber que a construção do sentimento de nacionalidade, a construção da nação e, conseqüentemente, do homem brasileiro, estava intimamente ligada à polarização entre letrados e iletrados, que buscavam um tipo

BARROSO, Gustavo. *O Sertão e o Mundo*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923. p.85.

que sedimentasse o sentimento de unidade nacional. Para os intelectuais, o mestiço era o objeto de relação fortemente ambígua.

Esse movimento de ambigüidade dar-se-á na consagração do mestiço como base da identidade da "raça brasileira", resultante dos três povos formadores, idéia defendida por diversos autores, além de Gustavo Barroso, como Joaquim Catunda, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, entre outros. Ao mesmo tempo, essa concepção elaborava uma absoluta depreciação, basicamente pelo mesmo motivo da mestiçagem, o que a tornava alvo de sentimentos paradoxais, o de desprezo e o de exaltação.

Basicamente, estes autores buscavam fugir do romantismo e do subjetivismo que idealizava o povo brasileiro e procuravam, junto à biologia evolutiva, métodos, modelos e formas de conhecer, cientificamente, quem seria este homem nacional. As mais variadas teorias evolucionistas podem ser situadas numa tradição de pensamento, e eram em grande parte originadas das teorias de Charles Darwin (1809-1882), mas que não se inicia com ele. Darwin não foi o primeiro a propor a idéia de que as espécies de plantas e de animais podem sofrer alteração com o passar do tempo. Na última década do século XVIII, seu avô, Erasmus Darwin, escrevera um tratado sobre evolução e, logo depois, em 1809, o naturalista francês Jean Batiste de Lamarck, publicou uma filosofia geológica que contém estudos sobre a mutabilidade das espécies²⁴.

O próprio Darwin fez notar que cerca de vinte pessoas antes dele haviam escrito sobre aspectos da evolução. Ele teria sido o primeiro a tornar este estudo maduro. Um ano antes, ele teria recebido uma correspondência do naturalista Alfred Russel Wallace que já tratava do princípio da seleção natural, o que o teria levado a apressar a publicação de seu livro, no qual cita Spencer, que já falava de uma sociologia evolutiva. Isto remete a uma questão muito mais complexa: as teorias sobre a origem do homem.

Lília Schwarcz, em seu livro **O Espetáculo das Raças**, nos fala sobre o debate que opunha o modelo igualitário da Ilustração às doutrinas raciais como

²⁴ DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. 1ª edição 1859.

parte da discussão sobre as origens da humanidade. Seria a partir do século XIX, com a evolução das ciências e o questionamento da autoridade da igreja católica, que o imaginário social seria abalado por essas questões.

Segundo a autora, duas vertentes aglutinavam os diferentes autores durante os meados do século XIX: de um lado, a visão monogenista, que sendo a corrente que concordava com as escrituras bíblicas, imaginava uma humanidade única. De outro lado, a versão poligenista, que acreditava na existência de vários centros de criação, que corresponderiam às raças existentes. Teria sido a versão poligenista que permitiria a interpretação biológica na análise dos comportamentos, que seriam resultado de leis naturais.

Era no que acreditava Gustavo Barroso ao falar dos cangaceiros do norte, em quem o comportamento criminoso seria devido a inclinações raciais e a influências geográficas, já que: "*O sertão é o país das intrigas. Meio e raça produzem-nos em demasia*"²⁵.

O mestiço concentra em si toda a problemática da viabilidade do projeto nacional e, como tal, ocupou e preocupou todos os setores sociais hegemônicos, como os letrados, e inclusive, ou principalmente, o Estado. Problemática econômica e social, o final da escravidão trouxe consigo as levas de imigrantes europeus, substituindo o negro na lavoura. O colono também poderia resolver o problema da "*boa mestiçagem*", embranquecendo o povo brasileiro que fugiria ao estigma da "*nação de mulatos*".

O Diretor do Museu de História Natural do Rio de Janeiro, João Batista Lacerda, convidado a participar do I Congresso Internacional das Raças, ocorrido em 1911²⁶, como representante de um país "*tipicamente miscigenado*" declara: "*O Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução*".

Vários são os autores que irão nesse momento fazer a ponte entre o darwinismo social e as conclusões racistas. Homens como Ernest Renan (1823-

²⁵ BARROSO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço (Lampião e outros Cangaceiros)*. São Paulo-Cayeras-Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930. p. 80.

²⁶ SCHWARZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.11.

1892), para quem existiam raças incapazes de chegar à civilização e ao progresso, ou Taine (1828-1893), que ao contrário do que propugnava a Filosofia das Luzes, enxergava o indivíduo como resultado imediato do grupo constituidor, ou ainda o conde Gobineau (1816-1882), que rompe de vez com a explicação monogenista e evolucionista social, na medida em que dizia ser impossível para algumas "sub-raças mestiças" alcançar a civilização.

Aqui no Brasil, com o uso que se deu às teorias deterministas raciais, o darwinismo social se combinou com os aspectos evolucionistas e monogenistas, servindo para manter a hierarquia, mas também tendo que acomodar a viabilidade do país, enquanto povo mestiço. Para Gustavo Barroso, o "branqueamento" parecia o destino "natural" do país, com as sub-raças sendo tragadas pela raça superior. A preocupação dos letrados com o enigma da mestiçagem corporificava o receio com o futuro da jovem nação. Reunidos em agremiações literárias ou academias de ciência, estes homens liam e teciam entre universos narrativos o personagem sertanejo.

2.2. Entre Academias, Faculdades, Contos e Romances: o sertanejo.

Gustavo Barroso é originário de uma cidade com uma tradição de letrados organizados em grupos de grande atividade cultural e, certamente, foi marcado por essa atmosfera, que gerou associações como a Padaria Espiritual, de 1892, e homens como Capistrano de Abreu e Rocha Lima. Este último, com apenas quinze anos de idade, funda a "Fênix Estudantal", em 1870, e dois anos depois os dois criam a "Academia Francesa", da qual o pai de Gustavo, Felino Barroso, foi um dos participantes, e tinha entre seus companheiros homens como Capistrano de Abreu (1853-1927), Rocha Lima, Araripe Júnior (1848-1911), Domingos Olímpio (1850-1906) e Tomás Pompeu Filho. A "Academia Francesa" que, pela denominação, já denuncia a origem de suas leituras, implanta, em 1874, uma Escola Popular, com a finalidade de oferecer a cultura letrada ao homem do povo.

O Ceará, portanto, encontrava-se plenamente inserido nas discussões sociais e políticas que preocupavam intelectuais do Brasil e da Europa. A leitura do pensamento filosófico francês do século XVIII, da Enciclopédia e seus desdobramentos, configuram a escolha de um pensamento de matriz européia, principalmente inglesa e francesa, em seus livros e idéias.

Os cearenses sempre estiveram presentes nos movimentos de influência liberal, da Independência à República. Essa era a preocupação messiânica e iluminista dos jovens formadores da Academia Francesa: a instrução, a educação que "liberta" o homem. Por isso fundaram uma escola popular para as pessoas pobres, acreditando que com o incremento das escolas poder-se-ia se difundir o gosto pela leitura. Em 1876, é criada a Biblioteca Pública e também sociedades particulares, como os Gabinetes Reais de Leitura espalhados por algumas cidades da província.

Portanto, não cabia somente à Escola do Recife a primazia de discutir as teorias européias, como afirmava Silvio Romero. Voltaire, Kant, Comte, Darwin, Spencer também eram autores discutidos aqui no Ceará. Os jovens fugiam do espiritualismo ou subjetivismo procurando as disciplinas oriundas da biologia. José Veríssimo afirma que o grupo cearense da Academia Francesa, "*ledor de Spencer, Buckle, Taine e Comte*", precedeu em dez anos a chamada "*Escola do Recife*"²⁷.

Os autores franceses eram preferidos pelo grupo, mas também incluíam autores ingleses, principalmente Spencer e Stuart Mill, além do determinismo geográfico de Ratzel e de Henry Thomas Buckle (1821-1862), com seu livro *History of the English civilization*, de 1845²⁸.

As agremiações literárias e as instituições de ensino superior, criadas por decreto de agosto de 1827²⁹, constituem-se em "*locus*" privilegiado para a pesquisa sobre a preocupação dos setores letrados com a situação contemporânea e futura do homem popular brasileiro. A Faculdade de Medicina da

VERÍSSIMO, José. *Historia da Literatura Brasileira*. P.345.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de Literatura Brasileira*. P.114.

SCHWARZ, Lilia. *O espetáculo das Raças-Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.84.

Bahia e a Faculdade de Direito do Recife são espaços que também teorizam abertamente e têm enorme produção sobre as teorias sociais européias. Particularmente na segunda metade do século XIX, a "Escola do Recife" será um dos centros de discussão das novas teorias e novos modelos assumidos por homens como Tobias Barreto (1839-1889) e Silvio Romero (1851-1914). Em 1870, em prefácio que se tornou célebre, Romero afirma:

*"O decênio que vai de 1868 a 78 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram nossa vida espiritual... de repente a imutabilidade das coisas se mostrou... um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte... Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, novos processos de crítica e história literária, transformação da instrução do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola de Recife"*³⁰.

Os novos modelos diziam respeito a todo um vocabulário advindo do evolucionismo que em Pernambuco teve uso corrente, principalmente pelas traduções feitas, por Tobias Barreto, dos filósofos alemães e outros autores, como Leibniz (1646-1716), Comte (1789-1859), Hegel (1773-1831), Schopenhauer (1788-1860), Mill (1773-1836), Bentham (1748-1820), Malthus (1766-1826), Darwin (1809-1882), Le Play (1806-1882), e Littré (1801-1881), entre outros. No Brasil, a apropriação das teorias européias obedece à necessidade premente do pensamento social de conhecer o universo distante, do interior do país e o homem que o habitava, além de si mesmo.

Nas suas memórias, Gustavo Barroso nos conta que no começo do século XIX acontecia um fenômeno: "era moda conhecer o Norte"³¹. Com um afastamento cada vez maior entre cidade e campo, a cultura do morador deste tomava-se, cada vez mais, portadora de cargas simbólicas. Franklin Távora (1842-1888), escrevendo em 1876, já se refere ao Norte como o lugar da verdadeira brasilidade, idéia defendida depois por Euclides da Cunha, e da importância "missionária" da literatura produzida nessa região:

"As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais do norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o

³⁰ SCHWARZ, Lília. Op. Cit. p.148.

³¹ BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1939. p.333

Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro”³².

Parece contraditória a necessidade de conhecer o Norte, portador de uma essência a ser preservada, e ao mesmo tempo ter que civilizá-lo, ou seja, transformá-lo?

“Que não seria deste mundo (...) se nestas margens se sentassem cidades; se a agricultura liberalizasse nestas planícies os seus tesouros; se as fábricas enchessem os ares com seu fumo (...) Desta beleza, ora a modo de estática, ora violenta, que fontes de rendas não haveriam de rebentar?”³³.

Confrontados com uma realidade que diverge de seus ideais de povo e nação, os letrados demonstram em seus escritos o conflito entre a aceitação das teorias de raça européias e a acomodação das mesmas a uma perspectiva que pudesse proporcionar alguma espécie de saída positiva ao país. Silvio Romero, considerado por Roberto Damata como “douttrinador fundamental do nosso racismo”³⁴, escrevendo a sua **História da Literatura Brasileira**, em 1888, tem toda uma produção onde teoriza sobre a nação mestiça. Para ele, não mais adiantava discutir se isto era bom ou mau, e sim constatar que era uma realidade psicológica, étnica e histórica, aquilo que constituía a nossa diferença. No entanto, ele deixa bem claro que isto se refere ao povo:

“Nossa psicologia popular é um produto desse estado inicial. Não quero dizer que constituiremos uma “nação de mulatos”; pois que a forma branca vai prevalecendo e prevalecerá; quer dizer apenas que o europeu aliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuíno brasileiro, aquele que não se confunde mais com o português e sobre o qual repousa o nosso futuro”³⁵.

Romero dedica um capítulo de seu livro à filosofia da história de Buckle, relacionando-a com o que, para ele, seria “o atraso do povo brasileiro: o meio, a raça e as influências estrangeiras”. O inglês teve grande influência entre os letrados brasileiros ao analisar a nossa realidade em comparação à civilização

³² TAVORA, Franklin. *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1988, p. 10. 1ª edição 1876.

³³ *Ibidem.*, p. 10.

³⁴ DAMATA, Roberto. *Relativizando: uma introdução a Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

³⁵ ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960. 1ª edição 1888. p.104.

européia. Buckle (1821-1862), ao propor o vínculo entre o desenvolvimento da civilização e os fatores climáticos, retoma as perspectivas de outros autores, que estudavam a evolução histórica do homem a partir dos parâmetros meio e raça.

Para Damata, a teorização aqui no Brasil se deu em cima do mestiço, e não sobre o negro e o índio, como no caso dos Estados Unidos, gerando assim um pessimismo às avessas, que redundava numa consagração dos mulatos, principalmente das mulheres. Outro "douttrinador fundamental", segundo o antropólogo, seria o médico Nina Rodrigues (1862-1906), que editou em 1894 o livro **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**³⁶. Neste livro a influência da escola italiana de criminologia é inequívoca. Lombroso e Enrico Ferri (1856-1929), entre outros, são a inspiração para se repensar o código penal e toda a sociedade a partir das teorias de raça.

À existência de raças superiores e inferiores deveria corresponder um conjunto de leis que levasse em conta as diferenças. Os grupos considerados inferiores seriam semelhantes às crianças e às mulheres, não sendo capazes de exercer completamente os seus direitos civis, ou a sua cidadania.

Afrânio Peixoto (1876-1947), discípulo de Nina Rodrigues, fazendo a apresentação da obra e da vida do médico baiano na obra citada acima é enfático em aderir à teoria da tristeza do povo brasileiro:

*"O povo é triste e indolente, sem curiosidade, além da que traz o proveito imediato, de sorte que não se dá nem se preza a pesquisa da verdade, ainda para a posse de utilidades novas ou possíveis"*³⁷.

Vendo-se como precursores de uma grande revolução intelectual, os positivistas, discípulos de Tobias Barreto, assumiram o nome de "renovadores da Escola de Recife", que tinham como principais alvos da sua crítica o romantismo, o idealismo e a monarquia. Procurando distanciar-se da metafísica e da subjetividade reinante na filosofia, buscavam a aproximação com a biologia e a física, as ciências naturais e uma antropologia física e determinista, visando à

RODRIGUES, Nina. *As Raças humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1950. 1ª edição 1894.

RODRIGUES, Nina. *As Raças humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1950. 1ª edição 1894.

legitimação junto às áreas que buscavam as leis que regeriam o comportamento humano.

O sucessor de Tobias Barreto na liderança de toda essa movimentação em Pernambuco será a figura polêmica de Silvio Romero. Apegado ao naturalismo evolucionista em oposição ao positivismo francês, os autores presentes em seu discurso são Haeckel (1834-1919), Darwin, Spencer, gerando um pensamento que via na "malfadada" mestiçagem a saída para uma possível homogeneidade nacional, sendo a etnografia a saída cognitiva para a problemática do homem popular nacional. Romero também realizou estudos na área do folclore, publicando em 1889 **Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil**.

Na obra destes homens, assim como em Barroso, a raça aparece como denominador comum para todo conhecimento e a possível previsão do futuro do Brasil. Euclides da Cunha e Silvio Romero também acreditavam que o mestiço seria o produto de uma raça em formação, encontrando na miscigenação o produto da luta pela sobrevivência das espécies, de acordo com as teorias deterministas. Romero realiza a adaptação, segundo a sua conveniência, de uma teoria que condenava a hibridação, transformando-a em saída positiva. Porém, isso não é uma simpatia pelo mestiço, apenas um ajuste, demonstrando o impasse, o paradoxo que o pensamento social brasileiro vivia frente à leitura das teorias européias.

Ao tentar definir o brasileiro, Silvio Romero procura juntar todas as contribuições étnicas, e podemos perceber que, mesmo ao negar o romantismo, como escola literária subjetiva, distante da realidade, acaba por reafirmá-lo ao tentar uma definição das características da nação brasileira, o que é próprio do romantismo alemão, buscando na alma do povo a essência da nacionalidade:

"O brasileiro ficou quase um retrato do português. A natureza, como agente de transformação, pouco há feito para alterá-lo, tendo a lutar contra a estreiteza do tempo e a civilização européia. O caboclo (índio), tipo quase perdido que se vai esvaecendo cada vez mais, muito fracamente contribuiu nesse sentido. O africano, rebelde aos progressos intelectuais tem alterado, sem vantagem, nossa fisionomia pretérita. Do consórcio, pois, de velha população latina, bestamente atrasada, bestamente infecunda, e de selvagens africanos, estupidamente indolentes, estupidamente talhados para escravos, surgiu, na máxima parte, este povo, que se diz, que se supõe grande, porque possui, entre

*outras maravilhas, o mais belo país do mundo. É necessário buscar na história as condições de sua cultura, de sua civilização*³⁸.

A partir de Silvio Romero, o nativismo e o nacionalismo otimista sofrem um deslocamento de perspectiva na nossa literatura. A natureza, considerada salubre, que antes era vista como privilegiada, será agora a causa do atraso brasileiro. Em **Canaã**, por exemplo, romance de Graça Aranha (1868-1931) publicado em 1902, será essa a tônica. O brasileiro heróico, próprio do pensamento romântico, será agora apresentado como inferior, principalmente frente aos europeus. Romero vê no Romantismo apenas a imitação estrangeira, principalmente francesa. Como aceita uma teoria elitista, o racismo de Romero só consegue enxergar um futuro para o Brasil através do branqueamento da população, ou mais especificamente, da imigração européia.

A incoerência de suas posições parece característica do impasse compartilhado pelos grupos letrados. Em primeiro lugar, a "superação" da escola romântica em nossa vida intelectual, com o predomínio do realismo, institui uma perspectiva pessimista sobre o homem. Podemos falar de Flaubert (1821-1880) e Zola (1840-1902), enquanto no Brasil teremos Machado de Assis (1839-1908), com quem Silvio Romero terá um debate encarniçado.

O paradoxo vivido pelo pensamento social brasileiro é, aparentemente, evidenciado em Gustavo Barroso com a afiliação do homem sertanejo aos mitos e arquétipos da Antiguidade e do Medievo. O sertanejo é apresentado como o substrato da nacionalidade, já que mestiço, produto da fusão das raças indígena e branca (nesse momento, não se cogita do elemento negro, considerado desejável, nessa mistura), sendo, portanto, heróico. Ao mesmo tempo, pela mesma mestiçagem que o faria submergir sob o *branqueamento* (já que as raças inferiores seriam absorvidas pelas superiores), e pela submissão à natureza, é apresentado como personagem trágico.

São estes os dilemas de Euclides da Cunha quando publicou **Os Sertões**, em 1902, mesmo ano da publicação de **Canaã**. Quando a guerra de Canudos

ROMERO, Silvio. *O Caráter Nacional e as Origens do povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, 1871.

encontrava-se no auge, o jornal **O Estado de São Paulo** enviou ao lugar do conflito o engenheiro militar Euclides da Cunha. Impactado pelo outro mundo que se revela aos seus olhos, o autor é levado a repensar seus conceitos e a tentar reconstruir, em texto, este universo particular. No entanto, seu livro não teve repercussão tão imediata quanto o de Graça Aranha, festejado aqui e na Europa, onde este cumpria funções diplomáticas. Concebido como um épico nacional pela dramaticidade e pela profundidade da análise, o livro de Euclides da Cunha pretendia ser um grito de revolta diante da Guerra de Canudos (1896-1897). O autor tem pretensões de documentar com extremo rigor, o que faz o cientificismo em sua obra atingir o paroxismo.

Nesse livro, o autor procura realizar uma relação dialógica entre a forma artística e a realidade representada. Como narração de um fato histórico escolhido como objeto, é considerado por muitos como a obra mais importante da nossa literatura, e é nesse sentido que pode ser analisada como constituinte na elaboração de uma memória histórica brasileira, particularmente na “descoberta do sertão” ou do “homem sertanejo”, como espaço que simbolizaria, que configuraria a própria nação, o próprio Brasil e seus dilemas.

Procurando traduzir o que vivenciara no sertão da Bahia, Euclides age como um cientista em busca de uma verdade, ou como um artista que busca signos capazes de representar a sua dramaticidade? Ele, inclusive, refere-se ao Norte como “o teatro em que se desenrolou o drama histórico de Canudos”³⁹.

Qual o lugar da narrativa entre a ciência e a arte? Seria a intercessão ou o afastamento?

Se o livro nasce da reportagem que Euclides faz como jornalista, no desenrolar transforma-se numa busca de explicação para a história do Brasil. A sua tentativa é a de explicar como um homem, considerado por ele como um doente mental, consegue juntar em torno de si um tão grande número de “fanáticos”, capazes de enfrentar, não somente uma, mas quatro expedições do exército brasileiro. Para ele, a explicação estaria no afastamento entre a

³⁹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1902, p. 54.

civilização instalada no litoral e o sertão, que permanecera em estágios inferiores da evolução.

*"Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço de nossa gente. (...) mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patricios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos..."*⁴⁰

Trabalhos produzidos por autores contemporâneos, como Edgar De Decca e Walnice Nogueira Galvão, nos dão a idéia das estratégias literárias e historiográficas utilizadas pelo autor para abordar a guerra. O enfoque do autor oscilou entre duas séries de imagens diferenciadas, a partir do momento em que ele presencia, experimenta fisicamente o confronto e consegue vislumbrar "a impotência sem freio dos mandões da terra e a exploração pecaminosa da natureza instintiva do sertanejo"⁴¹.

Na primeira, o fenômeno liderado por Antonio Conselheiro teria sido enquadrado sob o signo da "Vendéia", como analogia à resistência sofrida pela Revolução Francesa, por parte dos camponeses, e que é parte dos escritos anteriores à sua ida à Bahia (**A nossa Vendéia, Diário de uma expedição, Cademeta de campo**), cuja idéia teria sido emprestada do romance de Victor Hugo (1802-1885) **Quatrevingt-treize**, editado em 1874. Na segunda, em **Os Sertões**, de 1902, é onde aparece a tese de Canudos como um problema relativo à conformação de nossa história, especificamente, diferenciado da revolta camponesa francesa⁴².

Victor Hugo é uma constante nos autores do período. Como grande nome do romantismo, a sua influência se estende por toda a literatura de língua portuguesa. O autor francês é várias vezes citado por Gustavo Barroso na elaboração de suas idéias sobre o homem sertanejo, como em **Terra e Sol**, quando ele diz que:

"A alma da terra passa para o homem", disse Victor Hugo. A alma do sertão modelou a alma do sertanejo. Sóbrio como todo animal dos

⁴⁰ Decca, Euclides da. *Os Sertões*. Op. Cit., p. 108.

⁴¹ Galvão, Walnice. *Os Sertões*. Op. Cit., p. 197.

⁴² Barroso, Gustavo. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966.

países agrestes, rude como as rochas despidas que o cercam, como os penhascos pontudos que rasgam o solo duro, perfilando-se entre o mato ressequido, é hospitaleiro como todo homem primitivo e rotineiro por educação e por hereditariedade. Geralmente bom e honrado, o eterno combate com o meio envolvente desenvolve-lhe a inteligência e a coragem que já lhe legara a raça, o cruzamento ancestral”⁴³.

Assim o Romantismo, o Positivismo e o Evolucionismo se juntam para responder às perguntas, erigindo como principais parâmetros o meio geográfico e a raça. No capítulo que Euclides descreve o homem, ele nos fala sobre uma *“mestiçagem embaralhada”*, enquanto a grande maioria dos teóricos da mestiçagem só se refere ao mestiço na generalidade. Euclides fala do cruzamento entre o branco e o negro que teria como resultante o mulato, entre o branco e o índio, que seria o mameluco ou curiboca, e entre o negro e o índio, que seria o cafuzo.

O sertanejo, para ele, seria *“a rocha viva da nossa nacionalidade”*, aquele que guardaria a unidade étnica do brasileiro, embora se debata entre opiniões diversas, assim como a grande maioria de seus contemporâneos. Ele diz que não poderemos ter *“uma unidade de raça”*, e ao mesmo tempo imagina que poderemos formar uma raça histórica. Parece ser uma confusão comum no período, aquela feita entre raça e nação. Ao supor que da raça surgiria a nação, o Brasil sendo uma nação sem raça só formaria uma raça histórica a partir da continuação da unidade nacional.

A partir da diferenciação entre a colonização do sul e do norte, Euclides traça os perfis do mulato e do jagunço, explicados através da diversidade do clima, e não por causas étnicas. No litoral, teria havido o cruzamento entre negros e brancos e, no sertão, entre os brancos e índios. Por isso, o jagunço, embora mestiço, é apresentado como superior aos *“mestiços neurastênicos do litoral”*, que estariam submetidos às influências de uma civilização superior e, incapazes de absorvê-la, seriam sempre desequilibrados. Enquanto o sertanejo, longe do centro urbano, isolado, preparou-se para receber a civilização e já constituiria uma raça autônoma, capaz de comportar a nacionalidade.

⁴³BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*. Op.Cit. p. 134.

Ao dizer que o “sertanejo é antes de tudo um forte”, supõe que este já constitui uma raça. Mas como, se não temos unidade de raça? Nisso consiste a contradição de seu pensamento. E também quando fala sobre Canudos, entende que a guerra foi um choque entre dois estágios de evolução, uma luta evolucionista vencida pelo mais forte.

Resumindo as contradições de seu pensamento: na primeira teoria, acontece uma guerra entre civilização e as “sub-raças sertanejas”, obedecendo às leis da luta entre as raças e onde as últimas seriam esmagadas. Na segunda hipótese, nos sertões do nordeste já existiria uma raça, que após solidificar seu fenótipo poderia vir a desenvolver, no futuro, a chamada raça brasileira.

O livro de Euclides da Cunha apresenta uma nítida oposição entre o sertão e o litoral. Este seria levado à decadência pelo contato com a cultura estrangeira, enquanto no sertão estaria o brasileiro autêntico. A crença na ciência como forma de resolver os problemas da humanidade, no entanto, sofrerá reveses ao longo de sua vida, como nos conta Sevcenko, deixando nas páginas de sua obra-prima a marca de seus dilemas ⁴⁴.

Para Euclides, assim como para os seus contemporâneos, meio e raça constituíam-se como categorias do conhecimento que definiam ou tentavam interpretar a sociedade nacional. Assim, “conhecer o Norte” significava conhecer o homem que ali habitava, o sertanejo, o mestiço e o seu universo, que tanto fascinava, amedrontava e preocupava os homens da elite letrada brasileira. Mas Euclides, assim como Barroso, Lobato, Aranha, também se referia ao sertanejo como trágico.

“O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem” ⁴⁵.

Qual seria o destino do mestiço, do sertanejo, do povo brasileiro?

Não é outro senão esse o tema do livro **Canaã**, de Graça Aranha ⁴⁶. O romance é centrado no debate entre dois imigrantes alemães que chegam ao

⁴⁴ SEVCENKO, Nicolau. Op.cit. p. 58.

⁴⁵ CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Op. Cit., p. 74 e 72, 76, 85, 88, 106.

⁴⁶ ARANHA, Graça. Canaã. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1985. 1ª edição, 1902.

Brasil e vão morar no estado do Espírito Santo, deixando clara a presença da temática da mestiçagem na literatura. O romance, com pretensões filosóficas, foi publicado em 1902 e, em 1910 surge nos Estados Unidos em tradução inglesa com apresentação de Guilherme Ferrero e, na França, será recomendado por Anatole France (1844-1924). Graça Aranha exercia funções diplomáticas na França, nesse momento, e presencia o interesse do mundo em nossas questões⁴⁷.

Graça Aranha sofrera, no Recife, a influência de Tobias Barreto, aliás não só ele. O próprio código civil brasileiro, construção de Clóvis Beviláqua, que vinha também da "Escola do Recife", se filia à inspiração de Barreto. No livro **A Estética da vida**, publicado em 1920, Aranha consegue aparentemente reunir legitimidade em torno de si, de gerações antagônicas, talvez pela própria contradição de seu pensamento, o que parece ficar claro quando é escolhido pelos jovens modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922 para patrono. O fundo filosófico de seu pensamento é composto por filósofos como Schopenhauer (1788-1860) e Nietzsche (1844-1900), para quem a força e a vontade são os móveis da existência humana. A inexistência desta força no mestiço brasileiro era o que o impossibilitava à grandeza e até mesmo à sobrevivência, levando-o ao final trágico.

O romance de Graça Aranha, um libelo do pessimismo etnográfico, condena o povo à incapacidade. O homem brasileiro, assolado pela presença ameaçadora da natureza tropical, deve ser paulatinamente substituído pelo povo branco, ariano, que traria a civilização. É a tragédia do fenecimento, fenômeno largamente teorizado e orquestrado pelos letrados e pelo Estado, demonstrado na afirmação de que "*há uma tragédia na alma do brasileiro, quando ele sente que não se desdobrará mais até o infinito*"⁴⁸.

No universo do romance, o autor constrói um personagem cearense que materializa a emissão de opiniões sobre o nortista. No caso, "*o cearense*" encarna a fragilidade contida na vida desse grupo, jungido à natureza impiedosa. "O

⁴⁷ BRITO, Brito. *Vida Literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 257.

⁴⁸ ARANHA, Graça. *Op. Cit.*, p.40.

"cearense" denuncia a cristalização de uma tipologia que naturaliza uma categoria que é política, antes de ser social :

*"O agrimensor depois do trabalho ia todas as tardes conversar na colônia de Milkau, e com a sua vivacidade e alegria entretinha os dois emigrados, contando episódios da sua vida aventureira, cenas do Norte, desse Ceará trágico em cujas areias sedentas e implacáveis, se vazam, se fundem na resignação, na dor, na energia e na esperança, a alma dos homens"*⁴⁹.

Portanto, assim como em Gustavo Barroso, que relaciona o mestiço à indolência e à preguiça, Graça Aranha cria um personagem, o agrimensor, que é "cearense", Felicíssimo, que parece compor na obra o contraponto aos protagonistas alemães Milkau e Lentz:

*"Lentz olhava agora as duas raças, ali reunidas à mesa; admirava o que havia de sólido e repousado nos gigantes alemães, enquanto a facúndia interminável e mole do cearense lhe trazia a sensação de enjôo do mar"*⁵⁰.

Interessante que Aranha dê a este personagem um segredo: ele não consegue usar os instrumentos mais modernos de medição das terras, e sempre escamoteia isso, afirmando que os mesmos estariam quebrados. Na verdade, com isso o autor demonstra uma idéia também defendida por Barroso, ou seja, a incapacidade do "cearense" de acompanhar as inovações, como o autor afirma em **Heróis e Bandidos**: *"Progredir, modificar é atentar contra a memória da ascendência e os designios de Deus"*⁵¹.

Esse tipo de estética literária possibilita uma imagética que é tecida em torno do nortista (visto como triste, indolente, resignado, e formando um quadro estético de aspecto repulsivo) e possui uma larga permanência na cultura nacional. Graça Aranha também atribui ao mestiço a resignação como atributo de raça presente nos mestiços do estado do Espírito Santo, onde se passa toda a ação de seu romance:

"Milkau fitava com bondade o pequeno guia; este sorria agradecido, abrindo os lábios descorados, mostrando os dentes verdes e

⁴⁹ ARANHA, Graça. Op. Cit., p.198.

⁵⁰ ARANHA, Graça. Op. Cit., p. 69.

⁵¹ BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos*. São Paulo, Francisco Alves, 1917, 40.

*pontiagudos, comoafiada serra; mas o rosto macilento se esclarecia com a grande doçura de uma longa resignação de raça*⁵².

A comparação com a natureza européia, segundo ele doce e calma, revelava a floresta tropical traiçoeira e trágica em sua imensidão:

*"Encerrado ali, MilKau julgava-se fora da natureza tropical, via interrompida a eterna verdura, substituída a tragédia da natureza brasileira pela doçura européia trazida nas flores que peregrinaram até aí"*⁵³.

O conto **O Pescador**, do livro **Praias e Várzeas**, de Gustavo Barroso, é dedicado a Graça Aranha. Aí, percebe-se a permanência da visão do mestiço como povo resignado com a sua sorte e incapaz de inovações, reforçando a idéia da tragicidade de sua vida:

*"Depois, com um tom vagaroso e seguro, como se armazenasse no imo toda a longa resignação de um povo, todo o fatalismo de gerações sucessivas, indolentes, apagando-se numa quase astenia de desesperança, dúvida e indiferença"*⁵⁴.

O pessimismo do autor, traduzido nos diálogos entre os dois alemães migrantes, traz a idéia da impossibilidade de estabelecer-se aqui no Brasil uma grande civilização nos moldes europeus. Vê-se aqui a influência de Buckle (1821-1862), segundo o qual *"em nenhum outro lugar há tão precioso contraste entre a grandiosidade do mundo externo e a pequenez do interno"*⁵⁵. Fazendo um romance com pretensões filosóficas, Graça Aranha atinge o paroxismo do pessimismo sobre o homem brasileiro ao afirmar a sua perenidade: *"- Aqui o espírito é esmagado pela estupenda majestade da natureza (...) A floresta no Brasil é sombria e trágica"*⁵⁶.

Todas essas noções saem das teorias européias sobre raça. No entanto, em 1905, ocorre a publicação do livro de Manoel Bomfim **A América Latina: males de origem**. Absolutamente à frente de seu tempo, em que a maioria dos autores se orientava pelas máximas racistas, seu pensamento também parte do

⁵² ARANHA, Graça. Op. Cit., p. 13.

⁵³ Ibidem. p. 187.

⁵⁴ BARROSO. O Pescador. In: *Praias e Várzeas*. Op. Cit., p. 21.

⁵⁵ BUCKLE citado em: SCHWARZ, Lilia. Op. Cit., p. 36.

⁵⁶ ARANHA, Graça. Op. Cit., p. 42.

cientificismo, ou da influência do organicismo sociológico, porém o seu olhar tem viés absolutamente diferente. Ele aplica às sociedades humanas os resultados da doutrina do parasitismo de origem biológica, ao substituir o parasita pelo colonizador e o parasitado pelo colonizado submetido.

Bomfim nega a existência de raças inferiores e superiores e não vê na mestiçagem o fator de degeneração admitido pelos teóricos de seu tempo, conseguindo perceber a exploração a que foram submetidos negros e índios, sob o regime econômico-social implantado no Brasil, e atribuindo a isso o atraso com relação à civilização européia, culpando as elites e não o povo por tal atraso.

Manoel Bomfim, um nortista nascido em Aracaju, estudou medicina na Bahia e doutorou-se no Rio de Janeiro. Foi professor e diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Exerceu o jornalismo diário, elegeu-se deputado federal à mesma época que Silvío Romero, e ocupou o cargo de Secretário de Educação do Distrito Federal. Durante a administração de Pereira Passos, no Rio de Janeiro, estudava Psicologia e Pedagogia na Europa e, no ano de 1903, escreveu e publicou em Paris este esforço de interpretação do processo de formação do povo brasileiro. Escreveu outros livros, sempre com a mesma temática. Em 1929, no Rio de Janeiro, publicou **O Brasil na América**, e em 1931, nos outros livros, **O Brasil na história** e **O Brasil nação**⁵⁷.

É surpreendente o contraste da visão de Manoel Bomfim com a visão de homens como Gustavo Barroso, Euclides da Cunha e Silvío Romero. **Os Sertões** publicado apenas três anos antes que **América Latina: males de origem**. No entanto, na obra-prima tão volumosa, de Euclides, não existe uma tão grande preocupação com o que é fundamental e constante, espécie de fio condutor, na obra de Manoel Bomfim: a miséria e a exploração em que vive secularmente o homem popular.

Ao contrário daqueles que têm a visão obliterada pelo "cientificismo", ou organicismo, do início do século, este autor não põe a culpa do "atraso" brasileiro no povo mestiço e inculto, e sim, nas elites dirigentes que assolavam o país. Precisamos de percebermos que Gustavo Barroso teve alguns lampejos dessa

⁵⁷ MANOEL, Manoel. *América Latina-Males de Origem*. Rio de Janeiro: Edições A Noite, 1905.

questão, na década de trinta, no auge do fenômeno do cangaço, quando lança **Almas de Lama e de Aço-Lampião e outros Cangaceiros** e afirma que, com um conjunto de medidas, como comunicação, transportes, instrução e justiça, poder-se-ia sanar o problema do atraso. Porém, apenas algumas páginas depois ele afirma que o cangaceiro agiu sob as inclinações da raça.

A postura que Bomfim assume é de declarada oposição ao pensamento reinante, ao tentar unir nacionalismo e socialismo, numa época de pessimismo, quando os letrados somente discordavam sobre as razões de nossa inferioridade. Apesar disso, a sua teoria também partia das premissas da biologia e de sua preocupação com a observação, leis e provas que caracterizariam o conhecimento positivo, “*verdadeiro*”. Como médico, vê a sociedade a partir de patologias, ao que junta os conhecimentos sociológicos e históricos.

Significativamente, a sua visão de ciência não afasta a paixão, que demonstra claramente no que seria o prefácio da primeira edição brasileira de seu livro, em 1905, mas que ele chama de “*advertência*”:

“Vem aqui a exposição de uma teoria, construída com os fatos e as deduções como no-los apresenta a ciência; a linguagem geral do livro, porém, certos comentários parecerão descabidos ou impróprios a uma demonstração que assim se fundamente. Seria preciso, acreditam certos críticos, uma forma impassível, fria e impessoal; para tais gentes, todo o argumento perde o caráter científico sem esse verniz de impassibilidade; em compensação bastaria afeta imparcialidade, para ter direito a ser proclamado – rigorosamente científico. Pobres almas!... Como seria fácil impingir teorias e conclusões sociológicas, destemperando a linguagem e moldando a forma à hipócrita imparcialidade, exigida pelos críticos de curta vista!... Não; prefiro dizer o que penso, com a paixão que o assunto me inspira; paixão nem sempre é cegueira, nem impede o rigor da lógica. Demais, é bem fácil a cada leitor julgar por si do valor dessas demonstrações, e da lógica das conclusões; elas se fundamentam em fatos universalmente reconhecidos. Toda doutrina que se apóia sobre a observação e a teologia, e se acorda com as leis gerais do universo, deve ser tida como verdadeira até que se prove o contrário. A paixão da linguagem, aqui não dissimulada, traduz a sinceridade com que essas coisas foram pensadas e escritas”⁵².

⁵²BOMFIM, Manoel. *América Latina: Males de origem*. Rio de Janeiro: Edições A Noite, 1905,

Suas teses, tão avançadas para a época, como a importância da significação da vida real do povo para o desenvolvimento de seu caráter e sobre a importância da educação para superação da condição social, foram quase que completamente ignoradas, assim como a sua atividade de pensador foi ignorada por sua geração, e também pelas seguintes. Porém, Bomfim conseguiu arrancar de Silvio Romero um livro em resposta ao seu.

No ano de 1906, em Portugal, no Porto, Silvio Romero lança o seu **América Latina**, no qual o autor realiza a apologia da entrada alemã no Brasil. De acordo com a teoria da "*boa mestiçagem*", segundo o autor, teria agido bem Pedro II, quando deu aos alemães o vale do Itajaí, em Santa Catarina. Mas sabe-se que tal iniciativa não resultou em nenhuma interação, e sim em quistos raciais, num Brasil dilacerado.

Para Bomfim, o Brasil teria nascido com o Renascimento. No entanto foi colonizado pelo país mais retrógrado da Europa. Portugal navegava na contramão da história e sob a égide da Contra-Reforma. Aqui, ter-se-ia forjado uma sociedade em que a sede de dinheiro era aquilo que animava as relações sociais. Movido por esse impulso, Portugal teria transferido em 1548 toda a pesada burocracia estatal para a Bahia, numa tentativa desesperada de sobrevivência.

A peculiaridade da teoria de Bomfim se enxerga logo no título. O Brasil é tratado no contexto da América Latina, e não em uma suposta especificidade que o tornaria diferente dos outros países da América do Sul, colonizados pelos espanhóis. A lógica do desenvolvimento social da América Latina estaria nas relações estabelecidas entre as metrópoles e as colônias e, posteriormente, buscadas por todos os outros países do restante da Europa, interessados nas riquezas naturais do continente sul-americano.

O autor chama a sua teoria de "*estudo de parasitismo social*", que seriam as relações entre a Europa e a América Latina. A América, vista como o continente mais rico do mundo, faria com que o Velho Mundo "*respirasse*" teorias sobre o suposto atraso desses povos, possuidores de tantas riquezas, mas preguiçosos, mestiços degenerados, incapazes de construir uma nação. Para Bomfim estas opiniões, ou esta sentença, dever-se-iam a dois fatores: o

primeiro seria o interesse real em nossas riquezas, e o segundo, seria intelectual, desconhecimento das condições históricas americanas vividas no passado e no presente.

As sucessivas revoluções e levantes observados e comentados pela imprensa seriam obra de caudilhos e não uma prova da incapacidade de se governar, como proclamavam os europeus. O desejo de poder era a briga entre os estadistas, o povo permanecendo à parte. A solução teria sido mostrada pela Doutrina Monroe, que transforma os Estados Unidos no tutor das Américas frente à Europa. Mas Bomfim já percebe o perigo disso e se insurge. Ele diz que se a Europa não converter os seus sentimentos em equidade e solidariedade, a América Latina terá sorte igual à da Índia, Indochina, África, Ásia etc. Para ele, se a Doutrina Monroe, por hora, nos protegia, seria uma condição natural a absorção, a perda da soberania sul-americana, com o passar do tempo.

A premissa de onde parte Bomfim é que as sociedades existiriam como organismos, sujeitos, como os organismos biológicos, a leis categóricas, daí que a sociologia pode ser considerada como ciência, ou seja, um conjunto de conhecimentos dependentes de leis. Por isso, as sociedades dependem não só do meio, mas devem ser estudadas no tempo e no espaço. Se no mesmo espaço existe diversidade é porque não dependem apenas do meio atual, mas também das condições anteriores que a hereditariedade conserva. Por isso alguns seriam mais saudáveis que outros. É aqui que entra o seu conceito de doença social.

Esse seria o caso das nacionalidades sul-americanas. Sem nada que impedisse o seu atraso, pois o meio seria propício, seria indispensável voltar ao passado para buscar as causas dos males sofridos por elas. Bomfim diz que agiria como um sociólogo, analisando o passado e percebendo até que ponto, por ele, se explicam os vícios dessa herança e educação recebidas. Quanto às condições sociais e políticas, o caráter e as tradições dos povos que compõem as nacionalidades sul-americanas, seria possível perceber se, por alguma razão, haviam aí as origens de tais vícios.

Para o autor, a América do Sul sofreria, com as naturais modificações de meio, dos mesmos males que as nações colonizadoras. Espanha e Portugal apresentariam o mesmo atraso, desorientação, falta de atividade social, mal-estar em todas as classes sociais e uma incapacidade para a soberania. Daí, ele parte para os exemplos dos organismos animais que se tornam parasitas e, por isso, regeneram, citando Comte e Littré como base para suas afirmações.

A violência exercida sobre o povo submetido à imposição da escravidão gerado aqui males específicos, efeitos reais sobre a vida econômica e moral da nacionalidade:

"É esta a síntese da vida econômica das novas nacionalidades por todo o tempo da colônia: o senhor extorquindo o trabalho ao escravo, o negociante, o padre, o fisco e a chusma dos subparasitas, extorquindo ao colono o que ele roubara ao índio e ao negro. Trabalhar, produzir, só o escravo fazia"⁵⁹.

Daí a vergonha de trabalhar, considerada coisa de negro, vil, degradante. Os desastrosos efeitos desse regime econômico refletir-se-iam sobre nossa vida política. O aparelho político administrativo é organizado com o único objetivo de garantir toda a riqueza e produção colonial, acostumado com a rapina e o saque. Por isso, a distância que esses povos têm do Estado, existente apenas para coagir e punir.

Hereditariedade e educação seriam inseparáveis e a principal qualidade desta seria o conservantismo. Os homens das classes dirigentes aceitam e adotam as idéias de progresso, mas somente na teoria, pois não aceitam que a mudança à sua volta. Seriam *"escravos passivos da tradição"*⁶⁰, gerando a desconexão entre as palavras e os atos dos políticos.

Outra característica seria a falta de observação dos letrados que se limitavam em aprender tudo nos livros estrangeiros. Por isso estes faziam a desconexão ao povo sul-americano, desconhecendo as condições sociais do povo popular, e ignorando que lhe falte apenas a instrução e a educação para o

⁵⁹ Manoel. Op. Cit., p.131.

⁶⁰ Manoel. Op. Cit. p. 160.

Com relação à imigração, ele diz que os senhores de terras apenas querem mais braços para as senzalas. Seria por essa fórmula que se excluiria o proletariado nacional. As classes dirigentes, ao condenar o elemento popular, repetindo o mesmo argumento do estrangeiro, condenam a si mesmas. A grande questão seria a educação do povo, pois, apurando uma educação superior sem formar a primária, formariam doutores para planar sobre uma massa de analfabetos:

“O povo não se dirige por si só, não se fez por si só, não tem sido o senhor dos seus destinos; tem sido dirigido, governado educado pelas classes dominantes; eles é que o fizeram, e, se não presta, a culpa é de quem o não soube educar”⁶¹.

Quanto à inferioridade das raças, apesar de nela não acreditar, Bomfim se revela preso ao etnocentrismo da concepção europeia de civilização. Para ele, o essencial seria saber da sua capacidade progressista, se seriam *“civilizáveis”* ou não. A teoria sobre raças inferiores seria somente um *“sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes”⁶².*

A capacidade de constituir civilização seria comprovada quando o povo tivesse acesso à educação. Aqui reside a contradição de seu pensamento, pois ele pensava que não havia dúvida quanto à hereditariedade social, sendo que *“a permanência do caráter nacional é o resultado e ao mesmo tempo a prova experimental de hereditariedade psicológica nas massas”*. Sendo assim, tal afirmação se choca com a idéia de que a educação poderia modificar as características psicológicas. O regime parasitário sob o qual nasceram e viveram as colônias formou vícios específicos nas sociedades do Novo Mundo. Aqui, a visão de Manoel Bomfim se aproxima de Freyre, quando este fala sobre a influência da escravidão na vida moral das famílias brasileiras.

Somente em 1933 é que o pensamento social brasileiro irá sofrer uma reviravolta com a publicação de **Casa Grande & Senzala**, do pernambucano Gilberto Freyre. No entanto, poderíamos dizer que, mesmo antes de Manoel

⁶¹ BOMFIM, Manoel. Op. Cit. p. 180.

⁶² BOMFIM, Manoel. Op. Cit. p. 243.

Bomfim, Capistrano de Abreu consegue enxergar o sofrimento do povo submetido quando fala no povo “*capado e recapado*”.

A literatura acompanha com paixão os debates sobre a constituição física e psicológica do homem popular brasileiro. Da concepção romântica dos sertões indianistas de autores como Alencar, passou-se para uma forma de teor mais realista em romances como **O Cabeleira**, escrito em 1876 por Franklin Távora, e **Dona Guidinha do Poço**, de 1892, do também cearense Oliveira Paiva (1861-1892)⁶³. Com **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, é levada ao ápice a problematização realista-naturalista dos grupos que vivem no interior do país. No entanto, com Monteiro Lobato (1882-1948), a figura do sertanejo passa a figurar sob a ótica do discurso médico, ou melhor, do sanitarista. Vejamos como ele é descrito no famoso artigo **Velha Praga**:

*“A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro (...) Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive á beira dela na penumbra das zonas fronteiriças”*⁶⁴.

Monteiro Lobato representa um momento especial do pensamento social brasileiro, quando surge escrevendo com vigor nos jornais da capital paulista em 1914. Mais especificamente, envia para a Seção **Queixas e Reclamações** do jornal **O Estado de São Paulo** um artigo. O editor, porém, não colocou na referida seção as queixas do fazendeiro que vociferava contra as queimas periódicas das matas, promovidas pelos caboclos, e lhe deu, sim, um grande destaque, fazendo com que houvesse um verdadeiro debate nacional sobre o mesmo.

O artigo de Lobato é uma bomba jogada na sociedade brasileira; mexe com literatos, com cientistas sociais, com políticos; uma provocação que gerou a publicação do primeiro livro do autor embalado pela polêmica. Em 1918 sai a publicação **Urupês**, que tem a edição esgotada no primeiro mês, fato raro num país com tão poucos leitores. Os primeiros parágrafos são elucidativos:

⁶³ PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço* São Paulo: Ática, 1981. Publicado em folhetins em 1892 e postumamente publicado em 1952.

⁶⁴ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 13. 1ª edição 1918.

"Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos "vons" alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros. Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora lavra o fogo da guerra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico"⁶⁵.

Monteiro Lobato nasceu em uma família de fazendeiros do interior paulista. Formado em Direito, foi nomeado para a promotoria da cidade de Areias, no vale do Paraíba. Daí também virá a inspiração para escrever **Cidades Mortas**; a região decaída após a exploração cafeeira sensibiliza o literato que conseguiu enxergar o nomadismo do "progresso" que se instalava, gerando verdadeiros reinos majestosos, que depois caíam na completa decadência, quando o capital fugiu dali para outra área.

A morte do avô, o Visconde de Tremembé, em 1911, o faz proprietário de terras, e o advogado com pretensões literárias dedica-se de corpo e alma ao trabalho na agricultura, e será isso que lhe possibilitará escrever o artigo **Velha Praga** e servir como linha divisória dentro do pensamento social brasileiro, com a criação do personagem Jeca Tatu.

O contato com a terra e com o homem do interior paulista fez o autor observar como os homens de letras brasileiros desconheciam as reais condições de vida do homem morador dos sertões brasileiros, idealizando ou romantizando-o como um herói valente e mitológico. Para ele, os letrados estavam mais preocupados com as teorias e a guerra européia que com os problemas internos do país.

Para muitos, como Oswald Andrade (1890-1954), **Urupês** seria o precursor do Modernismo no Brasil. A sua preocupação em evitar qualquer tipo de estrangeirismo, o uso da linguagem coloquial do interior paulista, aponta para a estética regionalista e para a inovação na forma de enxergar o sertanejo. Em 1919, publicou **Cidades Mortas** e também **Idéias de Jeca Tatu**, todos pela **Revista do Brasil**, que ele adquiriu quando vendeu a fazenda em 1917, tornando-se o primeiro editor brasileiro. A maioria dos livros era confeccionada em Lisboa

⁶⁵ *ibidem.*, p. 08.

ou na França. Lobato anunciava os livros nos jornais, o que constituía uma forma completamente diferente de lidar com o objeto e com a literatura ⁶⁶.

Para Monteiro Lobato, "o caboclo" era um ser doente, incapaz de pensamentos ou ações. Em sua correspondência, ele dizia que, em 1912, começou a pensar no caboclo como "o piolho da terra". A princípio pensava num romance, depois imaginava uma série de contos com essa idéia central. Acreditava que tal livro deveria ser um libelo, uma "chicotada à face dos poderosos", um novo "Os Sertões" para as loucuras e os crimes da nacionalidade" ⁶⁷.

A idéia de tragicidade está o tempo todo presente nos contos de Monteiro Lobato, haja vista que o nome que ele escolheu a princípio para o livro era **10 mortes trágicas – Contos por Monteiro Lobato**, depois trocado por **Urupês**, título do artigo que fecha o volume e no qual fazia sua profissão de fé, justificando a composição e organização do livro ⁶⁸.

A tentativa de interpretação do fenômeno econômico e social das queimadas transformou-se numa imensa celeuma em torno do Jeca Tatu. Entre concordâncias e discordâncias, a imagem do caboclo foi assumindo a imagética da tristeza e da tragicidade. Os contos de Monteiro Lobato não correspondiam à escrita composta por homens como Coelho Neto (1864-1934) e Afrânio Peixoto (1876-1947), para quem a literatura seria o "sorriso da sociedade".

A vivência com os caboclos às margens do rio Paraíba, acorados, tristes, a olhar a vida, incapazes de ação ou reação, fez com que o autor tentasse esboçar uma campanha contra o abandono em que era deixada a população das cidades do interior do Brasil. Em **O Problema Vital**, Lobato reconheceria o exagero na caracterização do caboclo e inicia sua campanha em que clamava por fessas e "pastilhas contra o amarelão". Depois reconheceria que o problema seria bem maior, a miséria de um país cindido ao meio.

"Perdoa-me pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso que eu te disse, sem tirar uma virgula, mas ainda és a melhor coisa que há no país. Os outros que falam francês, dançam o tango, pitam

⁶⁶ LOBATO, Monteiro. Op. Cit. p. 23.

⁶⁷ *ibidem*, p. 12.

⁶⁸ *ibidem*., p. 15.

havas e, senhores de tudo, te mantêm nesta geena dolorosa, para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu penoso trabalho, esses, caro Jeca, têm na alma todas as verminoses que tu só tens no corpo"⁶⁹.

Em **Urupês**, Lobato nos fala da transformação do indianismo em "caboclisto". Para ele, as andanças do Marechal Rondon (1865-1958) puseram abaixo a idealização do homem natural de Rousseau (1712-1778), "com virtudes romanas por dentro e penas de tucano por fora", aquele que encarnaria a perfeição humana. A etnologia dos sertanistas modernos traria à luz "um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante", o que fez com que os letrados agora encontrassem os atributos heróicos no personagem sertanejo:

*"O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; a ocará virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa ao peito. Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubajaras"*⁷⁰.

A virulência da imagética construída por Lobato se concentrava no gesto de socorrer-se do caboclo. A sua incapacidade crônica era simbolizada na posição contemplativa de cócoras, e nenhum acontecimento era suficiente para o pôr de pé. A Independência, a Abolição, a República, de nenhum desses acontecimentos tomou conhecimento o caboclo em sua eterna pasmaceira, já que o sentimento de pátria lhe seria completamente desconhecido. Sua única preocupação consistia em obedecer à lei do menor esforço, e a coisa mais importante para o Jeca seria a atitude de sempre votar no governo. Gustavo Barroso diz a mesma coisa em **Almas de lama e de aço**: "Suas relações com o poder limitam-se a votar em quem mandam"⁷¹. Nesse ponto a sua lealdade seria total, demonstrando a formação paternalista das relações entre o camponês e a elite dirigente.

LOBATO, Monteiro citado em CASTELO, José Aderaldo. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 47.

ibidem., p. 15.

BARROSO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço (Lampião e outros Cangaceiros)*. São Paulo-Casas-Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930, p.92.

Para Monteiro Lobato, o caboclo nada criava, era incivilizável, era trágico em sua incapacidade crônica de mudar sua vida. Aliás, na descrição do autor, ele parecia não viver, e sim vegetar, sob a égide da natureza, melancólico e soturno:

*“O caboclo é soturno.
 Não canta senão rezas lúgubres.
 Não canta senão o cateretê aladainhado.
 Não esculpe o cabo da faca como o cabila.
 Não compõe sua canção como o felá do Egito.
 No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores (...) O caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.
 Só ele não, fala, não canta, não ri, não ama.
 Só ele, no meio de tanta vida, não vive”⁷².*

Monteiro Lobato muda de opinião sobre a tristeza do sertanejo ao longo de sua vida. De natural ela passa à conseqüência das condições de sua saúde. Em Paulo Prado, a tristeza é conseqüência da forma como se processou a colonização, animada pela cobiça e pela extrema luxúria. Já em Gustavo Barroso a tristeza era inequivocamente atribuída à herança das raças consideradas inferiores.

Em 1928, Paulo Prado (1869-1943) trouxe a público uma interpretação psicológica de nosso povo a partir da tristeza, ou da melancolia, **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. Já no primeiro parágrafo o autor sentenciava de forma categórica: *“Numa terra radiosa vive um povo triste”⁷³*.

Um dos principais organizadores da Semana Modernista de 1922, filho de família aristocrática, Paulo Prado atribuiu três características essenciais ao mestiço brasileiro, por conta da especificidade do processo colonizador, que seriam a cobiça pelas riquezas naturais, a luxúria, e a tristeza que teria sido legada pelos descobridores; a história do Brasil nada mais seria que o desenrolar da conseqüência dessas obsessões. A tristeza seria a resultante das motivações que levaram às “descobertas” marítimas.

A Renascença teria tido um efeito libertador sobre a sensualidade do europeu, que aqui, sob os efeitos da natureza exuberante, teria sido redobrada,

LOBATO, Monteiro. Op. Cit., p. 17.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil-Ensaio sobre a tristeza Brasileira*. São Paulo: Duprat, 1929. 1ª edição 1928. p. 03.

A marca do folclorista é indelével, numa literatura que mistura a tentativa de documentar o cotidiano destes homens e as fantasias de lendas e mitos, formando um quadro onde já não se distingue mais uma coisa da outra. Nos livros de contos subseqüentes, **Casa de Maribondos**, de 1921, **Mula sem cabeça**, de 1922, e **Alma Sertaneja**, de 1923, persiste a mesma preocupação de compor o "retrato" do homem sertanejo. Gustavo Barroso não deixa dúvidas quanto à formação étnica deste homem (já a tinha traçado com minúcias em **Terra de Sol**), que é apresentado como o "mestiço", que parece carregar toda a explicação necessária à sua compreensão, como quando ele sentencia que *"as linhas duras do perfil do mestiço não se abrandaram. O sertanejo emigrado guardava na alma a teimosia da sua ascendência de lutadores contra a seca"*¹¹.

As atitudes tomadas, a vida levada por este grupo é explicada através dos efeitos da mestiçagem. Se o sertanejo canta, sua música é triste, e tal coisa se deve *"somente a nostalgia contemplativa e indolente da raça"*¹².

O conceito de sertanejo, como já foi dito, é usado por Barroso numa dimensão alargada (nele estão inclusos os recortes geográfico, antropológico e político), abrangendo também os moradores do litoral, e, na verdade, é usado em oposição aos moradores das grandes cidades. A peculiaridade da condição sertaneja estaria, primeiro, nesta oposição, o que asseguraria a originalidade da "brasilidade" guardada longe das influências estrangeiras existentes nas capitais.

Este conceito, portanto, reveste-se de um sentido político, como se refere Barbosa quando fala do espaço denominado indistintamente como sertão:

*"Pode-se perceber, assim, que desde a sua concepção mais antiga, o sertão é uma palavra que carrega um profundo sentido político pois, apesar de toda a diversidade de referenciais em que se apóia, tem seu significado sempre referido a uma centralidade, que pode parecer geográfica e espacial, mas na verdade é política"*¹³.

Para Gustavo Barroso, a seca materializa a tragédia que atinge o nortista, personificado pelo cearense, já que todos os seus escritos literários se passam no

¹¹ BARROSO, Gustavo. O Pescador. In: *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Aillaud Bertrand, 1915. p. 21.

¹² BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem*. p. 24.

¹³ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza: Sec. de Cultura e Desporto do Estado, 2000. p. 35.

Ceará. Ela constitui o paradoxo estabelecido na vida do sertanejo: ao mesmo tempo em que impossibilitaria um progresso por esmagar o homem, ela "moldaria uma raça de fortes" pelo eterno combate com o meio¹⁴. Em sua literatura a "raça cearense"¹⁵ é a protagonista do enredo trágico. Poderíamos também perceber que o próprio conceito de raça ultrapassa a antropologia física fundada numa antropometria, abrangendo também dimensões da cultura que remetem à relação/intervenção/interação do homem com o meio.

O conceito de sertanejo abrange todos os níveis sociais, já que a seca imitaria a todos na mesma condição, como o coronel Pires afirma em **Mula sem Cabeça**:

"- Eu também ando com maus pressentimentos. (...) Mesmo os que possuem alguma coisa morrerão talvez de fome como os mais necessitados.

O velho continuou serenamente:

-A vida da gente no sertão é tal qual a passagem duma zelação no céu da noite: nunca se sabe onde se vai morrer! Vida de sertanejo não tem duração nem seguimento. É a toa.

Ouvindo aquelas palavras que tão bem correspondiam ao seu pensamento, o moço sentiu aumentar a sua íntima desoladora tristeza"

¹⁶

A seca é o elemento que sela o destino dos sertanejos e é ela que permite ao autor refletir sobre a tragicidade da vida deste homem, assim como Ésquilo, Sófocles ou Eurípedes refletiam sobre a capacidade de seus heróis comandarem sua própria vida sob os desígnios divinos. A Grécia antiga, através de seus poetas e dramaturgos, transmitiu um grande número de lendas que se fixaram como patrimônio da cultura ocidental. Até os dias atuais essas lendas são utilizadas, quer a título de histórias, de narrativas, quer pelo significado moral ou filosófico que apresentam.

La Machine Infernale, de Jean Cocteau (1934), **Electra**, de Girardoux (1937), **As Moscas**, de Sartre (1943), **Antígone**, de Anouilh (1944), **Bodas de Sangue**, de Garcia Lorca (1933), trazem o elemento trágico para a

¹⁴ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Paula, 1912, p. 29.

¹⁵ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 16.

¹⁶ BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*. p. 28.

contemporaneidade. Isto sem falarmos de Shakespeare, ou do classicismo de Racine e Corneille, que escrevem ainda no século XVI e XVII, respectivamente.

No Brasil, poderíamos também citar a obra de Nelson Rodrigues como prenhe de elementos da tragédia no cotidiano. Comprovando a força da permanência da criação grega, vemos a leitura do mito enquanto matéria de passagem entre sociedades as mais diversas, entre épocas as mais díspares. Os escritores modernos e contemporâneos vêm através destes mitos procurando expressar pela tragédia os problemas e os dilemas de seu tempo.

A literatura construída por Gustavo Barroso é toda tecida sobre o que ele acredita ser o homem sertanejo e seu mundo, muito particular. A tentativa de captar a especificidade das relações que este homem estabelece entre seus pares e com os elementos naturais que o cercam faz com que ele estabeleça uma lógica de movimentação em seus personagens que é constante em todos os seus contos, romances e novelas. A tragicidade é o fio com o qual o autor tece a vida e a trajetória de cada morador do sertão cearense. Todos os protagonistas têm trajetórias trágicas, inclusive sem distinção de classe social.

É imprescindível que se observe que é o pensamento social brasileiro que atribui a tragicidade ao sertanejo do final do século XIX e começo do século XX, enxergando-o através dos universos literários de seu repertório de leituras. Porém, o conceito de trágico não é usado em seu sentido estritamente histórico, do gênero dramático, com raízes religiosas, nascido na Grécia do século V. Mas, sim, o que perdurou através dos séculos, no discurso literário, como a atuação de forças impessoais, do destino ou a ocorrência de acontecimentos catastróficos, superiores ao homem em sua capacidade de reação. Percebe-se ainda um pensamento cosmogônico, no qual o homem/ser humano é partícula de um universo mais amplo que o subordina e o submete.

Revela uma dupla vinculação: de um lado, a referencialidade do romantismo com ênfase na natureza; de outro, o esforço de dar ao homem a centralidade que o pensamento moderno supõe. No encontro desses referenciais na cultura, estabelece-se o trágico, as lutas de potência/impotência do homem nas suas relações com o meio e com os outros indivíduos. Nesse embate, revela-se o

conflito vivido pelo próprio autor, entre apoiar-se no pensamento romântico ou no racionalismo cientificista.

Quando homens como Gustavo Barroso, Monteiro Lobato, Graça Aranha, entre outros literatos brasileiros, caracterizam o homem popular brasileiro como trágico, falam de um 'conjunto de experiências humanas' decorrentes de uma situação histórica precisa e diversa, no tempo e no espaço, daquele quadro de referências gregas. No entanto, o que permitiu essa analogia foi a visão de mundo formada e orientada pela leitura desses clássicos e da literatura produzida a partir deles.

Brito Broca, refletindo sobre a vida literária no Brasil nas primeiras décadas do século, diz algo muito interessante:

"Um aspecto sociológico digno de ser posto em realce. Essa mania da Grécia como também da latinidade que de há muito prevalecia entre nós, era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação de mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro. (...) De onde o empenho em se adotar, 'literariamente', a condição de grego ou de latino como um meio de fugir a essa triste decadência. (...) Joaquim Nabuco em carta a José Veríssimo protestava contra o fato de se chamar Machado de Assis de mulato dizendo: 'A palavra não é literária, é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. De mais, o ser mulato em nada afetava sua caracterização caucásica. Eu pelo menos vi nele o grego'. (...) Até Monteiro Lobato com seu espírito realista, em plena juventude, mostrara-se enamorado da Grécia, chegando a forçar um paralelo entre a Hélade e o Brasil. Em carta a Godofredo Rangel (3-2-1908), comunicando-lhe que se achava em Areias, a ler Homero, escrevia: 'Que diferença de mundos! Na Grécia, a beleza; aqui a disformidade. Aquiles lá; Quasímodo aqui'¹⁷.

Qual seria a influência das leituras dos clássicos na tecelagem desse homem popular brasileiro? Até onde vai a extensão da associação da tragédia grega com a sorte dos personagens sertanejos? Como poderíamos aferir a importância da produção da Antiguidade como nascente de uma memória histórica da civilização ocidental?

No livro de poesias **As Sete Vozes do Espírito**¹⁸, Gustavo Barroso coloca o passado como a primeira voz que faz falar o espírito humano. A construção do

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p.105.

BARROSO, Gustavo. *As Sete Vozes do Espírito*. Rio de Janeiro: Olegário Mariano, 1946.

... como legítimo torna visível a filiação teórica de Barroso a uma determinada concepção de História (Historicismo?), bem como a opção metodológica pela qual escreveu seus escritos, ao tentar articular ou fazer analogias entre a experiência do homem sertanejo e a cultura européia. Quando pretende explicar sociologicamente o sertanejo, a chave de sua compreensão é dada pela sua referência à sociedade antiga e medieval européia, de onde seria originária a cultura.

A segunda voz seria a pátria, a terceira, significativamente, seria a saudade. O que restantes seriam o amor, a alma, o sofrimento, e a fé, conceitos que confirmam a natureza romântica de sua visão de mundo dentro do pensamento romântico.

Em sua produção ficcional a analogia com o universo do medieval e da antiguidade é decisiva, a forma através da qual tece o personagem sertanejo. Em *Tição do Inferno*, falando sobre os nomes e apelidos usados pelos nortistas, afirma:

*"Lede os velhos foraes portugueses e vereis que prodígios de corruptelas fazia a gente medieval com seus appellidos. E o sertão ainda está na idade média, em hábitos e pundonôres"*¹⁹.

Sociologicamente, o universo sertanejo é computado como medieval, as relações sociais são vistas como feudais, os donos de terras como senhores absolutos e para onde convergem a raça branca e o poderio econômico-militar, exercendo poderes quase ilimitados sobre o séqüito familiar e de agregados. Assim como os senhores feudais, os "coronéis" dos contos e romances de Gustavo Barroso também têm a total lealdade e o respeito de seus "fâmulos":

*"Aqueles homens rudes, de rostos abaçanados sob os grossos chapéus de couro, não se atiraram ao insultador detidos pelo respeito feudal ao ancião senhor da terra e do gado"*²⁰.

BARROSO, Gustavo. *Tição do Inferno*. (Romance Bárbaro). Rio de Janeiro: B. Costallat & Cia, 1926, p. 33.

BARROSO, Gustavo. Marialva Sertanejo. In: *Alma Sertaneja*. (Contos Trágicos e Sentimentaes). Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p. 71.

Porém, as imagens dos personagens oscilam entre a do guerreiro medieval e a dos mitos, personagens e paisagens do Mundo Antigo. Em *À Margem da História do Ceará*, quando descreve as várzeas que margeiam os rios cearenses, ele nos fala de “Vastos caraubais sussurrantes, mais característicos que os palmares do Nilo ou da Mesopotâmia”²¹. Já em *O Santo do Brejo*, o grupo de pescadores encarregado de cuidar do “santo” encontrado no rio Ceará:

*“Cosme Damião e o filho empambado e tiritante, mestre Zuza, Ritinha e o pai não tinham mais tempo de ir pescar. Viviam do culto. Formavam a tribo de Levi que se alimentava do trabalho dos outros”*²².

A tribo de Levi é aquela, dentre as doze famílias dos doze filhos do patriarca bíblico Jacó, escolhida por Deus para exercer exclusivamente o ofício do sacerdote, devendo para isso receber ofertas dos grupos restantes para garantir sua própria subsistência.

“Disse o Senhor a Moisés:

*Eis que tenho eu tomado os levitas do meio dos filhos de Israel, em lugar de todo primogênito que abre a madre, entre os filhos de Israel; e os levitas serão meus. Porque todo primogênito é meu; desde o dia em que feri a todo primogênito na terra do Egito, consagrei para mim todo primogênito em Israel, desde o homem até o animal; serão meus. Eu sou o Senhor”*²³.

*Tão somente a tribo de Levi não deu herança; as ofertas queimadas do Senhor, Deus de Israel, são a sua herança, como já lhes tinha dito”*²⁴.

No entanto, ao lermos o livro de Gustavo Barroso *Luz e Pó*, publicado em 1932, podemos entender um pouco do raciocínio do autor cearense, quando ele se encontra mergulhado no “coração das mais velhas literaturas da terra”²⁵.

Barroso aproxima-se assim da perspectiva da Filologia, que buscando a origem da linguagem, acabaria por pesquisar a própria origem da humanidade. Esse nascedouro estaria no Oriente, de onde teriam surgido todos os povos. No final do século XIX, instala-se o debate entre poligenistas, que discordavam dessa hipótese de criação única, e monogenistas, que a defendiam. Esta é a base dos estudos do autor cearense sobre o folclore brasileiro. Ele acredita que todos os

BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962, p. 83.

BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 83.

Bíblia Sagrada. Números, 3:11-13.

Bíblia Sagrada. Josué, 13: 14.

BARROSO, Gustavo. *Luz e Pó*. Rio de Janeiro: Renascença, 1932, p. 75.

cores seriam semelhantes já que teriam uma nascente comum, com apenas algumas variações de país para país²⁶.

Essa analogia com a Antiguidade é coerente com o paradoxo vivido pelo pensamento social brasileiro, em que o sertanejo é exaltado como o homem que tem a sabedoria ancestral dos homens, sabedoria anterior à civilização e ao progresso, mas também é qualificado como primitivo e estagnado por permanecer nos "estágios iniciais" de civilização. Este é o conflito apresentado nos escritos de Gustavo Barroso, quando este defende a hipótese monogenista e ao mesmo tempo acredita na existência de raças superiores e inferiores, argumento usado pelos poligenistas.

No conto **A morte de João dos Anzóes**, do livro **Mula sem Cabeça**, João descreve a chegada dos carros de bois "na estrada de rodagem do Crato a Barbalha". Com a chegada dos primeiros automóveis o seu ofício representava todo um mundo antigo, embalado pelo som característico dos carros artesanais, na iminência do desaparecimento sob as rodas velozes dos Ford. E realmente é isso o que acontece quando o carreiro morre atropelado, já que andava com os ouvidos tampados com algodão para não ouvir as buzinas dos automóveis, que chamava de "batedeiras do inferno"²⁷.

João dos Anzóes, o carreiro que se insurge contra o progresso, é vencido pelo mesmo, enquanto o restante dos personagens adere a ele com fervor, tanto o Zeferino, que já queria aprender para ser xofé, quanto aqueles fazendeiros que se interessam pelo progresso que iriam fazer as fogueiras de São João com os carros de bois.

Nesta perspectiva, o autor aparece no conto como aquele que lastima o avanço do progresso sobre a poética sociedade rural, já que o próprio sertanejo é incapaz de entender a importância da tradição e preservá-la, como o Zeferino, cujo espírito não podia compreender o que o autor sentia:

"Ouvi tudo calado e, quando o cargueiro se calou, murmurei de mim para comigo:

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Áquila, 1924.

BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 101.

BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem*. p. 103.

Fizeste bem em morrer logo, João dos Anzóes, para não passares pela horrível tortura de ver queimadas, impiamente, numa noite de festa tradicional, as rijas madeiras que amorosamente poliram tuas mãos hoje já comidas pela terra, tu, alma delicada que não podia ouvir as fanhosas buzinas dos Fords substituírem no teu velho sertão o canto poético e saudoso das cantadeiras dos carros vagarosos, que Nosso Senhor escutava no céu!

*Levando a mão, involuntariamente, aos olhos que me ardiam talvez da poeira da viagem, senti os olhos cheios de água*²⁹.

No entanto, é o letrado, e não o sertanejo, que consegue enxergar o processo e lamentá-lo, diante da inconsciência deste. Esta postura está de acordo com a trajetória do folclorista e do homem que organizou o Museu Histórico Nacional, bradando contra a falta de respeito com que eram tratadas as relíquias do império brasileiro.

Seu projeto instaura uma concepção de museu que se ramifica, e consolida a separação entre a elite letrada e a massa da população brasileira. Nesta concepção fica claro o seu conceito de história e quais seriam os fatores que poderiam colocá-la em movimento, como no trecho abaixo:

*Por isso, em geral, o que se aprende na história são movimentos dos corpos sociais, ignorando-se a ação e a vida das almas sociais, das almas dos povos. A verdadeira história seria a revelação da vida espiritual dos homens*³⁰.

A história refletir-se-ia melhor na obra dos pensadores, escritores, poetas, dramaturgos. A investigação dos fatos, a fixação das datas, a interpretação das dúvidas, o confronto e a análise dos documentos, para Gustavo Barroso, deveriam obedecer a princípios rigorosamente científicos. No entanto, a narração dos acontecimentos e sua fixação precisa no tempo e no espaço não seriam a verdadeira história, pois não a formariam completamente. O mais importante e substancial seria a projeção dos homens e dos acontecimentos no "espelho das épocas", as idéias de cada século, seu contexto, seu gênio próprio. Seriam as mudanças dos aspectos intelectuais do tempo que transformariam as escolhas dos homens:

²⁹ BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem.

³⁰ BARROSO, Gustavo. *A História Secreta do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937, p. 25.

*Para que a história deixe de ser uma cronologia seca, um rol de fórmulas mnemônicas, é necessário iluminá-la com o esplendor das idéias, com a luz maravilhosa da vida espiritual*³¹.

Em Barroso, o conceito de História é uma fórmula muito particular em que demonstra os elementos que compõem sua visão de mundo, na qual são os valores, que, com suas "idéias", devem dirigir a sociedade. Por isso, quando ele fala sobre seu conceito de história, na verdade ele nos fala sobre o seu próprio projeto intelectual e político:

*"A história não é propriamente uma ciência; é antes uma arte. Muitos espíritos avançados do século XIX se esforçaram para dar à história esse conceito científico. Havia a mania generalizada do cientificismo. Seus esforços, porém, como que se anularam ante a concepção atual da história. O espírito do século XX é outro e não admite mais esses exageros do cientificismo generalizado, querendo impor a todos os departamentos e categorias do pensamento humano seus cânones empíricos ou pragmáticos"*³².

Se a história é uma arte, parece bem claro, que quando se faz literatura, escreve-se história? Para o autor cearense, quais seriam os limites entre as duas escritas?

Elegendo a tradição como narrativa fundante da nacionalidade brasileira, o intelectual Gustavo Barroso se filia aos autores do romantismo alemão do final do século XVIII. Com a criação do estado-nação, nos países europeus, inicia-se todo um movimento em direção a uma busca de identidades que justificassem e legitimassem a anexação e unificação de territórios.

Em suas memórias, Gustavo Barroso nos fala que seu grande mestre de "etnografia e de folclore" teria sido o velho Jurema, e cita o livro **Vaqueiros e Cantadores**, de Luís da Câmara Cascudo³³. Segundo Barbosa³⁴, a preocupação de homens como Câmara Cascudo e Barroso de atestarem seus escritos como ligados à realidade é própria dos folcloristas em sua preocupação de pesquisar e

BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem.

BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem.

BARROSO, Gustavo. O Consulado da China. p. 297.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. Vaqueiros e cantadores. In: *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*.

OLIVEIRA, Marcos (org.). São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte, 2003, p.287.

produzir registros de nossas raízes culturais, para eles em processo de desaparecimento. Por isso, o mestiço tem o valor daquele que contém a força da cultura brasileira formada pela união das "três raças" Aqui aparece o terceiro elemento, mas geralmente, quando fala do sertanejo, somente fala da mestiçagem entre europeus e indígenas. Como em **Terra de Sol**,³⁵ em que Gustavo Barroso declarou:

"As velhas contadoras de histórias, os cantadores rústicos, são os principais agentes de transmissão de todas essas lendas, nas quais se chocam e emaranham as credences de três raças opostas, que viveram durante séculos em contato, que se vão fundindo umas nas outras e se misturando de tal modo até formarem dentro em pouco um tipo étnico, que será a resultante de toda essa ancestralidade e enfeixará todas as suas inclinações, sendo o tipo exato do brasileiro do Norte... Mas, nesse tempo, quando o Brasil rico e poderoso, marchar na vanguarda das nações, ocupando o lugar que lhe compete entre os países mais fortes e mais progressistas, perdida já será a memória deste livro que não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limítrofes, da Terra do Sol; que não é – e nem pretende ser mais do que o depoimento de um nortista..."³⁵

Barbosa afirma que Câmara Cascudo apresenta uma classificação que permite situar a produção dos poetas sertanejos como uma continuação entre a cultura do colonizador nas tradições medievais e antigas e a cultura nacional. Esta também é a perspectiva de onde parte o folclorista cearense para afirmar a ancestralidade do sertanejo e, portanto, a sua condição de receptáculo da brasilidade.

Se as práticas populares merecem ser coletadas é porque têm um valor intrínseco que deve ser conservado. Esse é o pressuposto de onde nasceu o folclore. Se ali reside a essência primordial das civilizações, tal essência deve ser resguardada enquanto tal, longe das modificações velozes da vida moderna, condenada à dissolução.

Portanto, o que poderia definir a unidade da cultura de uma nação estaria na cultura do camponês. A identidade nacional residiria em suas criações, e daí nasce o conhecimento folclórico. No entanto, percebe-se o paradoxo: a feição do

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*. Rio de Janeiro: B. de Águila, 1912, p. 221.

que seria o popular, que emerge dos trabalhos dos folcloristas, ao contrário do que afirmam, não é a realidade, a verdade, e sim, a tecelagem de um homem em oposição ao próprio letrado.

Esse sertanejo revela-nos mais sobre o próprio folclorista Barroso do que sobre a cultura supostamente popular. Como no trecho de **Ao Som da Viola**:

"Há toda uma serie de festas que se sucedem de Dezembro a Abril: Natal, Anno-Novo, Reis, Carnaval, Quaresma. Segundo Morat ("Mystères Egyptiens"), ellas correspondem inteiramente as Saturnaes, Calendas de Janeiro, Lupercaes e Liberalia dos Latinos. Vêm, aliás, de muito mais longe: das festas Sacoe de Babylonia e da Kronia atheniense, que deram as Saturnaes romanas, os Mascarados da Idade Média, às festas dos Loucos e do Burro, os cortejos da Quaresma e do Carnaval" ³⁶.

A explanação de Gustavo Barroso nos fala muito mais de seu universo literário, de seu repertório de leituras que das festas ocorridas no sertão durante o período que vai do Natal à Quaresma...

É em torno desta questão que Certeau constrói sua tese que aparece no texto *"A Beleza do Morto"* ³⁷: a de que os folcloristas, ao fazerem a identificação da cultura popular como algo ancestral, que, porém, está prestes a desaparecer, e por isso deve ser recolhida em amarras, pretendem, com isso, não permitir a sua dissolução ou contaminação. A determinação daquilo que não é inerente à civilização, portanto, é imprescindível para determinar aquilo que lhe é próprio e característico.

Gustavo Barroso escreveu três livros, especificamente, sobre folclore, **Ao Som da Viola**, de 1921, **O Sertão e o mundo**, de 1923, e **Através dos folk-lores**, de 1927. Embora outros livros de pretensão sociológica, como **Terra de Sol** ou **Amas de lama e de aço** também sejam, em grande parte, construídos sob a ótica do folclorismo. O argumento em todos os livros que escreve sobre o tema é que o sertanejo é o homem que se resume no retardamento, já que permaneceria

BARROSO, Gustavo. *Ao Som da Viola*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1921, p. 81.

CERTEAU, Michel de. *A Beleza do Morto*. In: *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1985.

o século onde se iniciou a colonização brasileira, na submissão à natureza e na mestiçagem.

Complicado ou contraditório o conceito de "cultura popular" é sempre visto em oposição àquilo que não é, ou seja, à cultura letrada e ao saber considerado dentro de uma racionalidade pragmática. Ao retirar os costumes de seus contextos específicos, tais práticas perdem completamente sua operacionalidade e sua função no corpo social em que está inserido. Torna-se um ritual festivo despidido de significados, tomado como emblema de uma forma sem conteúdo. Desse modo o seu lugar parece bem explicitado, e será aquele da tutela e da guarda, próprio dos incapazes.

É Certeau quem nos fala:

"A 'cultura popular' supõe uma ação não-confessada. Foi preciso que ela fosse censurada para ser estudada. Tornou-se, então, um objeto de interesse porque seu perigo foi eliminado. (...) Os estudos desde então consagrados a essa literatura tornaram-se possíveis pelo gesto que a retira do povo e a reserva aos letrados ou aos amadores. Do mesmo modo, não surpreende que a julguem 'em via de extinção', que se dediquem agora a preservar as ruínas, ou que vejam a tranqüilidade de um aquém da história, o horizonte de uma natureza ou de um horizonte perdido. (...) O saber permanece ligado a um poder que o autoriza"³⁸.

De que forma entender essa identificação ao contrário? Como entender esse processo de identidade que nasce da distância que separa e não da comunhão? Como captar os meandros dos processos de cooptação de povos e comunidades através da construção de uma reserva de tradições que deveria significar um país?

O processo de afirmação das potências e seus grupos hegemônicos que chegam ao poder consolidou-se durante uma jornada que, acima de tudo, necessitava desenhar identidades, traçando assim os papéis a serem desempenhados.

Nos países colonizados a discussão sobre a identidade foi, e ainda parece ser, mais complicada. Envolve questões muito mais sutis e conflitantes, pois além

³⁸ Op. Cit. p.58.

questão social e da política, há um componente a mais, como demonstra o que ocorreu no começo do século passado sobre a miscigenação das raças e seus efeitos. A mestiçagem, ou o "*cruzamento das raças*", e seus "efeitos", eram uma "incógnita" para a ciência da época.

Sendo assim, as primeiras décadas do século XX serão decisivas para a formação da chamada "*cultura brasileira*", ou melhor, será um período marcado pela militância de grande parte da intelectualidade nacional em prol de uma herança de significados passíveis de incluir a diversidade de regiões e costumes de um país tão grande como o Brasil.

Essa seria a principal problemática. Nesse sentido, para um país com uma extensão territorial tão grande, o desafio era: como articular uma rede de significados plausível de acolher experiências tão díspares? De quem é esta ocupação? A quem atenderiam estes interesses?

Nesse aspecto, no Brasil, os folcloristas terão um importante papel a ser desempenhado. Juntamente com os literatos, ocupar-se-ão de tentar descrever a convivência entre as três raças e, principalmente, as conseqüências desse convívio, presentes na figura do mestiço brasileiro.

Para Certeau, o morto é aquele que incita a toda a busca. Buscando por aquilo que é denominado como cultura do povo, os letrados, com a perspectiva organizacionista do mundo científico, parecem procurar justificativas para suas próprias necessidades de buscar origens. A construção do personagem sertanejo de Gustavo Barroso só é possível através da posse de um saber específico: literário e folclórico. Assim, este homem permanece submetido ao poder que o autoriza a circular dentro de parâmetros bem definidos de estilo e espaço, dando-lhe um sentido histórico.

Certeau afirma que, na Europa, o nascimento desse gosto pelo exotismo poderia ter-se dado em duas frentes. A primeira delas, em que a rusticofilia figurava o medo da cidade grande, ameaçadora e dissolvente da racionalidade dos postos sociais aconteceu no século XVIII, mais especificamente no final do século XVIII. O povo era associado à idéia de pureza e tal qualidade deveria ser diligentemente resguardada, seria o grande

interesse apresentado pela aristocracia liberal e esclarecida por tudo que cercasse a cultura denominada de "popular". A segunda leva ocorreu nos anos 1850-1890. Essa etapa desse "culto castrador", segundo Certeau, eleva os grupos populares ao status de objeto de ciência³⁹.

Aqui no Brasil, os anos de 1870 anunciam o advento das teorias européias nos nossos setores letrados. O naturalismo na literatura denuncia um pessimismo com relação ao homem em geral, que aqui se acentua com relação ao mestiço, representante do povo brasileiro.

Os escritos sobre folclore de Gustavo Barroso trazem a veiculação do "homem popular" que se efetua sob a forma do monólogo. As imagens tecidas pelos letrados e, especificamente, dirigidas para letrados são autorizadas por uma mentalidade que circula livremente. Livros como **Ao som da Viola**⁴⁰ só conseguem trazer a voz do povo através da singeleza das canções pueris e ingênuas colhidas no cancionário popular. Segundo Câmara Cascudo, em seu **Dicionário do Folclore Brasileiro**⁴¹, este livro de Barroso seria a primeira antologia folclórica publicada no Brasil.

No entanto, é impossível esquecer de Juvenal Galeno, que lançou **Lendas e Canções Populares**⁴² no ano de 1865, impulsionado pelo conselho do poeta Gonçalves Dias, que em 1859 esteve no Ceará como Chefe da Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração. Estas coletâneas editadas pelos folcloristas revelam uma necessidade de experimentação do inefável que estaria presente na existência primitiva dos camponeses. A distância é o elemento primordial neste posicionamento, como diz Certeau:

*O prazer sentido no halo "popular" que envolve essas melodias "ingênuas" funda justamente uma concepção elitista da cultura. A emoção nasce da própria distância que separa o ouvinte do suposto compositor*⁴³.

³⁹ CERTEAU, P. 58.

⁴⁰ BARROSO, Gustavo. *Ao Som da Viola*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1921.

⁴¹ CASCUDO, Luiz Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

⁴² GALENO, Juvenal. *Lendas e Canções Populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1865, 1ª edição 1865.

⁴³ CERTEAU, Michel de. A Beleza do Morto. In: *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1995, p. 59-60.

O romantismo de Gonçalves Dias projeta o anseio das elites de assumirem o projeto da nacionalidade brasileira. Podemos lembrar que no mesmo ano de publicação de **Lendas e Canções Populares** surge o romance **Iracema**, do também cearense José de Alencar. Considera-se esse como o período em que se inicia uma literatura verdadeiramente nacional. No entanto, o indígena desenhado pelos literatos corresponde a imagem idealizada, irreal, o que também acontecerá posteriormente com o sertanejo, e fará o escritor Monteiro Lobato, em 1918, afirmar que o "*indianismo*" havia se transformado em "*caboclisto*".

Por volta da metade do século XIX, quando na Europa se impõe com força a ciência e seus métodos, tentando romper com o subjetivismo, no Brasil o romantismo ainda está em plena força, apesar dos brados de revolta dos homens de ciência. Estes acreditam que o subjetivismo exacerbado, aliado à falta de observação da realidade específica brasileira, faz desta literatura um dos males nacionais. Somente a ciência positiva, através de seus métodos racionais e empíricos, poderia levar o país a uma trajetória semelhante aos países do Velho Mundo. Porém, a crença tão grande na ciência se constitui como uma persistência da herança romântica.

Os folcloristas brasileiros cumpriram uma função social bastante específica. Nas primeiras décadas do século XX constituem o grupo que pretensamente tomava-se guardião da tradição e da cultura popular, levantando a bandeira da defesa do que restava desse passado contra a modernização que se instaurava. A luta era contra valores representados por coisas como a via férrea e o rádio, o telégrafo, etc, que ameaçavam pôr o campo em contato íntimo com o espaço urbano. Esse mundo, que se tomará mais veloz após a primeira Guerra Mundial, representa uma ameaça contra a qual a sociabilidade camponesa deve ser protegida, e esta seria a função do folclorista.

Os grupos de trabalhadores das cidades são considerados como "*classes perigosas*" e a cultura elitista sente-se acuada com tantas e tão rápidas mudanças, que ela própria almeja, valoriza e produz. O camponês é que se instala definitivamente como o portador original daquilo que é popular como algo anterior,

primordial e verdadeiro. Aquilo que conteria a infância, a verdadeira essência da humanidade.

O sentido político do cuidado do folclorista concretiza-se em reunir, como um patrimônio, algo que represente um espaço geográfico e um sentido histórico comum. A idéia de federalismo necessita de signos capazes de reunir elementos para enunciar a formação de uma mentalidade. O folclore consistiu numa forma de assimilação dos grupos que estavam nas bordas da sociedade capitalista. Integrado racionalmente, o homem popular deixa de ser ameaçador e tem um lugar assegurado na hierarquia social, como um espectro, permanecendo ao nível do simbólico.

Porém, é imprescindível que se faça alguma justiça a este grupo de dedicados pesquisadores da cultura popular. Os registros feitos pelos folcloristas constituem-se hoje como documentos preciosos.

O homem popular de Gustavo Barroso possui uma permanente oscilação entre o elogio da sua essência e a necessidade de transformá-la. O "*bom selvagem*" é a imagem arquetípica do homem popular, mas, se ele não está no museu, ele precisa sair de seu confinamento cultural e do estágio onde só age pela tradição e inconsciência que atrasa o progresso da nação. Para isso ele deve ser levado à consciência através do letramento, educação formal que o levaria a ter a consciência de seus atos. A evolução social só poderia ser alcançada, na realidade, quando houvesse essa consciência.

No entanto, a mestiçagem e a submissão ao clima são os fatores que determinam a vida deste homem popular brasileiro na obra de Gustavo Barroso. A fatalidade deste personagem é revelada no fatalismo com que encara sua própria sorte, na resignação que apresenta com relação ao seu destino. Eis onde se assinala o conflito no pensamento do letrado: se a mestiçagem é um estigma biológico e a natureza hostil é a causa do comportamento do sertanejo, como a educação poderia reverter essas determinações?

Portanto, o olhar do folclorista, ao contrário da neutralidade pretendida ou mesmo da simpatia, somente disfarça a violência sublimada, como diz Certeau: a mais secreta violência do primeiro folclorismo foi ter camuflado sua violência ⁴⁴.

A busca da origem parece ser um dos aspectos mais característicos do trabalho do folclorista. Em **Através dos Folk-lores**, Gustavo Barroso diz que se embrenha pela intrincada floresta das velhas literaturas de outros mundos, em busca da remota origem de um conto sertanejo ⁴⁵. A pesquisa dos textos que seriam os primitivos ou originais pressupõe que o popular seja o início da literatura e onde seria encontrada a primordialidade da cultura humana. A pureza de uma origem social estaria aí, por isso seria tão importante não só encontrá-la, mas também preservá-la, por estar em contato com as mais profundas forças naturais.

Por isso, os contos e romances de Gustavo Barroso estão tão imersos na atmosfera das lendas que misturam realidade e fantasia indistintamente, o que define menos o conteúdo de uma cultura popular e mais o olhar que o homem letrado lança sobre ela.

Não existe preocupação com a coerência e o funcionamento da cultura popular e sim com a pesquisa do documento primitivo, o que atestaria a sua autenticidade que, sempre suposta num porvir infinito, parece não ter lugar definido, já que está fora da história.

“Como o folk-lore universal remonta sempre às mais recuadas fontes do passado, vae prender-se em ultima analyse, geralmente, à letra dos livros sagrados (...) Tanto quanto esses livros santos (hieróglifos, Triptaka chinês, coreano, Zend Avesta, tradições palis e pehevis, Puranas ou Vedas) a Bíblia não podia deixar de ser também abundante fonte de folk-lore” ⁴⁶.

Acomodando o homem popular num papel de personagem bem adequado, a função e o lugar social dessa literatura parece alcançar êxito, daí poder aparecer esse sertão mítico onde reside um sertanejo atemporal. A correlação de tais textos com uma história política brasileira é fundamental para o trabalho do historiador,

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. *A Beleza do Morto*. In: *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo: Papius, 1995.

⁴⁵ BARROSO, Gustavo. *Através dos Folk-lores*. São Paulo-Cayeras-Rio: Companhia Melhoramentos, 1927, p. 79.

⁴⁶ BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*. p. 83.

mas ela nos ajuda a explicar a partir de quais elementos da cultura foi tecido este

O conhecimento sempre é político, sempre representa um poder. Seja de onde emanar, mais ainda o conhecimento letrado, e, mais especificamente, o conhecimento folclórico. Não há neutralidade no saber de um folclorista.

Reconstruir um universo cultural através de canções populares, de lendas, pode ser tão arbitrário como pretender dar uma ordenação àquilo que possui as formas as mais diversas. A interpretação pode ser tão violenta quanto a expressão, já que ela não é um reflexo da realidade, e se é pessoal, no entanto, mana de um lugar social de quem interpreta.

Se para o letrado europeu o povo permanece como o enigma da Esfinge⁴⁷, mais ainda o será o homem popular brasileiro para o folclorista nacional, já que ele possuía o componente adicional da mestiçagem, ocorrida entre europeus, índios e negros e que é a grande incógnita para o pensamento científico da época. Este é o viés por onde se constrói a obra de Gustavo. Mesmo nos livros que não são sobre folclore, a sua preocupação é descobrir, caracterizar, entender e explicar o homem sertanejo, o homem popular brasileiro.

Como museólogo, buscou desesperadamente instalar entre os brasileiros o gosto por aos "símbolos da pátria" que seriam àqueles relacionados à família imperial, às forças militares e ao Estado monárquico. Como folclorista, trabalhou na perspectiva de recolher lendas e músicas que estariam prestes a desaparecer com o avanço da civilização urbana sobre as cidades do interior do país. Nos dois casos, embora em formas diferentes, o que rege o seu desvelo é a manutenção da tradição.

2. *Contos e Romances: a tessitura da tragédia*

Foram escolhidos seis livros, de contos ou romance, nos quais são demonstrados com clareza os elementos da estética trágica do personagem sertanejo de Gustavo Barroso. São eles: **Praias e Várzeas**, **Alma Sertaneja**

BERTEAU, Michel de. A Beleza do Morto. In: *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1982. p. 47.

(Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão), *Mula sem Cabeça*, *Tiçã do Inferno (Romance Bárbaro)*, *O Santo do Brejo e Mississipi*.

Partindo sempre de um núcleo familiar, o enredo se desenrola por algum acontecimento fatídico que desarticula a rotina da "monótona" vida sertaneja. No entanto, a tristeza é sempre anterior a estes acontecimentos, ela préexiste, a reinar sobre o sertão por conta da mestiçagem, dos efeitos do clima ou da miséria, fatores que convergem, no sertanejo, para uma existência regida pela fatalidade e não por suas próprias escolhas.

Mula sem Cabeça, escrito em 1922, é composto por três contos. No primeiro deles, aquele que leva o título do livro, o personagem principal é o Joca, filho único do capitão Pires, dono da fazenda Santa Mônica. O jovem que "por uma predisposição natural, via quase sempre símbolos tristes em tudo" (p. 14) tem seu comportamento justificado pela mestiçagem que, para o autor, compõe a raça cearense composta pelos índios paiacús errantes e bárbaros, os lusitanos audaciosos e, até mesmo, uma pequena participação dos ciganos enviados para os ásperos sertões do Ceará pelo Marquez de Pombal⁴⁸.

O rapaz nascido e criado no sertão sente que mais cedo ou mais tarde atenderia ao imperativo de seu destino de cearense. Ao ver uma "estrela cadente" quando se costuma fazer um pedido, Joca imagina que:

*"Aquella estrella cadente, apparecida no céu um instante e logo para sempre perdida na escuridão da noite, era talvez a imagem de sua pobre vida de sertanejo, obrigado a emigrar amanhã ou depois, tangido pella desgraça, pella secca, pella miséria, sem saber mesmo para onde ir"*⁴⁹.

Nas obras literárias de Gustavo Barroso o infortúnio que a seca traz não se restringe somente ao aspecto material. Ela simboliza a chegada das desgraças e tragédias pessoais. Para Joca os primeiros sinais de seca coincidem com os acontecimentos funestos do desaparecimento do pai,

BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário, 1922, p. 16.

BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem*. p. 19.

assassinado por um cangaceiro a mando de um devedor, e a desilusão amorosa. A perda do amor acontece quando o rapaz descobre a leviandade da sensual Benvinda, surpreendendo-a travestindo-se de mula-sem-cabeça para poder encontrar-se com outros amantes além dele. O desfecho do conto é a marcha para a cidade. Joça, acompanhado do fiel "fâmulo", o vaqueiro Macário e sua mulher Rosa, junta-se aos grupos de retirantes rumo à civilização urbana, depois de perder tudo.

*"Quando a derradeira vacca estirou a canella nos últimos dias de setembro, junto da derradeira cacimba secca"*⁵⁰.

Em "Mapirunga", outro conto do mesmo livro, o argumento é uma humilde e pacata família sertaneja moradora nas terras do coronel Lupercio, que *"tendo fama de optimo falsificador de atas eleitoraes dominava a gente dos arredores pelo terror que espalhavam seus cangaceiros"*⁵¹. O pai emigrara para o Amazonas e daí não mais retornara, ficando os filhos João, o Mapirunga, e Antonio, a cuidarem da mãe e da irmã Luiza. Da mesma forma que no conto anterior, os primeiros sinais de seca coincidem com "desonra", instalada na casa quando a Luizinha apresenta os primeiros sintomas da gravidez, consequência do namoro com o Chagas, filho do coronel.

*"O Mapirunga tornou muito triste da Jamundaia. Tudo, o céu azul sem manchas, os bandos de pombas avoantes que cahiam como pragas sobre os campos, as marrecas que passavam piando, emigrando para longe, tudo mostrava que o veranico annual se transmudaria em secca rigorosa. (...) Sua tristeza augmentou ao aspecto emaciado da irmã"*⁵².

O coronel Lupercio, rico, autoritário *"Descendente de velha família feudal do sertão (...) sempre se jactando de ser branco puro e fidalgo"*⁵³ humilha o Mapirunga, provocando toda a ira e o desejo de vingança do sertanejo, que a partir daí resolve fazer justiça com as próprias mãos, provocado pela fala do fazendeiro e pelos impulsos de sua "alma primitiva".

"Isso acontece mais dia menos dia a todas as cunhãs fogosas da ribeira. Se não fosse o Chagas, seria um curiboca qualquer. Assim foi melhor,

BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem. p. 79.

BARROSO, Gustavo. Mapirunga. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922.

BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem. p. 116.

BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem. p. 118.

*porque embranquece a raça. Pode ir embora Mapirunga. (...) Puxe-se daqui canalha! Pensa que meu filho, casará com uma cabocla ordinária da laia de sua irmã! Antes quero vê-lo morto, ouviu! Que grande desaforo! E musque-se daqui depressa senão mando estrumar-lhe os caxorros!"*⁵⁴

O conflito dado pela afiliação de Gustavo Barroso a duas vertentes antagônicas, o classicismo e o romantismo, é o substrato de construção dos personagens, nos quais podemos perceber conflito entre a razão e a sensibilidade.

Os caboclos armam uma emboscada para o coronel e seu filho Chagas, em que conseguem o seu intento de vingança, matando os dois. Porém, Mapirunga perde o irmão, morto pelo cangaceiro do oponente. A tragédia se completa com o desaparecimento da mãe, que morre de desgosto, e o suicídio da irmã.

*"Mapirunga sentio que ella preferira matar-se a saber da noticia da morte do homem a quem se entregara por amor. A sua alma primitiva não comprehendeu a belleza daquelle sentimento. Só o ódio a enchia. (...) Aquelle homem de má catadura, coberto de sangue e de lama, cruzando os braços sobre o peito, disse, ferozmente satisfeito: -Acabou-se tudo! Mapirunga ficou sozinho no mundo, mas vingou-se!"*⁵⁵

Para Gustavo Barroso, por conta do pensamento primitivo o sertanejo só consegue enxergar soluções pela força. Esmagado por uma hierarquia social violenta, o sertanejo agiria movido pelos instintos, incapaz de resolver seus problemas, Mapirunga se vinga, embora perca tudo e todos que ama.

Tição do Inferno, com o subtítulo **Romance Bárbaro**, foi editado em 1926. O núcleo ao redor do qual se desenvolve a trama é a família do major Elsinrobis e seu filho Lopécínio, acrescida como sempre dos agregados fiéis, o vaqueiro Possidonio e a velha cozinheira, a mulata Maria Romana. A desgraça é trazida a casa pela visita de um homem, o Procópio, "o *Tição do Inferno*", segundo a Romana e o vaqueiro, que assim que o vêm pressentem que ele trará a tragédia à pacata vida da fazenda. A partir de então se sucedem os acontecimentos tristes.

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem.* p. 120.

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem.* p. 130.

Lopecinio morre no dia de seu casamento. Seu pai, um pouco depois, também morre, de desgosto. O vaqueiro perde a mulher, que morre de parto, e por conta disso começa a beber, deixando a fazenda abandonada. Por fim, distribui os filhos aos vizinhos e vai embora para a cidade de Canindé, onde finda também morrendo, na única companhia do fiel cachorro Ventania. A Romana, que adquirira hanseníase ao dormir na rede de um morfético, já que acreditava ter o corpo fechado, emigra para Fortaleza. O livro se encerra com um encontro casual entre o Procópio e a velha, em que esta acaba matando o "*Tição do Inferno*", como havia prometido. A fiel agregada, mesmo depois da morte de seus senhores, queria vingar-se daquele homem que acreditava, com seu "*mau-olhado*", teria trazido toda a tragédia à família.

Este homem é o Procópio dos Anjos, que apesar dos pressentimentos do vaqueiro e da cozinheira, arrasta atrás de si mais uma história com todos os elementos que, segundo Barroso, caracterizam a trágica vida sertaneja. Procópio é filho do ferreiro Philadelpho, da cidade de Quixadá, onde o chefe político, Leoncio da Candelária, manda dar uma "*ajuda de pimenta*" no ferreiro, por vingança, já que este não havia votado nele. A "*ajuda de pimenta*" consistia numa espécie de clister a base de pimenta aplicado pelos *cangaceiros* dos coronéis àqueles que transgrediam alguma regra estabelecida pelos mandatários do lugar. O autor em outras obras⁵⁶ fará referência ao mesmo procedimento, estigmatizando aquele que recebia o clister, como prova física do poder dos donos de terras sobre o sertanejo pobre.

Humilhada, a família se recolhe na serra do Estevão, onde só restaram Procópio e seu irmão, o Zuza, doente de hanseníase, sempre pensando em vingar-se. O coronel Leoncio morre sem que os irmãos consigam alvejá-lo e deixando o poder a seu filho, o tenente Neco. Este se encontra com os dois, numa vereda e, autoritário, lança o cavalo sobre o doente que demora a sair de seu

⁵⁶ BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 102.

caminho. O resultado do encontro é a realização da vingança atrasada, Procópio mata o tenente. O cangaceiro que o acompanhava, realizador da "ajuda" no pai, consegue fugir mas é perseguido pelo "curiboca", que consegue matá-lo. Assim como no conto "Mapirunga", o sertanejo consegue vingar-se da injustiça sofrida, porém perde tudo, inclusive o irmão Zuza,⁵⁷ que também morre, vencido pela doença.

Lançado em 1933, o livro **O Santo do Brejo** demonstra um leve desvio na composição da escrita literária de Gustavo Barroso. Além do sertanejo, os grupos urbanos que vivem na miséria é que são os protagonistas do romance. A ação que inicia, como os outros, numa cidade do interior do estado, se desvia para a capital Fortaleza. Demonstrando uma mudança em seu pensamento, no livro seguinte, **Mississipi**, o desvio se completa e a ação se passa totalmente em Fortaleza.

Em **O Santo do Brejo** permanece a estrutura composta em torno de um núcleo familiar de um oficial da Guarda Nacional, neste caso, o coronel Antonio Matias. No entanto, um dos personagens centrais é um negro, Mestre Zuza. De acordo com a caracterização do negro, na maioria das obras do autor, onde ele sempre é associado aos símios ou ao demônio, o personagem é definido como "Um negro velho, magro, saltitante, todo picado de bexigas, feio como um demônio"⁵⁷.

Quando Mestre Zuza morre, a cena do velório é significativa pela descrição do morto:

*"No meio, entre velas espetadas nos palmatórios de lata, o defunto todo coberto por um lençol branco. Somente os pés apareciam, pés de orangotango, escuros, apesar da lividez da morte que neles se espalhara"*⁵⁸.

BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem.*, p. 12.

BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem.*, p. 180.

Também Manuel, outro personagem negro que compõe a trama, é tecido com as mesmas características: *"E o negro, rilhando a dentuça de marfim, rugia, cravando as unhas nas palmas roxas das mãos simiescas"*⁵⁹.

O negro sempre é descrito como feio, sujo e mau. A associação entre a cor, a sujeira e a maldade cria a sensação de repulsa convergindo para a consolidação do preconceito racial, alardeado claramente, sem as ambigüidades que existem com relação ao mestiço, sem nenhum disfarce. Em **Cinza do Tempo**:

*"O pai de Chapeuzinho é um negro meio entrevado, feio e sujo como um bicho que passa por feiticeiro. (...) A mãe preta também puxa duma perna (...) Seu nome é Maria dos Anjos e o apelido é Maria dos Diabos porque é levadinha da breca, pulando num pé só, como o seu parente próximo, o saci"*⁶⁰.

O africano e seus descendentes seriam o elemento externo, indesejável, que lembra a desonra da escravidão. Tanto que a participação africana é relativizada como *"quase ausente"* no Ceará, ao contrário do mestiço do branco com o índio, visto como materialização da civilização brasileira, e de onde

*"(...) foi surgindo do solo adusto uma sub-raça valente, dura, tenaz, prolífera, que sem receber coeficientes de emigração estrangeira, conservou uma densidade não atingida em qualquer outra parte do Brasil"*⁶¹.

Mestre Zuza fabrica fogos de artifício e confecciona um São Sebastião para as festividades da igreja católica. No entanto, às escondidas o *"fogueteiro"* pratica a religião africana, sendo por isso preso. O pai-de-santo resiste à prisão, saindo da luta bastante ferido, é levado à Santa Casa, em Fortaleza. De lá consegue fugir para a casa do irmão, no Brejo, um povoado miserável de pescadores às margens do rio Ceará.

O boneco de São Sebastião feito pelo pai-de-santo é levado pela chuva e vai, coincidentemente, parar nas águas do rio Ceará, no Brejo, sendo recolhido pelos pescadores que o recebem como enviado por Deus sendo, por isso,

⁵⁹ BARROSO, Gustavo. Id. Ibidem, p. 113.

⁶⁰ BARROSO, Gustavo. *Cinza do Tempo*. Rio de Janeiro: A Noite, s.d., p. 6.

⁶¹ BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962, p. 15.

milagreiro. Mestre Zuza vê nisso uma oportunidade de exercer sua liderança espiritual e de obter lucros, surgindo a partir daí um próspero comércio em torno do "santo", com a romaria de sertanejos de outras cidades em busca de milagres.

A ligação de Mestre Zuza com a família do coronel Antonio Matias acontece através de Bernardo Matias, o filho deste, que encomenda "um despacho" ao pai-de-santo para afastar de sua amada Lídia o Dr. Crisóstomo, com quem o pai da mesma, o coronel Juca Salgado, o rival político de seu pai, gostaria de casá-la. O romance é impossibilitado pela rivalidade entre os dois coronéis. O pai de Lídia descobre a correspondência secreta entre o casal de namorados e manda dar uma "ajuda de pimenta" em Manuel, empregado de seu opositor e responsável pela entrega das cartas de Bernardo. Chefe governista, o coronel Juca é deposto por uma intervenção federal e substituído pelo oposicionista coronel Antonio.

Em seguida, o coronel deposto é assassinado por vingança, pelo Manuel, empregado da fazenda de Antonio Matias. O motivo do crime fora a "ajuda de pimenta" que Juca Salgado lhe mandara aplicar como castigo, já que era ele quem levava as cartas de Bernardo Matias para sua filha Lídia. Manuel, que também praticava às escondidas a religião africana, foge após realizar sua vingança para encontrar-se com Mestre Zuza, no Brejo, tomando-se ajudante deste no culto ao falso santo encontrado no rio.

A partir daí a sorte da família Matias é toda tecida pela tragédia, como nos outros livros. O coronel é acusado de assassinar seu rival político, injustamente, sendo preso e, condenado, morre quando recebe a sentença. Bernardo, seu filho, perde todos os bens e o amor de Lídia, a filha do oponente do pai. Sem nada, emigra para Fortaleza com o fiel "fâmullo", o vaqueiro da fazenda, Cândido, a fim de começar nova vida. Antes, porém, vai até o Brejo fazer uma promessa para o santo milagreiro. Lá encontra Manuel, o responsável pelo assassinato do coronel Juca, crime pelo qual seu pai foi condenado, e reconhece o boneco feito pelo pai-de-santo, descobrindo assim toda a farsa de Zuza. Ao tentar vingar-se de Manuel, é morto, linchado pelos "fiéis".

A nuance deste escrito na obra de Barroso, bem como do romance seguinte, é que a ênfase dada agora não é mais somente no Determinismo Geográfico ou Racial, mas também na oposição entre a civilização e suas benesses versus a miséria em que se encontram os grupos populares. O autor aqui fala claramente do abandono destas classes pelo poder público. A tragédia não se restringe apenas ao sertanejo, mas também aos grupos que, vivendo na cidade, não têm acesso aos estágios de evolução do mundo urbano e da ciência que garantiria uma melhor vida ao homem moderno.

*"Pouco e pouco, outros pescadores alevantaram suas casinhas naquele lugar êrmo, formando pequena povoação, da qual os poderes públicos do Estado até agora só se haviam lembrado para cobrar impostos por intermédio de dizimeiros sem piedade e onde já três gerações se sucediam sem higiene, sem polícia, sem escola, sem o menor auxílio, ao Deus dará, salvados do naufrágio das mestiçagens encalhados na praia sem ninguém para os levantar da inércia e do apodrecimento total"*⁶².

No final do livro Barroso faz uma nota em que enfatiza que o romance é inspirado no fenômeno social do fanatismo religioso, muito comum no Brasil, e cita Canudos, na Bahia, a Pedra Bonita, em Pernambuco, o Contestado e os milagres da Maria do Rosário no Joazeiro do Padre Cícero⁶³.

Mississippi foi o último romance escrito por Gustavo Barroso, sendo inclusive editado em 1961, após sua morte, ocorrida em 1959. Neste livro, como no anterior, aparecem os grupos populares dos arredores de Fortaleza, os moradores do Morro do Moinho, do Arraial Moura Brasil, entre outros lugares povoados pelos miseráveis da cidade. A família núcleo do romance é a dos "Mississippi", nome que o personagem Joaquim Feliciano deu a sua venda, já que a história se passa sob os ecos da Guerra de Secessão nos Estados Unidos e "os nomes da geografia ianque e sulina repetidos pelos jomais se tornavam familiares"⁶⁴.

O comerciante ganha muito dinheiro com a compra e venda de algodão cearense que substitui o americano no mercado internacional. Porém, a guerra acaba e com ela a prosperidade dos negócios gerados pelo conflito. Há um rápido

⁶² BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, P. 65.

⁶³ BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*, p. 192.

⁶⁴ BARROSO, Gustavo. *Mississippi*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961, p. 18.

sucesso da cultura do café na serra de Baturité, no qual Joaquim investe, mas a cafeicultura no Ceará não vingou, pois *"com o aumento dos cafezais da província do Rio de Janeiro, Baturité morreu"* ⁶⁵. Tendo perdido tudo o comerciante morre deixando a família na miséria. A família assumira como sobrenome o nome da fazenda do pai, tomando-se conhecida assim por toda a cidade.

O restante da família compõe-se da esposa, Dona Totonia, que é doente do coração; Xavier, o filho mais velho, que emigra para o Amazonas a fim de ganhar algum dinheiro, e de lá volta doente com as moléstias tropicais da floresta e morre. Salvina, a filha, e o mais novo, João, ou o *"Cabeça d'água"*, que tem esse apelido por conta de uma deformação no crânio causada pelo fórceps durante seu nascimento. Também faz parte da família a Chica Donga,

"velha escrava que a Sociedade Libertadora tinha remido ao cativo oficial, mas que continuava espontaneamente junto à família, a sua família, como dizia, no cativo espontâneo do coração" ⁶⁶.

João que *"nascera mais para chorar do que para rir"* ⁶⁷ torna-se o arrimo de família. Como estudara e sabia ler muito bem consegue o emprego de ponto numa companhia teatral, o que lhe permite escapar da fome e da miséria que ronda a família, porém teria que *"correr mundo"* com a companhia, confirmando o destino de todo cearense. O jovem não é livre para decidir, é movido pela necessidade imperiosa da sobrevivência. Mas *"se pudesse governar seu destino"* ⁶⁸ jamais teria de seu torrão, nem sequer de seu sítio.

Gustavo Barroso compõe um outro núcleo no romance, os amigos de João. O autor os chama de *"parias"* ⁶⁹, pois são atingidos pelas mais diversas desgraças. Luciano da Rampa, que vive do comércio feito com as coisas encontradas na rampa do lixo, pemambucano, fora caixeiro, telegrafista, praça. Abandonado pela mulher, viera parar no Ceará. Joaquim do Morro, que mora num barraco no Morro do Moinho, sozinho, sem família, fora vaqueiro no sertão. Estevão Bode, cuja mulher é comentada pela infidelidade em toda a cidade, sendo depois acusado,

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*, p. 22.

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*, p. 17.

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*, p. 16.

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*, p. 69.

BARROSO, Gustavo. *Id. Ibidem*, p. 163.

injustamente, da morte desta. E Lamerais, mulato, jornalista, alcoólatra, "*a dor de ser mestiço com talento, sempre como um muro a barrar-lhe a subida*"⁷⁰.

O desfecho do romance vem com o casamento da Salvina, a imã que "*não sabia e não queria fazer nada*" além de engravidar dos homens aos quais a família alugava quartos para ajudar nas despesas da casa. Mais uma vez, é a sensualidade da mulher que desencadeia desgraças. Por fim, casa-se com um deles, o cafajeste Alberto Teúnas, mas morre de uma infecção pós-parto, o que adianta os planos do bandido, que se casara somente com o intento de conseguir dar um golpe. Ele vende para a Usina Elétrica o sítio, que era a única coisa que a família ainda possuía.

João, como os outros protagonistas, perde tudo, inclusive a visão, e conseqüentemente o emprego, a família, o sítio, só lhe restando a fiel companhia da negra Chica Donga, que docemente lhe fecha os olhos, que já não enxergavam, quando morre.

Gustavo Barroso está inserido na conjuntura dos autores que pensam como se relaciona a herança genética do homem com a sua trajetória individual. Qual a liberdade que tem um homem frente ao seu grupo constituidor, frente às determinações biológicas e naturais?

Como um letrado que vive sua militância intelectual no Brasil do começo do século XX, o autor cearense discute em seus escritos, sejam de pretensão científica ou literários, o debate entre as conclusões racistas da sociologia de homens como Taine e Gobineau e as idéias advindas do Iluminismo e da Revolução Francesa. A Revolução de 1789, gerada pelos ideais de igualdade e fraternidade entre os homens, tinha como pressuposto a liberdade do homem de constituir sua existência de acordo com sua própria vontade. Já a ciência determinista de Taine, por exemplo, afirma que o indivíduo tem seu destino traçado a partir de seu grupo constituidor, sendo impossível fugir às determinações deste.

⁷⁰ BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem*.

Como acredita piamente que a mestiçagem é um dano e que o sertanejo é incapaz de sobrepujar a natureza hostil que o cerca, Gustavo Barroso só consegue enxergar para o mestiço o destino trágico que narra em seus escritos. A sua literatura é uma reflexão sobre a incapacidade do nortista de construir-se como homem frente às determinações raciais, climáticas e a falta do letramento. Como homem primitivo, o morador do sertão, ao contrário do homem civilizado, não tem o pleno domínio de sua vida.

A reflexão do autor cearense remete à sua própria leitura dos trágicos, quando ele adapta a fala do grego Eurípedes (485 a 480 a.C.) em **Iphigenia na Taurida** (que diz: "As desgraças nascem umas das outras") para a experiência sertaneja, quando Joca, em **Mula sem Cabeça**, afirma que "uma desgraça nunca vem só"⁷¹, ou Bernardo, em **O Santo do Brejo**:

*"O sítio Cambeba hipotecado para atender às despesas vultosas do processo, teve mais tarde de ser entregue aos credores do finado, e Bernardo deixou para sempre a casa onde nascêra e se creara. O trágico Eurípedes disse que as desgraças nascem umas das outras. A experiência do povo nordestino declara que 'uma desgraça nunca vem só'. O pobre rapaz agora sozinho no mundo, sentira bem que amarga e secular verdade sintetiza o brocardo sertanejo"*⁷².

Barroso também mostra sua leitura das tragédias produzidas sob o classicismo francês, de autores como Corneille e Racine, como quando se justifica por não apresentar um monólogo que traduzisse o pensamento íntimo de Procópio, em **Tiçã do Inferno**, com relação à sua própria vida, aos acontecimentos e às suas atitudes:

*"Ora quem tiver a santa paciência de ler esta história, espera de certo aqui um monólogo explicativo do mysterio desse homem. Mas os monólogos já passaram de moda. Para quem ainda gosta delles, recomendo as tragédias de Racine e de Corneille. Não faltam, clássicos e de perder o fôlego!"*⁷³

O que é então esse enfoque trágico?

⁷¹ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 65.

⁷² BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 160.

⁷³ BARROSO, Gustavo. *Tiçã do Inferno (Romance Bárbaro)*. Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926, p. 72.

A tragédia define-se mais pela natureza das questões que levanta do que pelo tipo de resposta que oferece. A associação que Gustavo Barroso tece entre a trajetória sertaneja e as obras da tragédia grega é fundamentada na reflexão que ele realiza sobre a condição deste homem sertanejo de reger sua vida perante aqueles fatores que seriam determinantes em sua vida. Se o homem grego se debatia entre os desígnios divinos, o nortista seria o objeto de reflexão sobre o alcance das determinações étnicas e climáticas. Além disso, na medida em que este homem enfrenta obstáculos contra os quais nada pode fazer, ele fica de alguma forma engrandecido e inocentado, podendo exercer o papel heróico de símbolo da nação.

Vernant nos faz uma pergunta fundamental:

*"Como é possível afirmar o caráter histórico das obras e do gênero trágicos e, ao mesmo tempo, constatar sua permanência através dos séculos, sua transitoriedade?"*⁷⁴

A invenção da tragédia grega na Atenas do século V não se limita apenas à produção de obras literárias, de espetáculos destinados aos cidadãos e adaptados a eles, mas, através das encenações, da leitura, e do estabelecimento de uma tradição literária, da criação de um "sujeito", abrange a produção de uma consciência trágica, o aparecimento de um homem trágico. As obras dos dramaturgos atenienses exprimem e elaboram uma visão trágica, um modo novo de o homem se compreender, se situar em suas relações com o mundo, com os deuses, com os outros, também consigo mesmo e com seus próprios atos.

Podemos então afirmar que, se chamamos tragédia às obras de Shakespeare (1564-1616) ou de Corneille (1606-1684) e de outros autores contemporâneos, é porque mesmo com os deslocamentos, as mudanças relativas ao contexto histórico, estas obras bebem na tradição do teatro antigo, onde vislumbram, bem demarcada, a concepção estética própria da forma dramática que teria dado origem a uma consciência trágica.

⁷⁴ VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga II*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 86.

O princípio de onde partiu a tragédia grega está implícito na religião arcaica e é invariável: a ordem, o equilíbrio e a fecundidade que devem reger a sociedade. A perda desses princípios desencadeia o conflito. Romilly afirma que *“O conflito trágico reitera-se, como resultante da polaridade conflitante entre o homem e a ordem (cosmológica, social, etc.)”*⁷⁵. Na narrativa de Gustavo Barroso o trágico está implícito na trajetória do sertanejo. É a sua submissão à natureza aliada à sua composição étnica que lhe conferem as características de tragicidade.

O trágico tornou-se tão importante na obra do autor cearense porque possibilitou a reflexão, não sobre o aspecto individual do homem, mas sobre o aspecto sociológico e político, sem no entanto impedir uma discussão também de âmbito existencial, onde o autor, a exemplo dos autores trágicos, expõe suas dúvidas a respeito do que determinaria a vida humana:

*“Esse Deus cego que os gregos temiam, em quem nós, modernos, pouco pensamos, e que é o mais interessante de todos os deuses, por ser o mais paradoxal de todos, o Destino, o Fatum romano, barbado de vara em punho, a mexer com myriades de títeres, sem esquecer um só, envenenador de Possidonio, lynchador do Ventania, etc. Vive no sertão, como viveu na Phenícia, na Helade, no Lacio, na Atlântida, em toda parte e em todos os tempos”*⁷⁶.

Quando Mestre Zuza, em **O Santo do Brejo**, capitaliza o achado do boneco transformando-o em santo padroeiro do povoado, Gustavo Barroso amplia a discussão para os aspectos que poderiam reger os acontecimentos: o acaso ou a vontade do homem que instrumentaliza os fatos a seu favor?

*“Os pescadores regressaram ao entardecer com os samburás cheios de peixe. (...) Mestre Zuza não se esqueceu de ligar a fartura ao miraculoso achado do calunga, transformado num ápice em padroeiro local. O acaso ia lhe seguindo os desígnios pelo próprio acaso de súbito creados. Será que existe em verdade o acaso, ou tudo tem conta, peso e medida, cujo regimento nossa ignorancia desconhece?”*⁷⁷

⁷⁵ ROMILLY, Jaqueline De. *A Tragédia Grega*. Brasília: Ed. UNB, 1998, p. 98.

⁷⁶ BARROSO, Gustavo. *Tiçãõ do Inferno (Romance Bárbaro)*. Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926, p. 186.

⁷⁷ BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 72.

Toda as histórias giram em torno de presságios e superstições, que seriam a forma específica como a sabedoria popular se manifestaria, na tentativa de compreender e controlar a própria convivência com o mundo que a cerca.

Em **Mula sem Cabeça** o fato de Joca sempre tentar acertar um gavião e não conseguir é vaticinado pelo pai como um sinal:

*"-Pois olhe que atirar num bicho de couro ou de pennas, derrubal-o e não o achar é mau presságio, dizem os antigos. A estas palavras do pae o filho estremeceu. Um caboré piou do lado do curral; depois, o seu vôo rasteiro atravessou o pateo"*⁷⁸.

Em **Mapirunga**, o vendeiro Conrado Pataca presencia uma cena de namoro entre a Luiza e o Chagas e considera a coruja, que piava ali, como um sinal de maus presságios:

*"Á entrada da varjota do Fonseca, a Luiza com o pote de agua no chão, e o Chagas, curvado sobre o pescoço do cavalo melado, conversavam de mão grudadas! Um corujão da mata piava a espaços. O vendeiro largou um alto boa-noite! que os surpreendeu, e lá se foi a badalar o escândalo, acrescentando que o agouro da coruja não era nada bom para aquelle desavergonhado namoro"*⁷⁹.

Em **Tição do Inferno**, a mulata Maria Romana e o vaqueiro Macário assim que conhecem o Procópio dos Anjos pressentem que este homem, com seu mau-olhado, traria a tragédia à vida da família⁸⁰. Já em **O Santo do Brejo**, é o vaqueiro Candido quem sente que a ida ao Brejo não traria bons resultados ao jovem Bernardo *"Cá o meu coração anda adivinhando que a sua promessa não dá certo"*⁸¹.

Finalmente, em **Mississipi** é o Graciano da Rampa quem sente ao conhecê-lo e sem nenhum motivo aparente que a tragédia seria trazida à vida de João Mississipi pelas mãos do cunhado, o Alberto Teúnas⁸².

⁷⁸ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 17.

⁷⁹ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 113.

⁸⁰ BARROSO, Gustavo. *Tição do Inferno (Romance Bárbaro)*. Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926, p. 28.

⁸¹ BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 171.

⁸² BARROSO, Gustavo. *Mississipi*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961, p. 135.

O trágico para o mundo grego revelou a polaridade entre o mundo do mito e o mundo racional, já que na sociedade grega se apoiava na luta entre as duas justiças (*diké*): a mítica e a racionalista. A tragédia, nesse momento, cumpriu a tarefa que sua função poética estabeleceu, funcionando como catarse.

Para Gustavo Barroso o sertanejo personifica o trágico, sua trajetória é toda tecida sob este signo. A polaridade é revelada no paradoxo do personagem, ao mesmo tempo, tecido como o herói mítico da Antiguidade e como o ser incapaz regido pela fatalidade, por conta do estigma da mestiçagem e da seca, conforme os preceitos do pensamento moderno.

De Romilly⁸³ entende por herói trágico o que, consciente ou inconscientemente, transgride uma lei aceita pela comunidade, sancionada pelos deuses. Entretanto, o que o torna trágico é sua atuação na desgraça, no caminho entre a falha trágica e a punição. O trágico liga-se àquilo que ultrapassa os limites, já que são consideradas trágicas, em geral, as personagens dominadas por algo que as suplanta.

Na tragédia sertaneja de Gustavo Barroso o protagonista tem a plena consciência da incapacidade de mudar sua sorte. Apesar dos anseios de superação, como é o caso de Lopecjnio em **Tiçã do Inferno**, que sente *"inexplicáveis desejos de ser livre, de voar"*⁸⁴ ou os pescadores miseráveis, em **O Santo do Brejo**, que a buscam através do misticismo:

*"O côro repetia, soturno, a estrofe singela, que exprimia a fé e a ignorância daquele pobre povo entregue a si próprio, á sua miséria moral e material, ávido de qualquer foco que centralizasse as suas energias abandonadas e do qual se irradiasse consolo aos males de sua existência desgraçada, males do corpo e ainda mais da alma. Sentia-se um anseio, como que uma palpitação de asas feridas naquele vozear lento e triste como o gemido estertorante dum ente em agonia"*⁸⁵.

Baseado nas teorias sobre os povos submetidos, considerados inferiores, e na comparação com povos da antiguidade, o autor relaciona o cearense aos árabes, caracterizando os dois como vítimas de uma resignação fatalista pela

⁸³ ROMILLY, Jaqueline De. *A Tragédia Grega*. Brasília: Ed. UNB, 1998, p. 103.

⁸⁴ BARROSO, Gustavo. *Tiçã do Inferno (Romance Bárbaro)*. Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926, p.45.

⁸⁵ BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 183.

pretensa impossibilidade de modificar seus destinos. Como é descrito o caboclo João Gameleira no conto **Chifre de Cabra**, do livro **Alma Sertaneja – Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão**: “Na sua face pesava uma tristeza calma, definitiva. Todo ele, olhar, voz, gestos, era uma resignação profunda, um fatalismo imenso. Dir-se-ia um árabe”⁸⁶.

Ou como reage o Joca quando do desaparecimento do pai em **Mula sem Cabeça**:

“-O meu coração diz que nunca mais verei o meu pobre pae. Tenho quase certeza que lhe aconteceu uma desgraça qualquer. Ha tempos eu ando com um peso encima do coração que só Deus sabe! Parece-me ás vezes que me vão acontecer muitas coisas ruins! A gente não foge nunca ao seu destino”⁸⁷.

A tragédia grega, na generalidade, foi uma reflexão sobre o homem que durou cerca de 80 anos, o período da expansão política de Atenas. A tão discutida origem da tragédia⁸⁸ está indiscutivelmente ligada ao culto de Dioniso. O *canto do bode* é o significado da palavra, em que o bode é a recompensa ou sacrifício, o valor catártico, a purgação ou purificação. As festas denominadas Dionísias Urbanas, em que se realizavam procissões e oferendas, aconteciam duas vezes por ano. Nelas havia o concurso onde o vencedor tinha o patrocínio do Estado para realizar a montagem da tragédia, já que esta tinha uma função, eminentemente, cívica, educativa e principalmente religiosa. A escolha era feita pelos altos magistrados da cidade que selecionava os poetas, e os ricos que cobriam as despesas.

É preciso lembrar que os deuses, os incidentes, as histórias em torno das quais giram as tragédias gregas, era religião viva, de que estava impregnada a existência de cada espectador, e que era essa, essencialmente, a sua temática.

Eurípedes (485 a 480 a.C.), o autor citado por Gustavo Barroso, chamado por Aristóteles de “o mais trágico dos trágicos” (Poética, 1453 a), é o terceiro,

⁸⁶ BARROSO, Gustavo. *Alma Sertaneja. (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p. 93.

⁸⁷ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 61.

⁸⁸ KURY, Mário da Gama. *Ésquilo, Sófocles, Eurípedes*. RJ: Zahar, 1992. E NIETZSCHE, Friedrich. *A Origem da Tragédia*. Lisboa: Guimarães, 1985.

cronologicamente, dentre os três considerados, os grandes autores trágicos gregos, os outros dois seriam Ésquilo (525 a.C.) e Sófocles (495 a.C.). Sua época é o fim da Guerra do Peloponeso, quando em Atenas tudo parecia se desfazer. A desordem em que se debatem seus personagens parece refletir o caos que os gregos viveram, resultando numa atmosfera de desencanto. Sua carreira provocou grande impacto, como atestam as referências de Aristófanes na comédia **As rãs**, pois abriu-se a todas as influências contemporâneas dos primeiros sofistas questionadores da tradição. Eurípedes rompe com os limites do gênero; foi o primeiro a representar os homens em sua vida cotidiana, e movidos por suas paixões: a causa das suas desgraças. Foi também o pioneiro a representar o amor e a mulher no teatro, o que era uma ousadia para aquela sociedade⁸⁹.

Quando Aristófanes (445 a 385 a.C.), maior poeta cômico da Grécia antiga e também contundente crítico da política e das artes, defendeu a tragédia contra Sócrates e contra o racionalismo, teve Eurípedes como seu maior inimigo, pois foi este que consumou a entrada das novas correntes de pensamento, como os sofistas.

Eurípedes serviu de inspiração a poetas latinos e, posteriormente, a franceses como Racine, a quem Gustavo Barroso também cita em **Tição do Inferno**. Os autores modernos, como Racine, porém, não pretendiam, ao contrário dos antigos, moralizar, conduzir as simpatias dos espectadores para o lado considerado mais nobre, apenas exibiam a humanidade em conflito. A tragédia grega tinha, acima de tudo, uma função educativa.

Já na modernidade, a questão do trágico, segundo Costa⁹⁰, se origina da desintegração dos valores e dogmas da Idade Média. É esse aspecto desintegrador, de acordo com a efervescente vida política, econômica, cultural e religiosa do século XVI. A tensão e união de opostos materializa o paradoxo vivido pela sociedade, surgida entre duas fases da civilização ocidental: a Idade Média cristã e a nova razão científica. Essa situação pode ser entendida quando a fé no homem foi abalada e se instalou a crise do humanismo. Lutero, Calvino,

⁸⁹ BRANDÃO, Junito. *Teatro Grego*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 76.

⁹⁰ COSTA, Lígia Militz. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Ática, 1988, p. 109.

Montaigne, Copérnico e Shakespeare, segundo a autora, tiveram seu papel na destruição do humanismo renascentista.

O conflito agora se centra no indivíduo, num mundo sem deuses. A tragédia consiste acima de tudo na catarse do herói. De maneira geral as personagens da tragédia de Shakespeare exemplificam a problematização em que se circunscreve a questão de uma identidade bipartida.

Realmente, a ação trágica parece caracterizar-se por uma ambigüidade. O destino de Édipo foi, na verdade, a sua destruição, e o lamento da cidade de Tebas a exaltação do homem que cumpre seu destino penoso. Ele é o verdadeiro herói trágico pelo fato de o seu destino não ser um destino individual.

Segundo Costa⁹¹, o surgimento das tragédias estaria relacionado a épocas de crise; a grega relaciona-se à crise de Atenas, no século V, e a tragédia clássica na Europa, no século XVII, acontece no declínio da aristocracia. Na Grécia o conteúdo da tragédia é o mito fornecido pela religião; em Corneille e Racine relaciona-se ao pensamento sobre a legitimidade do poder. Na tragédia moderna, absurdo, com Jean Cocteau, é o homem solitário. Já não há deuses e, sozinho, o ser humano resigna-se em sua incapacidade de tentar apreender o mundo em sua totalidade e volta-se para sua subjetividade e imaginação. A sociedade capitalista acentua a solidão do herói.

Esses esclarecimentos a propósito do conteúdo e da forma da tragédia grega têm o objetivo de procurar entender a importância desses documentos literários tão distantes do nosso tempo e nossa mentalidade, mas que nos acompanham até hoje. Mais do que isso buscam compreender a importância dessas leituras na formação da visão de mundo do letramento brasileiro no início do século XX. Compreender aquilo que constitui o seu princípio comum e entrar, dessa forma, para além do gênero e seus autores, aquilo que depois jamais deixou de ser chamado de trágico e marca presença até hoje em nossa literatura.

⁹¹ COSTA, Ligia Militz. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Ática, 1988, p. 49.

O sentido estético atribuído ao personagem advém da função exercida por ele na sociedade que o representa, de acordo com a imagem que circula, e está implícita uma avaliação ética de seu papel nesta mesma sociedade. No caso do letramento brasileiro, a preocupação refere-se às relações entre a grande massa da população mestiça e a “ilha de letrados” que dirige o país. Geremek nos diz acerca da literatura produzida na Europa sobre os pobres:

“Como personagem do pano de fundo social, é por meio dele que se revelam as qualidades positivas do protagonista e a ação do destino, mas ele é também portador das vontades supremas e de uma razão superior. Desprovida dos laços materiais e dos comprometimentos da propriedade, o miserável expressa um conhecimento universal da verdade sobre a existência humana, esquecida por todos. É também portador da imagem e da voz de “baixo”, dos níveis inferiores da sociedade, da consciência e da cultura populares”⁹².

Assim como as construções sobre os iletrados são abundantes, constituindo-se como documento histórico, seu significado permanece ambivalente. O personagem popular e sua tipologia sociológica oscilaram permanentemente. A literatura demonstra o saber, ou o que pretendem saber os homens de uma época sobre o mundo do sertanejo, como o descreviam e que valor lhe atribuíam.

Essa mentalidade é originada nos grupos letrados e nos processos de construção da nação, por isso a necessidade de recriar esse espaço na literatura, como tentativa de compreensão e legitimação. A construção da identidade nacional está ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais que ocupam o poder e à própria construção do Estado brasileiro.

Além de narrar, Barroso constrói uma tipificação da sociedade brasileira. A tipologia usada como procedimento literário, mesmo agindo como fator de simplificação ao extremo, ou talvez até por isso mesmo, mostra os papéis sociais cristalizados, que surgem da idealização. O surgimento do sertanejo como literatura é um testemunho do fenômeno social da urbanização.

O que tento apreender é a consciência adquirida na socialização de leituras das obras clássicas e teorias raciais européias resultando na observação dos

⁹² GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 7.

letrados para entender a experiência do mundo do sertanejo. Não me preocupa demonstrar a veracidade ou não do personagem construído por Gustavo Barroso. O que é levado em consideração é o papel que na sua origem desempenhou, por um lado, a observação do sertanejo, e por outro lado, a tessitura deste personagem que circula nas tramas literárias, revelando 'a filiação dos antecedentes da literatura produzida por Barroso.

A sociedade letrada trata os outros grupos como análogos à sua própria lógica, pois ao conhecimento sobrepujam-se os estereótipos formados pela consciência letrada. Para Ginzburg, em seu livro **Olhos de madeira**:

*"O estranhamento é arma infalível para a idéia absurda de que a existência seja previsível, que conhecer signifique em vez de aprender com a realidade, sobrepor um esquema a ela"*⁹³.

Para ele, este estranhamento serviria como um antídoto pelo qual todos nós poderíamos evitar a banalização da realidade, resultando assim em decisivas implicações cognitivas deste posicionamento. Citando Proust, ele afirma que este usa a memória involuntária de forma decisiva na construção de seus personagens.

Como compreendermos, então, a escrita literária de um homem como Gustavo Barroso, que tece seus personagens a partir de suas memórias, de pessoas e tipos populares que povoaram seu passado na pequena Fortaleza do final do século XIX e os ressignifica sob a ótica de seu letramento?

Ginzburg, ao falar de Tolstói, afirma a influência exercida pela leitura de Marco Aurélio sobre este. Para ele o mais significativo seria perceber de que forma este autor foi lido, e ainda, ou principalmente, como o pensamento iluminista condicionou sua leitura do autor antigo. Qual seria para o autor cearense a implicação das leituras clássicas em sua capacidade cognitiva com relação ao sertanejo? Em que instante a capacidade de estranhamento do letrado brasileiro foi suplantada pelo cientificismo e pelas imagens canônicas da imensa biblioteca universal que versa sobre o homem habitante do mundo rural e iletrado?

Onde estaria o estranhamento do autor cearense enredado nas teias dos universos literários de autores da Antiguidade clássica, e de diversas correntes do

⁹³ GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 95.

romantismo europeu em escritores como Chateaubriand, Flaubert, Victor Hugo, entre outros? Será que existe alguma possibilidade cognitiva para além da biblioteca do autor?

Citando Tácito na sua **Germânia** e sua relação com as narrativas populares, Ginzburg relaciona textos medievais de domínio público, como **O camponês do Danúbio**, e aquele que fala do rei Salomão e da sabedoria do camponês. Estes textos, no contexto da conquista do Novo Mundo, identificam um campo de reflexão em que a visão do selvagem ou do camponês, como elementos estranhos à civilização urbana, traria a possibilidade de um retorno ao estranhamento e a crítica, tornados improváveis para os "civilizados"⁹⁴.

Dentro dessa investigação sobre inspiração das leituras feitas por todos estes letrados, e de como foram apropriadas, Ginzburg rastreia a trajetória de formação do pensamento moderno sobre o homem não-letrado, o homem popular, o outro. Usando dessa metodologia para aclarar o seu objeto, ele aponta caminhos de grande valia para perceber e para identificar, na formação e nas leituras de Gustavo Barroso, o caminho para chegar até a sua visão sobre o homem mestiço brasileiro, ou melhor, sobre homem sertanejo. O que nos dá espaço para tentar refletir na possibilidade de abstrair de dentro de um romance, de um conto, ou de uma novela, a perspectiva ou a ótica de onde fala o seu autor, inserindo-o, assim, em seu devido contexto histórico e respectivo grupo social, a partir do qual emanam as construções que sua linguagem artística é capaz de criar ou de fazer circular.

Para Gustavo Barroso, por causa da incapacidade herdada das raças inferiores e porque permanece no medievo, o sertanejo não é capaz de suplantar a natureza, diferentemente do homem moderno e civilizado que se apodera, torna-se senhor dela e, conseqüentemente, de seu próprio destino. Sendo assim, o personagem sertanejo seria regido por três características básicas que lhe formariam o caráter e determinariam a cultura estabelecida no sertão. A

⁹⁴ GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 99.

sensualidade, a indolência e, acima de tudo, a tristeza, característica fundamental do universo retratado, da tragicidade que tece todas as tramas.

Nos escritos de ficção a característica da sensualidade é flagrantemente delegada à mulher mestiça. Nunca negra, sempre cabocla, morena, tentadora, despertando paixões avassaladoras. Em grande parte das narrações é a sensualidade dela que desencadeia os conflitos gerando duelos e desgraças. Em **O Santo do Brejo**, é a Lídia, "*moçoila de dezessete ou dezoito anos, morena cor de jambo, olhos rasgados e negros á flor da pele*"⁹⁵. Em **Mula sem Cabeça**, a Bemvinda, morena de vinte anos, roliça e sensual que mal olhava para as pessoas e corava à menor palavra que qualquer homem lhe dirigisse⁹⁶. Na verdade, a moça que aparentava tanto recato disfarçava-se de mula-sem-cabeça, durante a noite, para encontrar-se com seus sucessivos amantes. No terceiro e último conto do mesmo livro, **Mapirunga**, a Luizinha:

*"tinha dezenove annos, longos cílios escuros cobriam o ardor de seus olhos negros. Os requebros do seu corpo de mestiça clara faziam andar à roda a cabeça da rapaziada"*⁹⁷.

A moça pula a janela de seu quarto todas as noites para encontrar-se com o Chagas, filho do Coronel Lupercio, engravidando e causando toda a tragédia. O irmão, o Mapirunga, mata o sedutor e seu pai, que não permite o casamento do filho com a cabocla.

Em **Tição do Inferno** é a Conceição:

*uma cabocla linda. Olhos rasgados e pelle de manipuçá madurinho, bom de comer. Bôca vermelha de modelo sensual. Dentes admiráveis. Uma tentação de amor della se irradiava. Cheirava como o mato e enfiára nos cabellos bem enastrados, no cocó alto, um ramo de mangericão*⁹⁸.

⁹⁵ BARROSO, Gustavo. *O Santo do Brejo*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 12.

⁹⁶ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922. p. 21.

⁹⁷ BARROSO, Gustavo. *Mapirunga*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922. p. 110.

⁹⁸ BARROSO, Gustavo. *Tição do Inferno (Romance Bárbaro)*. Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926, p. 95.

A moça tem a seus pés o filho do major Elsinrobis, o Lopecinio e o Doutor I, jovem advogado que, preterido, chega a *adoecer de amor*.

As teorias raciais européias apontam, também, como um dos efeitos da bigenação a indolência, a preguiça, incapacidade crônica. Gustavo Barroso, ao caracterizar o vaqueiro, símbolo máximo do sertanejo, demonstra a influência de ideias da Cunha, quando diz que o homem aparentemente frágil transforma-se na luta de seu ofício:

*"Possidônio era valente, bom e arguto. Seu geitão indolente encobria uma robustez physica e uma actividade pouco communs. Sua physionomia sorridente e quase atoleimada ocultava um espírito tão ágil quanto o corpo"*⁹⁹.

O sertão de Gustavo Barroso escorre numa modorra de meio-dia, numa atmosfera interminável que oprime a vontade. O ritmo em que ele desenha seus contos termina um tempo definido pela lentidão da fala e gestos dos personagens, assim como da descrição da sensação de vazio e de imobilidade. O silêncio, o ar da natureza e dos personagens favorece a formação de um quadro de friaguez, de sonho, de atemporalidade. A vontade se consome numa interminável ausência...

*"Um eflúvio dormente desprendia-se dos cajueirais floridos e fecundados, errava na face da terra uma canseira, um quê de sutil que impelia à modorra, ao sono e à preguiça"*¹⁰⁰.

Para Gustavo Barroso, a sociedade sertaneja estaria inalterada desde os tempos da colonização e portanto ainda vivenciando a temporalidade da natureza. Assim como o vaqueiro Macário da Purificação, por exemplo, o *"único relógio era o sol"*, e *"começava a aboiar numa toada dormente, longa e vibrante, que subia silenciosamente no espaço e perdia-se ao longe"*¹⁰¹.

BARROSO, Gustavo. Id. *Ibidem.*, p. 40.

BARROSO, Gustavo. *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Lisboa, Aillaud, 1915, p. 19.

BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. In: *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário, 1922, p. 5.

Por conta dessa filiação a um passado, que na verdade é presente, a nostalgia faria parte da caracterização da “raça” sertaneja, como se este homem vivesse permanentemente saudoso de algo que não sabe o que é:

“Àquelas quadras poéticas, soltas em voz larga e queixosa como um gemer de violas, todos baixavam a cabeça num desalento aparente que era somente a nostalgia contemplativa e indolente da raça”¹⁰².

Dessa forma, para Gustavo Barroso o homem sertanejo estaria ainda vivendo num estágio inferior e não apresentaria a complexidade daqueles que atingiram a evolução histórica da humanidade, permanecendo numa etapa de sua existência onde predominava o fetichismo e o animismo. Apoiado nos argumentos da Antropologia, via os povos colonizados em estágios primitivos:

“E como a observação de suas práticas singelas e tristes, dos seus costumes primitivos e tradicionais, nos atiram através dos séculos até a rude e humilde humanidade dos primeiros tempos, adorando a fatalidade, amando a terra (...) esboçando os rudimentos dos velhos cultos e das velhas civilizações!”¹⁰³

Como consequência de toda essa caracterização da temporalidade vivida pelo sertanejo, o autor classifica a vida no sertão como extremamente monótona:

“Os mezes iam passando na constante monotonia da vida sertaneja”¹⁰⁴.

“Até então tinha sido, embora triste, monótona, a mais tranqüila de todas as vidas aquela que calmamente decorria no remanso hospitaleiro da fazenda de S. Luis”¹⁰⁵.

A indolência do sertanejo e a monotonia do sertão são tecidas por Gustavo Barroso num quadro onde a tristeza é o resultado final de praticamente todos os personagens. Herdada do cruzamento com as raças inferiores e da luta contra a natureza, a tristeza é anterior à tragicidade. O sertanejo tem consciência de sua incapacidade de mudar seu destino, resigna-se a ele e arrasta a sua tristeza atrás de si. Por isso teria uma predisposição “natural” à contemplação e à languidez.

¹⁰² BARROSO, Gustavo. *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Lisboa, Aillaud Bertrand, 1915, p. 24.

¹⁰³ BARROSO, Gustavo. *Ideias e Palavras*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1917, p. 43.

¹⁰⁴ BARROSO, Gustavo. *Mula sem Cabeça*. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922, p. 115.

¹⁰⁵ BARROSO, Gustavo. *Tição do Inferno (Romance Bárbaro)*. Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926, p. 31.

Assim como a natureza, o homem é um misto de herói clássico e vilão trágico, em permanente comparação com os personagens da Antiguidade e do Medievo.

A descrição da paisagem como desolada tem o aspecto da desgraça e se concretiza no grande silêncio do sertão inteiro. O céu é desenhado, como a terra árida, sem manchas, e parece sofrer as conseqüências de uma maldição. Nada que está neste ambiente parece resistir à ação implacável da seca. Todos os componentes da paisagem têm os elementos delegados pelo clima.

A explicação para a tristeza do sertanejo está no meio que assim transforma a sua vida, de forma que, para Barroso, o sertanejo apresenta em seu caráter e até em seu corpo a feição mórbida do meio ambiente em que vive, e este meio ambiente teria esculpido sua alma ¹⁰⁶.

Gustavo Barroso formula seu pensamento a partir do determinismo geográfico e racial. Nos livros em que busca as causas do cangaço cita Taine¹⁰⁷, Letourneau e o italiano Enrico Ferri. Mas já em **Terra de Sol**, quando fala da idéia da "alma do sertão" ¹⁰⁸ desenhando e moldando a alma do homem sertanejo, é a Victor Hugo que ele se refere. Sendo calcada na "alma do sertão", a alma do sertanejo também teria dois pólos opostos, quando da seca e quando da fartura, e aí estaria a explicação aparente para a oscilação do comportamento do nortista, ao mesmo tempo lutador e resignado, forte e incapaz.

A ambivalência na construção do personagem é explicada pela ligação deste com o clima. O caráter do sertanejo residiria exatamente na especificidade climática que criaria o homem sob este paradoxo: heróico, forte, por conviver com a seca; e débil, por não conseguir ir além, permanecendo jungido a ela.

Como conseqüência disso a principal característica de construção literária dos contos do autor é a transmutação de características da paisagem nos personagens, ou vice-versa, também dos seres humanos na paisagem. A

¹⁰⁶ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Águila, 1912, p. 173.

¹⁰⁷ BARROSO, Gustavo. *Ideas e Palavras*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1917, p. 15, 17, 18.

¹⁰⁸ BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Águila, 1912, p. 134.

natureza é mesclada à gente popular, fazendo com que a vejamos apenas como mais um componente da paisagem descrita:

*"Era moça, sadia e fresca como a serra majestosa. A pele levemente tostada tinha tons de ouro. O cabeção da camisa, pobre de rendas, mal lhe tapava os seios virgens, pequeninos, redondos e duros como limões doces"*¹⁰⁹

O elemento humano e a paisagem natural são desenhados num mesmo contínuo, com as mesmas cores, partilham da mesma sorte e parece não haver diferença entre o comportamento dos mesmos: *"E as palmas das carnaubeiras, esparsas em pequenos grupos pelas varjotas, gemiam baixinho, doloridamente"*¹¹⁰.

O determinismo geográfico explica a relação de intimidade, ou melhor, de comunhão absoluta mesmo entre personagens e a paisagem, como se fossem um só:

*"Com o braço nu, escuro e nodoso como raiz de mangue, apontou o banco, que o mar descobria (...) Pedi ao velho pormenores do drama que adivinhava e ele mos deu sentado numa pedra, o cachimbo apagado e esquecido entre os dedos, enquanto o sol sulcava de luz e sombra as rugas do seu rosto, cor de algodãozinho tinto com murici e engelhado como vela de jangada que a calmaria deixa tristemente cair sobre o pau da retranca"*¹¹¹.

O corpo do sertanejo é uma extensão de árvores, frutas, tem a cor do chão, homem e natureza são iguais, assim como no trecho abaixo, em que ele descreve:

*"Mostrando na face avelhentada rugas profundas à semelhança de erosões em socacos de argila (...) Ele marcha só, rígido, ereto: e de quando em quando uma lágrima grossa lhe rola pela face ruguenta, numa lentidão de gota de orvalho que escorre pelo tronco de uma aroeira secular..."*¹¹²

BARROSO, Gustavo. A Moça da Sapiranga. *Alma Sertaneja. (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p. 84.

BARROSO, Gustavo. A Louca. *Alma Sertaneja. (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p. 95.

BARROSO, Gustavo. A Moça da Sapiranga. *Alma Sertaneja. (Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão)*. Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923, p. 77.

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de Costallat, 1912, p. 51.

A descrição da paisagem, por si só, carrega grande parte da ação dramática, que chega ao auge pelo uso da analogia entre a natureza e o homem. A dimensão trágica do fenômeno climático aliado às conseqüências da mestiçagem desenha o destino das personagens.

Para completar a caracterização sertaneja o autor sentencia a ignorância deste. Só que o que ele generaliza como ignorância é simplesmente a falta do acesso à cultura letrada:

*"A ignorância do sertanejo é a mais completa possível. Raros sabem ler e desses os mais "letrados" ou "sabidos" só têm lido na sua vida umas brochuras e uns livros que se espalharam pelo sertão no tempo colonial e até hoje são lidos e comentados: História de Carlos Magno e dos doze pares de França, seguida das aventuras de Bernardo Del Carpio, História da Princesa Magalona, da Princesa Teodora, da Imperatriz Porcina, do Menino da Mata e do seu cão Piloto; e como manual para se saberem fases da lua, remédios, etc., o Lunário Perpétuo"*¹¹³.

Na sua tentativa de caracterizar o nortista, Gustavo Barroso deixa explícito referencial simultaneamente arquetípico e a tipologia da ciência médica européia, que pensava as raças consideradas inferiores e os mestiços. No entanto, o retrato desenhado tem o toque final quando afirma a falta de elemento, enquanto possibilidade de ultrapassar etapas.

Gustavo Barroso, no conto **O Patuá**, do livro **Alma sertaneja**, conta a história do roceiro Chico de Paula e de Damião, um "homem sabido" que resolve fazer uma peça em seus conterrâneos, pois:

*"Profundamente conhecia os seus patrícios, sabia da sua credulidade, do seu fanatismo e do que eram capazes (...) O Chico de Paula não teve dúvidas. A sua alma crente repousou nas palavras do Damião, o qual segundo todos diziam era um homem sabido"*¹¹⁴.

Este conto parece ser bem elucidativo do pensamento de Gustavo Barroso. diferencia o homem morador dos sertões seria uma espécie de sabedoria

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol. (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. de 1912, p. 146.

BARROSO, Gustavo. *O Patuá*. In: *Alma Sertaneja. (Contos Trágicos e Sentimentaes do Norte)*. Rio de Janeiro: B. Costalliat, 1923, p. 45.

que não é absolutamente aquela possuída pelo contato com a natureza. O homem sabido seria aquele capaz de escapar ao fatalismo, à credulidade e ao fanatismo.

Barroso oscila continuamente entre a exaltação e o desprezo. As qualidades inferiores das raças em contato com o elemento branco são o fator determinante da vida trágica do homem morador do sertão brasileiro. Entregue à sua própria sorte pela fatalidade geográfica e pela falta de letramento, o mestiço é objeto de admiração, enquanto integrante e unificador do povo e ao mesmo tempo de desprezo, pois que é considerado raça inferior. Eis aqui novamente o paradoxo, o literato que desenha o seu herói, ora com as tintas pálidas da resignação e do fatalismo

*"O fundo supersticioso da raça acordava. Quem sabe se não era verdade, como a história do gato e o assombramento dos ossos de defunto? Sempre ouvia dizer que os velhos não mentiam. Mas o fatalismo e a vergonha de recuar venciam tudo. Ia, o que tivesse de acontecer, aconteceria"*¹¹⁵.

Ora, o tinge com as tintas rubras da coragem do guerreiro que enfrenta a adversidade:

*"Era forçoso abandonar o velho companheiro. Já não podia mais vê-lo. Matava saudades ouvindo-o, com os dedos metidos na barba branca, que lhe caía sobre o peito e fazia destacarem-se as rugas de bronze do seu rosto de marujo antigo, em cujos traços ainda se liam vestígios de uma raça heróica que durante séculos devassara os oceanos"*¹¹⁶.

No entanto, a forma como ele aparentemente resolve isso é quando ele determina ao sertanejo este papel de guardião da memória da nação. Aqui entra a sua concepção de povo como essência primordial de onde jorra uma cultura ancestral e universal, ao mesmo tempo atemporal e ameaçada de desaparecimento. O homem que carrega esse signo de duplicidade nasceu dos universos literários que constituem a visão de mundo do pensamento social brasileiro. O homem trágico de Gustavo Barroso catalisa a sua preocupação com a nação mestiça e ao mesmo tempo permite ampliar a discussão para os aspectos

¹¹⁵ BARROSO, Gustavo. *Finados. Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Lisboa, Aillaud Bertrand, 1915, p. 22.p. 77.

¹¹⁶ BARROSO, Gustavo. *Velas Brancas*. In: *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Lisboa, Aillaud Bertrand, 1915, p. 8.

seriam capazes de determinar a vida deste homem, subjugado pela lida, assim como os heróis trágicos gregos.

É ainda Vernant quem nos indaga:

*“Que dizer desse “homem trágico” nascido em Atenas, no palco do teatro, durante o século V? Através de que traços se deve caracterizar, na sua historicidade e transitoriedade, o rápido momento em que ele surge e se afirma nos grandes dramaturgos áticos, tendo bastado para desvendar, no seio da cultura ocidental, o plano onde cada um poderá doravante ter a experiência do trágico, compreendê-lo, vive-lo em seu foro íntimo?”*¹¹⁷

A resposta estaria em dois pontos, segundo o historiador francês. No primeiro, é que a tragédia tem como matéria a lenda heróica. Não inventa nem as personagens nem a intriga de suas peças. Encontra-as no saber comum dos gregos, naquilo que eles acreditam ser seu passado, o horizonte longínquo dos tempos de outrora. Mas o herói trágico deixa de se apresentar como modelo de vida e se torna problema. Na perspectiva grega, o homem e a ação humana se encontram, mas não como realidades que podemos definir e, sim, como problemas que não conseguem conter uma resposta, incógnitas sempre por decifrar.

Já no segundo ponto, Vernant acredita que a tragédia desempenhou um papel decisivo na tomada de consciência do “fictício”, foi ela que permitiu ao homem grego descobrir-se na sua atividade de artista, como um criador de obras, de ficção.

É justamente essa ficção, os acontecimentos fatídicos que ela mostra em que produzem um efeito, agindo como se fossem reais. De longe, do fictício, os personagens nos dizem algo, mas do externo, situada num lugar diferente daquele do mundo pela vida real. Eles são postos a distância e ao mesmo tempo próximos, momentos em que representados. No modo de existência imaginário, descolado da experimentação do real, mas ao mesmo tempo partindo dele, a ficção que é conhecido, a ficção trágica purifica os sentimentos através da ação:

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga II*. p.90

"Se os purificam é porque, em vez de simplesmente experimentá-los, trazem-lhe através da organização dramática, com seu encadeamento, coerência, unidade formal uma inteligibilidade que o vivido não comporta. Arrancadas da opacidade do particular e do acidental pela lógica de um roteiro que depura simplificando, condensando, sistematizando os sofrimentos humanos, comumente deplorados ou sofridos, tornam-se, no espelho da ficção trágica, objetos de uma compreensão"¹¹⁸.

Dessa forma, o que parece ficar claro é que a atribuição das características de tragicidade ao sertanejo cumpre a função catártica de enobrecê-lo. O personagem de Gustavo Barroso conhece, aceita seu destino de sofrimento imposto pela natureza e por sua etnia e avança para ele, resignado a cumpri-lo, assim como um herói grego.

O repertório de leituras que dá origem a esta visão de mundo e de sociedade serve para justificar uma mentalidade senhorial de distribuição de papéis nesta mesma sociedade, clarificada na composição do personagem sertanejo. Prioritariamente, a tecelagem deste personagem, na obra de Gustavo Barroso, busca compreender e tornar legítima a trajetória deste homem, purgando-o, através da catarse trágica, do estigma da ignorância, da natureza agreste e da mestiçagem.

1. Ibidem., p.96.

Considerações Finais

Apresentar conclusões é uma das exigências de uma dissertação. No entanto, pode se converter numa tarefa um tanto delicada. Isso parece coerente pensarmos que, até o começo do século XX, o conhecimento científico era considerado como uma verdade a qual, a partir do momento do desvelamento, realizava-se. Obviamente, existem hipóteses de trabalho que foram sendo firmadas, suspeitas que tomaram-se afirmações, através de uma metodologia científica.

Porém, não me é possível acreditar em práticas científicas capazes de produzir um conhecimento definitivo, fechado. Sem relativismos, acredito que o conhecimento acadêmico é temporário, móvel e permite interpelações, da mesma forma que o homem que o construiu. É histórico, como toda atividade humana. E é por isso mesmo que vem se superando a cada novo esforço. Bem, a despeito de tudo isso apresento as minhas considerações, finais, ou não.

O universo dos letrados brasileiros na primeira metade do século XX organizava-se nas instituições educacionais e, principalmente, na comunhão de leituras. É justamente esse universo de leituras que possibilita o surgimento de uma distância com relação ao homem popular brasileiro, distância essa geradora de uma imagem de um homem fadado a um destino trágico, inexorável.

A formação do letrado brasileiro constituía-se, basicamente, de uma formação acadêmica cumprida, prioritariamente, nas escolas de Direito. Os bacharéis transformaram-se em uma verdadeira "instituição nacional", e o diploma de bacharel garantia quase sempre a passagem aos cargos da burocracia estatal ou aos cargos eletivos da política.

Estas escolas de Direito, bem como as agremiações literárias, foram os campos de batalha onde os letrados abriram trincheiras na luta contra o pensamento romântico que dominou o cenário das letras no país, até o final do século XIX. Os autores do cientificismo europeu, em seus mais diversos matizes, eram "devorados" pelos letrados brasileiros, que se apropriavam destas leituras de acordo com as necessidades específicas dos setores em que atuavam.

A chegada, a tradução e a seleção de obras e textos não acontece de forma aleatória, e sim de acordo com padrões específicos e localizáveis dos interesses dos grupos dirigentes da vida nacional.

No entanto, apesar das tentativas de se superar a escola romântica, ela continua presente no pensamento social brasileiro. O culto à ciência constituiu-se, justamente, como um indicador dessa permanência. A crença positiva de que a ciência com suas verdades e invenções traria o progresso contínuo em etapas sucessivas de evolução denuncia elementos do romantismo que perduram, apesar da guerra contra o subjetivismo.

Nessa luta contra o subjetivismo e o idealismo é que os letrados brasileiros buscam demonstrar no homem popular brasileiro aquilo que lhe seria próprio, nacional e não àquele construído pela literatura romântica do indianismo. O nacionalismo José de Alencar e Gonçalves Dias, que desenhava no índio, as qualidades e a moral do homem civilizado, como nascente da identidade nacional, foi substituído pela literatura que procurava a essência da nacionalidade no mestiço, produto da mistura de raças que colonizaram o país.

O ritmo veloz da urbanização, o consumo da moda, dos hábitos e da literatura produzida pelo continente europeu nas grandes cidades, fez com que os letrados brasileiros acreditassem que a cultura estaria guardada intacta nos locais onde aquelas inovações ainda não teriam chegado. Nos sertões, longe dos centros de decisão política estariam a cultura e o homem brasileiro.

A tentativa de superar o idealismo traduziu-se num desejo de retratar com fidelidade as condições de vida dos moradores do interior do país. No entanto, as obras oscilaram entre aqueles que, simplesmente, trocaram o índio pelo caboclo

como Coelho Neto, e aqueles que viam o mestiço como um problema, para a nação brasileira, como Silvio Romero.

As práticas científicas, nesse momento, transformam-se na autoridade para o conhecimento do homem morador do sertão. A biologia é o paradigma por onde se guia o pensamento dos homens de ciência que acreditavam poder prever o comportamento humano através das teorias sociais de origem européia.

Os pensadores europeus estavam bastante empenhados em realizar uma justificação para a dominação exercida sobre os continentes americano, africano e asiático, onde a colonização era a realidade. A mestiçagem, como resultado do contato íntimo entre as culturas diferentes, era uma preocupação premente. Como localizar as conseqüências biológicas do ser gerado entre as raças consideradas inferiores era preocupação dos cientistas.

A ciência seria a única capaz de prever, consertar e até evitar os desvios dos indivíduos oriundos das raças inferiores, das classes perigosas, ou mesmo daqueles considerados incapazes como os loucos e as mulheres.

No Brasil, um paradoxo é instalado e vivido pelos letrados. A apropriação que eles realizam das teorias sobre raça de origem européia resolve ideologicamente o problema da dominação. Através de uma justificativa "*natural*", a incapacidade biológica das raças inferiores, acrescidas do conseqüente letramento, dava-se à sociedade brasileira a característica de uma sociedade senhorial, onde a cor e o letramento convergiam para determinar a posição social.

A ambigüidade de suas teorias torna-se exacerbada quando este homem sertanejo é elevado à categoria de receptáculo da brasilidade. De que forma este homem de trajetória trágica pode levar o Brasil a tornar-se uma grande nação?

As causas dessa tragicidade seriam, em primeiro lugar, a mestiçagem. As teorias dos pensadores europeus postulavam que a mestiçagem seria um dano para o desenvolvimento das sociedades, já que o mestiço seria um degenerado, por herdar os traços das raças inferiores, ao invés daqueles das raças superiores. Não somente os mestiços, mas também os americanos, os negros e os asiáticos não seriam capazes de alcançar os níveis de progresso das sociedades brancas e européias.

Em segundo lugar, a convivência com o meio bárbaro. A natureza rebelde e ameaçadora moldaria o caráter e o submeteria, não deixando escolhas. A dominação da natureza pelo homem é o postulado básico da sociedade pragmática e capitalista. Se o sertanejo não preenche esse requisito parece impossível, que ele possa ascender à civilização. O Determinismo Geográfico tomava o homem um subproduto das condições climáticas.

Diante desses condicionantes, o homem sertanejo apresenta-se como um personagem trágico sem condições de reverter o quadro assolador da mestiçagem e da natureza avara que habita. A literatura regionalista de Gustavo Barroso buscou retratar este homem sertanejo dando-lhe um sentido, o de depositário da nação brasileira.

Através da idéia de tragédia, a trajetória sofrida do sertanejo, transforma-se em catarse, purificando-o das incapacidades, das taras étnicas, do atavismo, transformando-o num arquétipo aproximado dos heróis clássicos e medievais. O homem natural, ancestral, figura ideal, capaz de resolver o conflito instalado no pensamento social brasileiro: como este trágico sertanejo pode ser o povo brasileiro, e levar o país a equiparar-se às grandes nações do "Velho Mundo".

Certeau afirma que a história deve ser o lugar do despojamento, onde aquilo que parece atemporal mostra seus inícios, suas brechas, onde aquilo que parece ser natural apresenta seus condicionamentos sociais e culturais. Por isso, não há literatura fora de seu tempo, de seu grupo. Não há neutralidade onde existe a presença, por toda parte, de mecanismos sociais de seleção, de crítica, de repressão. É isto que mostra a violência instaurada no saber letrado, a história pode colocar esse processo a nu.

*"A história está nisso, ainda que não seja senão isto: o lugar privilegiado onde o olhar se inquieta"*¹.

Esta é a preocupação que norteia este trabalho: qual a função social da cultura letrada? Qual sua especificidade política? Estou falando de mim mesma já que é nela que estou inserida, bem como o trabalho que faço...

¹ CERTEAU, Michel de. A Beleza do Morto. In: *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo, Papirus, 1995, p.81.

FONTES

1. FONTES BÁSICAS

1.1. OBRAS DE GUSTAVO BARROSO

CONTOS E ROMANCES

Praias e Várzeas. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Lisboa, Aillaud Bertrand, 1915.

Casa de Maribondo. São Paulo: Edição da "Revista do Brasil" - Monteiro Lobato & cia, 1921.

Mula sem Cabeça. São Paulo: Edições Olegário Ribeiro, 1922.

Alma Sertaneja. (*Contos Trágicos e Sentimentaes do Sertão*). Rio de Janeiro: B. Costallat, 1923.

Tiçãõ do Inferno (*Romance Bárbaro*). Rio de Janeiro: B. Costallat & Miccolis, 1926.

O Santo do Brejo. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

A Senhora de Pangim. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca-Agência Geral das Colônias, 1940.

Mississipi. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

POESIA.

As Sete Vozes do Espírito. Rio de Janeiro: Olegário Mariano, 1946.

SOCIOLOGIA SERTANEJA

Terra de Sol. (*Natureza e costumes do Norte*). Rio de Janeiro: B. de Áquila, 1912.

Heróis e Bandidos. São Paulo, Francisco Alves, 1917

Almas de Lama e de Aço (*Lampião e outros Cangaceiros*). São Paulo-Cayeras-Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.

HISTORIOGRAFIA

História Secreta do Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.

À Margem da História do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.

ENSAIOS

Ideas e Palavras. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1917.

A Inteligência das Cousas. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1923.

O Livro dos Milagres. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924.

Aquém da Atlântida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

Luz e Pó. Rio de Janeiro: Renascença, 1932.

Quinas e Castelos. São Paulo: Panorama, 1948.

FOLCLORE

Ao Som da Viola. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1921

O Sertão e o Mundo. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1923

Através dos Folk-lores. São Paulo-Cayeras-Rio: Companhia Melhoramentos, 1927.

MEMÓRIAS

Coração de Menino. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1939.

Liceu do Ceará. Rio Janeiro: Getúlio Costa, 1940.

O Consulado da China. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, s.d.

TECNICAS DE MUSEUS

Introdução à Técnica de Museus. Vol. I. *Rio de Janeiro; Ministério da Educação e Saúde, Gráfica Olímpica, 1951.*

Introdução à Técnica de Museus. Vol. II. *Rio de Janeiro; Ministério da Educação e Saúde, Gráfica Olímpica, 1947.*

CARTILHAS INTEGRALISTAS

O Integralismo de Norte a Sul. *Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.*

Brasil Colônia de Banqueiros. *Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1934.*

O Quarto Império. *Rio de Janeiro; José Olympio, 1935.*

O Que o Integralista Deve Saber. *Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.*

O Integralismo em Marcha. *Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1936.*

O Integralismo e o Mundo. *Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1936.*

Os Protocolos dos Sábios de Sião (tradução). *São Paulo; Minerva, 1936.*

O Espírito do Século XX. *Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1937.*

Judaísmo, Maçonaria e Comunismo. *Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1937.*
Integralismo e Catolicismo. *Rio de Janeiro; ABC LTDA, 1937.*

1.2. BIOGRAFIAS

CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso: Sol, Mar e Sertão*. Fortaleza, Edições UFC, 1988.
JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Gustavo Barroso: Vida, Contexto e Idéias*. Fortaleza, Cadernos do NUDOC, Série História, 6, março de 1990.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, *Bio-bibliografia de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro, Museu Histórico, 1959.

1.3. REVISTAS E PERIÓDICOS

"INSTITUTO DO CEARÁ"

Tomo III, *Memória*, Naturalista Feijó, ano 1889, p. 03 - 27
Tomo XXXV, *Cartas como Membro da Comissão Científica de 1859*, Gonçalves Dias, ano 1921, p. 146 - 151
Tomo XXXVIII, *Martyrologio dos Camelos no Ceará*, Inácio Raposo, ano 1924, p. 213-230
Tomo 54, *Alguns Aspectos da Geografia Humana Cearense*, Thomaz Pompeu Sobrinho, ano 1940, p. 153 - 192
Tomo CII, ano CII, *Centenário de Gustavo Barroso*. Eduardo Campos. Fortaleza, 1988, p. 17.

"ANAIIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL"

Volume III, *A idéia da Criação do Museu Histórico Nacional*. Adolpho Dumans. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Imprensa Nacional, 1945. p. 383.

"COLLECÇÃO DAS LEIS DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL DE 1922". Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.

Índice dos Actos do Poder Legislativo, Vol. I, Janeiro a Dezembro de 1922. No. 4.492 de 18 de Janeiro de 1922.

Índice dos Actos do Poder Executivo. Vol. II, Janeiro a Junho de 1922. No. 15.431 de 05 de Abril de 1922.

"O CRUZEIRO"

Coluna de Gustavo Barroso: "*Segredos e Revelações da História do Brasil*".

28 de Agosto de 1954/ Ano XXVI - Número 47/ p.29 - *A Primeira Polícia Militar do Rio de Janeiro*.

13 de Fevereiro de 1960/ Ano XXXII - Número 18/ p. 92 - *O Brasil e a Estratégia do Atlântico Sul*

PANORAMA"

BARROSO, Gustavo. *A Família Através das Civilizações*. São Paulo, Janeiro de 1936, 1.

4. OPÚSCULOS

ARVALHO, Nair de Moraes. *As Comemorações do Setuagésimo Aniversário do Fundador do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, Sociedade Editora Gráfica, 1959.

ARCONDES, Thomaz Oscar. *O Acadêmico Gustavo Barroso e o seu Processo "ui Generis" de Cuidar de História*. São Paulo: ?, 1950.

5. JORNAIS

QUINZENA - 1887

edição fac-similar, Fortaleza; Gráfica do BNB, 1984.

6. OBRAS LITERÁRIAS

ANHA, Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1985, 1ª edição 1902.

QUILLO e SÓFOCLES e EURÍPEDES. *Os Persas, Electra, Hécuba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (século V a.C.)

UGO, Victor. *Do Grotresco e do Sublime – Prefácio de Cromwell*. São Paulo: Perspectiva, 1988. 1ª edição 1827.

UBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1957. 1ª edição 1918.

SHAKESPEARE, William. *Otelo, o Mouro de Veneza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (1604)

SHAKESPEARE, William *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Melhoramentos, 1956. (1600)

SŒFOCLES. *Rei Édipo, Antígone, Prometeu Acorrentado*. Rio de Janeiro, Edições Ouro, s.d. (século V a.C.)

SŒFOCLES. *Édipo Rei*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (século V a.C.)

VORA, Franklin. *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1988. 1ª edição 1876.

OSOFIA

ISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.

ETZSCHE, Friedrich. *A Origem da Tragédia*. Lisboa: Guimarães, 1985.

VIAJANTES

ASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil - 1865 -1866*. Rio de Janeiro: Siliana, 1941.

RDNER, George. *Viagens ao Interior do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 2.

DER, Daniel P. *Viagens pelo Brasil*. São Paulo, Nacional, 1941.

STER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, São Paulo, 1942.

OBRAS DE JORNALISMO

RETO, Lima. *Vida Urbana (artigos e crônicas de 1917 a 1918)*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

OBRAS DE SOCIOLOGIA

ERRA, Antonio. *O Ceará e os Cearenses*. Edição fac-símile-1906.-Fortaleza: Edição Waldemar Alcântara, 2001.

BONFIM, Manoel. *América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro: Edições A Noite, 1905.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1902.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 2 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

MENEZES, Djacir. *O Outro Nordeste: Ensaio sobre a Evolução Social e Política do Nordeste da "Civilização do Couro" e suas Implicações Históricas nos Problemas Gerais*. Fortaleza: Edições UFC/Casa de José de Alencar, 1995. 1ª edição 1936.

PINTO, Edgard Roquete. *Seixos Rolados*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia. 1927.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. São Paulo: 1928.

RODRIGUES, Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1894.

ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert & cia, 1889.

TORRES, Alberto. *O Problema Nacional Brasileiro*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. 1ª edição 1914.

VIANA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro; Brasiliiana, 1922.

1. 10. OBRAS HISTORIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CATUNDA, Joaquim. *Estudos de História do Ceará*. Tipografia Gadelha, Fortaleza, 1919.

STUDART, Guilherme. *Datas e Fatos para a História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. 1ª edição 1896.

11. OBRAS DE CIÊNCIAS NATURAIS

ARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Univ. de Brasília, 1982. 1ª edição 1859.

1. 12. OBRAS DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Vol II. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

CASTELO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira*. Vol I e II. São Paulo: EDUSP, 1999.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1960.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, 1ª edição, 1888.

VERISSIMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1977. 1ª edição 1907.

VERISSIMO, José. *Últimos Estudos de Literatura Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1979 (escritos entre 1907-1912).

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras Artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 1999.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. "As Malvadezas da Identidade" In Cadernos NUDOC – *Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão (orgs.). *De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2000.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1993.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum: O Sertão do Ceará na Literatura do Século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Séc. de Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. "A Experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricouer e o lugar da interpretação" In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Ed. Unijuí, Vol.17, N 33, 1997.
- BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1986.
- BARTHES, Roland. *Análise Estrutural da Narrativa*. Rio de Janeiro, Vozes, 1971.
- BENJAMIN, Walter. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1991.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOBBIO, Norbert. *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BORNHEIM, Gerd. *O Sentido e a Máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

- BOSI, Alfredo. *O Pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOUTIER, Jean e Júlia, Dominique (orgs.). *Passados Recompuestos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998.
- BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1962.
- BRANDÃO, Junito. *Teatro Grego*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRESCIANI, Ma. Stela Martins. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 6, n. 11, p. 7-44/ set. 1985-fev. 1986.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil em 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1971.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas/São Paulo, Papirus, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas/São Paulo: Papirus, 1997.
- CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas/São Paulo: Papirus, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural - Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros – Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII*. Brasília: EUNB, 1999.
- CHALOUB, Sidney (org.). *Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHALOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim. O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHIAPPINI, Lígia (org.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.
- CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- COLARES, Otacílio. *Lembrados e Esquecidos II*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976.
- COSTA, Lígia Millitz e REMÉDIOS, Maria Luiza. *A Tragédia – Estrutura & História*. São Paulo: Ática, 1988.
- COSTA, João da Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- CRISTOVÃO, Fernando. "A Transfiguração da Realidade Sertaneja e a sua Passagem a Mito (A Divina Comédia do Sertão)" In *Revista USP – Dossiê Canudos*. São Paulo: Edusp, N 20. 1993/1994.
- DAMATA, Roberto. *Relativizando: uma introdução a Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

- DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na "Belle Epoque": a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- DE DECCA, Edgard. *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade UFRGS, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DOMINGUES, Heloísa Ma. Bertol. *As Relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil - Império*. Tese de Doutorado, Depto História, FFCH-USP, São Paulo, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia: 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUINSBURG, Jacob. *Fundamentos Históricos do Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- RAMSCI, Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- OBSBAWN, Eric. *O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- MESON, Fredric. *O Inconsciente Político - A Narrativa como Ato Socialmente Simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
- RY, Mário da Gama. *Ésquilo, Sófocles, Eurípedes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- ÃO, Carneiro. *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- TE, Lúgia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo (ou A Polêmica em Torno da Ilusão)*. São Paulo: Ática, 1987.

- LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: - *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- MICELI, Sergio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.
- MONTENEGRO, João Alfredo. *O Integralismo no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986.
- MONTENEGRO, Abelardo. *O Romance Cearense*. Fortaleza: Tip. Royal, 1953.
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle Epoque Tropical – Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, Almir Leal. *Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX. Dissertação de Mestrado, Depto História, PUC-SP, São Paulo, 1998*.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso Fundador (A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional)*. Campinas: Pontes, 1993.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PARENTE, Josênio. *Anauê*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.
- PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil – Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PENNA, Maura. *O que Faz Ser Nordestino*. São Paulo: Cortez, 1992.

- LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: - *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- MICELI, Sergio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.
- MONTENEGRO, João Alfredo. *O Integralismo no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986.
- MONTENEGRO, Abelardo. *O Romance Cearense*. Fortaleza: Tip. Royal, 1953.
- MUEDELL, Jeffrey. *Belle Epoque Tropical – Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, Almir Leal. *Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX*. Dissertação de Mestrado, Depto História, PUC-SP, São Paulo, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Eni Puccinelli. *Discurso Fundador (A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional)*. Campinas: Pontes, 1993.
- OLIVEIRA, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OLIVEIRA, Josênio. *Anauê*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.
- OLIVEIRA, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil – Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- OLIVEIRA, Maura. *O que Faz Ser Nordestino*. São Paulo: Cortez, 1992.

- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (1870 – 1920). História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1988.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*. Teresina: Ed. UFPB, 1998.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa – tomo III*. Campinas/São Paulo: Papirus, 1997.
- RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954
- ROMILLY, Jaqueline De. *A Tragédia Grega*. Brasília: Ed. UNB, 1998.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, M. Veloso e MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- SARTRE, Jean Paul. *Em Defesa dos Intelectuais*. São Paulo: Ática, 1972.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHWARZ, Lilia. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCLIAR, Moacir. *Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: tensão social e criação literária na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. No Princípio era o Ritmo: as raízes xamânicas da narrativa In *Colóquio UERJ "Narrativa: Ficção e História"*. Imago, outubro de 1998.
- SILVA, Marcos (org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003.

- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino*. São Paulo: Moderna, 1894.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SOUSA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais de Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Brasil, 1987.
- SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual romance? Uma Ideologia Estética e sua História: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social In *As Peculiaridades dos Ingleses*. Campinas: EDUNICAMP, 2001.
- THOMPSON, E. P. *Os Românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- TRINDADE, Helgio. *Integralismo, o Fascismo Brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga II*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. São Paulo: Difel, 1981.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WHITE, Hayden. *Meta-História: a Imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.
- ZUNTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.